



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
PSICOLOGIA NÍVEL DOUTORADO

# **SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR ESTUDANTES DE MEDICINA E DIREITO À SUA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA**

Ivoni de Souza Fernandes

Goiânia  
2012



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS  
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
PSICOLOGIA

# **SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR ESTUDANTES DE MEDICINA E DIREITO À SUA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA**

Ivoni de Souza Fernandes

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutora em Psicologia.

Área de concentração: Processos Psicossociais (Psicologia Social)

Orientadora: Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa

Goiânia  
2012

F363s      Fernandes, Ivoni de Souza.  
              Sentidos e significados atribuídos por estudantes de  
              medicina e direito à sua formação universitária [manuscrito] /  
              Ivoni de Souza Fernandes. – 2012.  
              218 f. ; 30 cm.

              Bibliografia  
              Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de  
              Goiás, Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em  
              Psicologia, 2012.  
              Orientação da Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa.  
              Inclui Apêndice.  
              Inclui Anexo.

              1. Psicologia social. 2. Estudante – medicina – direito –  
              sentidos – significados – estudo. 3. Formação universitária.  
              4. Conhecimento – sociedade – família – mediação. I. Título.  
              CDU: 316.6:378(043.2)



**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM**  
**PSICOLOGIA**

Ivoni de Souza Fernandes

**SENTIDOS E SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS POR ESTUDANTES DE MEDICINA E  
DIREITO À SUA FORMAÇÃO UNIVERSITÁRIA**

Esta tese foi apresentada à banca como requisito parcial para a obtenção do título de Doutora em Psicologia do Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Goiânia, 11 de maio de 2012

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Presidente da banca

Profa. Dra. Maria Ignez Costa Moreira  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais  
Membro convidado externo

Profa. Dra. Edna Mendonça Oliveira de Queiroz  
Universidade Federal de Goiás  
Membro convidado externo

Profa. Dra. Denise Silva Araújo  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Membro convidado interno

Profa. Dra. Lenise Santana Borges  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Membro convidado interno

Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Membro convidado suplente

Profa. Dra. Daniela Sacramento Zanini  
Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Membro convidado suplente

Tenho uma espécie de dever de sonhar sempre, pois, não sendo mais, nem querendo ser mais, que um espectador de mim mesmo, tenho que ter o melhor espetáculo que posso.

Fernando Pessoa (Bernardo Soares)

O livro do desassossego

## **AGRADECIMENTOS**

Sempre somos solitários ao elaborar uma tese. Entretanto, neste caminho, várias pessoas se fizeram presentes e, direta ou indiretamente, colaboraram para que esta pesquisa pudesse ser finalizada com êxito. Assim, agradeço

A Deus, por sua presença constante em minha vida, pois só Ele conhece nossas necessidades, nossos sonhos e nossas fraquezas.

À minha orientadora, Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes de Sousa, que com muita paciência, respeito, compreensão e profissionalismo compartilhou comigo o desafiante caminho de construção desta tese, mostrando-me que não há vitória sem luta.

Aos membros da banca de qualificação desta tese, Profa. Dra. Maria Ignez Costa Moreira, Profa. Dra. Edna Mendonça Oliveira de Queiroz e Profa. Dra. Lenise Santana Borges, pelas relevantes contribuições.

Aos membros da banca de defesa desta tese, Profa. Dra. Maria Ignez Costa Moreira, Profa. Dra. Edna Mendonça Oliveira de Queiroz, Profa. Dra. Lenise Santana Borges, Profa. Dra. Denise Silva Araújo, Prof. Dr. Pedro Humberto Faria Campos e Profa. Dra. Daniela Sacramento Zanini, que aceitaram fazer parte desta banca, meu profundo agradecimento pelas inestimáveis contribuições, em sua gentil e dedicada atenção visando o aprimoramento desta tese.

À Profa. Me. Suzana Oellers, a querida Su, pelos bons encontros, carregados de afeto e estímulo, sempre me incentivando com palavras de coragem, e por sua zelosa revisão desta tese.

Aos jovens universitários dos cursos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás (UFG), sujeitos da pesquisa, sem os quais esta tese não seria possível, por disponibilizar seu tempo e aceitar o convite para participar desta pesquisa. Eles foram os mediadores que catalisaram o saber em poder de transformação social.

Aos meus pais, pela forte presença afetiva em toda a minha vida e, particularmente, porque me ensinaram a ser crítica e solidária.

Ao meu esposo, Dávison Fernandes, pelo apoio e ajuda nas horas em que mais precisei, compreendendo a minha falta de tempo e o meu cansaço.

Aos meus filhos, Léverson e Dávison, pelo incentivo, apoio, compreensão, cumplicidade, amizade e renovação, a cada dia, de minha fé no ser humano, nos momentos mais difíceis dos meus estudos, durante toda esta trajetória.

Às minhas noras, Zilma Paula e Daniela Jendiroba, ativas e intensas protagonistas da vida, agradeço de forma especial e muito carinhosa, pela compreensão por minhas muitas ausências em nosso cotidiano.

Às minhas princesinhas, Gabriela, Julyanna e Valentina, para quem deixo o meu exemplo de pesquisadora, sempre disciplinada e determinada em minhas ações.

Aos meus parentes e amigos, que embora não tenham participado diretamente do meu trabalho, sempre compreenderam minhas ausências nos momentos em que fui solicitada.

Aos colegas do programa de pós-graduação e dos grupos de pesquisa da orientadora Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes de Sousa: Dra. Raquel Maracaípe de Carvalho, Me. Lígia da Fonseca, Me. Mara Cristina Pacheco Suassuna, Me. Nívia Claudia Santos Leite, Me. Thais Toledo Rocha, Me. Valéria de Jesus, Me. Vinícius Novais Gonçalves de Andrade, Divino José, Nilma Teixeira de Carvalho. Cada um a seu modo, compartilhou comigo alegrias e angústias.

Aos colegas de trabalho, especialmente à professora Flávia Cristina, da Faculdade Padrão, que sempre foram carinhosos e bastante atenciosos comigo em relação ao meu percurso profissional.

À Secretaria de Educação do Estado de Goiás, pelo apoio concedido na forma de licença para aprimoramento profissional.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás (FAPEG), pela bolsa que viabilizou a realização do curso de doutorado e desta pesquisa.

A todas as pessoas com quem convivi nos últimos anos e que me proporcionaram o entorno humano para a elaboração desta tese.

Espero poder continuar tendo o privilégio de realizar novas investigações científicas. Sinto-me hoje comprometida, não apenas com o meu exercício profissional como professora universitária, mas também com a ciência e a educação. Tenho a convicção de que me tornei uma pesquisadora.

Findos os quatro anos de doutorado, afirmo que o aprendizado foi árduo, porém gratificante e frutífero. As dificuldades enfrentadas se dissipam e o que aflora é o sentimento de gratidão a todos aqueles, que, intensa ou pontualmente, contribuíram para a elaboração desta tese. E foram muitos...



### *Os jovens*

Os jovens são assim mesmo  
Agem sem pensar  
Pensam após agir  
Agem por impulso...  
Sem medo do que possam sentir.

Têm vontade de gritar...  
Medo de não poder  
Têm vontade de chorar  
Receio de se arrepender  
Jovens se prendem, se rendem.

Jovens “pensam mais com o coração”  
Estão dispostos a “tudo”...  
Se rendem ao som de uma canção  
Dispõem-se ao que vem do fundo.

Se arriscam a fazer...  
Quebram totalmente o protocolo  
Se sentem felizes com isso  
Soberanos...  
Depois correm em busca de colo.

“Jovem quer: jovem pode”  
Desviam dos obstáculos da vida  
E quando caem...  
Se levantam, a poeira sacodem.  
E cicatrizam as feridas.

Jovens se sentem...  
Jovens querem ser...  
Jovens entendem...  
Jovens querem ver...

Jovens têm pudor...  
Sentem frio...  
Sentem calor...  
Jovens envelhecem  
Jovens sentem amor  
Se sentem enfurecidos  
Quando se sentem esquecidos  
Jovem esquece,  
Tem jovem que se sente sofredor.

Os jovens querem espaço  
Jovens criam, se angustiam.  
Se sentem felizes, se sentem mal.  
Têm jovens que têm medo do “lobo mau”.

Para ser jovem não precisa estar “novo”.  
Tem jovem que se sente “velho”  
Tem “velho” que não se acha idoso.

Jovens têm sentimentos  
Têm fraquezas  
Têm garra e dedicação...  
Jovens têm belezas.  
Jovens sentem EMOÇÃO...

**César Gabriel Pereira Nascimento**

## RESUMO

Esta tese resultou de pesquisa para apreender os sentidos e os significados atribuídos por estudantes de medicina e direito, aprovados nos vestibulares em 2005, 2006 e 2007, à sua formação universitária, no contexto do ensino público federal e para compreender as dimensões que se fazem presentes em suas relações consigo mesmos, com seus pares, sua família, a universidade e a sociedade. A presente pesquisa, pautada pelos pressupostos teórico-metodológicos da psicologia sócio-histórica de Vygotsky, fundamentados na perspectiva do materialismo histórico dialético, enquadra-se no tipo qualitativo, utilizando a proposta metodológica da triangulação de procedimentos: questionários, entrevistas e grupos focais. Participaram deste trabalho 12 jovens, com idades entre 18 e 24 anos. Um problema não pode ser estudado senão pela linguagem, por meio dos significados e sentidos. Os sentidos e os significados não são compreendidos separadamente, porquanto, embora cada qual tenha suas especificidades, um não existe sem o outro, pois um está contido no outro. O significado se constitui por meio da história e da vida social do sujeito. Nesta tese, foram estudados jovens individuais, concretos e únicos, mas que revelam a universalidade contida em cada um, possibilitando compreendê-los como indivíduos significantes que têm o que fazer, pensar, sentir. A partir dos núcleos de significação, os sujeitos apreenderam os sentidos e os significados que cada um deles atribuiu à sua formação universitária. Eles revelaram que sua trajetória é marcada por responsabilidade e compromisso. A partir da tese central, procurou-se defender outras, como a família é o lugar legítimo para a educação/criação dos filhos. De forma geral, este trabalho desvelou a família significada como instituição central em seus processos de socialização, pois possibilita aos jovens condições socioeconômicas e emocionais para a sua preparação, ingresso e permanência na universidade. A tese está organizada em três partes: jovens universitários: dimensões socioeconômicas e familiares e cenário cultural-acadêmico dos sujeitos pesquisados; sociedade e família: espaço de poder e mediação do conhecimento; o percurso acadêmico e o conhecimento atribuído pelos sujeitos à sua formação.

**Palavras-chave:** Formação universitária. Juventude. Psicologia socio-histórica. Sentido e significado.

## **ABSTRACT**

### **SENSES AND MEANINGS ATTRIBUTED BY MEDICAL AND LAW SCHOOL STUDENTS TO THEIR HIGHER EDUCATION**

This thesis is the result of a research to apprehend the senses and meanings attributed by medical and law school students, who entered the university in 2005, 2006 e 2007, to their higher education, in the public federal educational system context, and to understand the dimensions that are present in their relationships with themselves, their peers, their family, the university, and the society in the municipality of Goiânia. The present research, based on the theoretical and methodological principles of Vygotsky's social-historical psychology, focusing on the historical and dialectical materialism perspective, is qualitative and applies the methodological proposal of triangulation procedure: questionnaires, interviews, and focal groups. The participants of this research were 12 youngsters, aged between 18 and 24 years. A problem can just be studied through the language, by means of meanings and senses. Senses and meanings are not understood separately, because, although each of them has its specificities, one does not exist without the other, since one is contained in the other. The meaning is constructed through the subject's history and social life. In this thesis, we studied individual, concrete, and unique youngsters, who revealed the universality contained in each person, making it possible to understand them as significant individuals who act, think, and feel. According to the core meanings of this study, the participants apprehended the senses and meanings that each of them attributed to their higher education. They revealed that their trajectory is marked by responsibility and commitment. From the principal thesis, others were also pursued, such as the family is the legitimate place for educating/raising children. Overall, this thesis evidenced that the family is signified as a core institution in its processes of socialization, since it provides the youngsters with social, economical, and emotional conditions for their preparation, entrance, and permanence in the university. This thesis is organized in three parts: Young university students: social-economical and family dimensions and cultural-academic scenario of the participants; society and family: space of power and knowledge mediation; the academic trajectory and the knowledge attributed by the subjects to their formation.

**Key words:** Higher education. Youth. Social-historic psychology. Sense and meaning.

## LISTA DE ABREVIATURAS

<b>GF1</b>	Grupo Focal 1
<b>GF2</b>	Grupo Focal 2
<b>IBGE</b>	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
<b>NIAF</b>	Núcleo de Pesquisa da Infância, Adolescência, Juventude e Família
<b>PUC Goiás</b>	Pontifícia Universidade Católica de Goiás
<b>SPSS</b>	<i>Statistical Package for the Social Sciences</i>
<b>UFG</b>	Universidade Federal de Goiás

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>Quadro 1.</b>	Vagas oferecidas nos cursos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás no período 2005–2007. ....	29
<b>Tabela 1.</b>	Tipos de moradia dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	180
<b>Tabela 2.</b>	Renda familiar dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	181
<b>Tabela 3.</b>	Profissão dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	182
<b>Tabela 4.</b>	Nível de escolaridade dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	188
<b>Tabela 5.</b>	Distribuição por sexo dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	191
<b>Tabela 6.</b>	Distribuição por faixa etária dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	192
<b>Tabela 7.</b>	Estado civil dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	193
<b>Tabela 8.</b>	Ano escolar que cursam os acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	194
<b>Tabela 9.</b>	Trabalho dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	195

<b>Tabela 10.</b>	Ano de conclusão do ensino médio dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	196
<b>Tabela 11.</b>	Tempo de estudo no cursinho pré-vestibular dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	197
<b>Tabela 12.</b>	Número de vezes que os acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa prestaram vestibular. ....	198
<b>Tabela 13.</b>	Motivo de escolha do curso relatado pelos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	199
<b>Tabela 14.</b>	Sentido do curso na vida dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	200
<b>Tabela 15.</b>	Nível de satisfação com a escolha do curso dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	201
<b>Tabela 16.</b>	Acesso a informações dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	202
<b>Tabela 17.</b>	Participação em atividades extracurriculares dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	203

<b>Tabela 18.</b>	Relacionamento com pais, mães e irmãos dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	204
<b>Tabela 19.</b>	Opções de lazer e cultura dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	207
<b>Tabela 20.</b>	Qualidades autoatribuídas pelos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	211
<b>Tabela 21.</b>	Amigos e experiências sexual-afetivas dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	212
<b>Tabela 22.</b>	Projetos para o futuro dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa. ....	215

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1 JOVENS UNIVERSITÁRIOS: DIMENSÕES SOCIOECONÔMICAS E FAMILIARES E CENÁRIO CULTURAL-ACADÊMICO DOS SUJEITOS PESQUISADOS</b> .....	39
1.1 Contextualização das famílias dos sujeitos pesquisados .....	39
1.2 Perfil dos jovens pesquisados .....	44
1.3 Percurso acadêmico dos sujeitos pesquisados .....	47
1.4 Vida universitária dos jovens pesquisados .....	48
1.5 Dimensões subjetivas .....	51
1.6 Sujeitos entrevistados .....	57
1.6.1 Estudantes de medicina .....	59
1.6.2 Estudantes de direito .....	61
<b>2 SOCIEDADE E FAMÍLIA: ESPAÇO DE PODER E MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO</b> .....	64
2.1 Sociedade: significados atribuídos .....	64
2.1.1 A sociedade em suas relações de proximidade e seus atravessamentos .....	64
2.1.2 Sociedade: o estabelecimento de uma crítica .....	67
2.2 Os significados e os sentidos atribuídos à família .....	72
2.2.1 Família: importante espaço de socialização .....	72
2.2.2 Escolarização dos pais e apoio aos filhos .....	74
2.2.3 Importância que atribuem aos estudos .....	79
2.2.4 Vivência familiar: sentidos atribuídos à família .....	82
<b>3 O PERCURSO ACADÊMICO E O CONHECIMENTO ATRIBUÍDO PELOS SUJEITOS À SUA FORMAÇÃO</b> .....	101
3.1 Trajetória escolar: “o que mais marcou a minha vida estudantil” .....	101
3.2 Decisão: a escolha do curso .....	116
3.3 Significado de fazer um curso superior .....	122
3.4 Leitura: ampliação do conhecimento .....	127
3.5 Formação acadêmica: espaço de valorização mediado .....	132
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	145
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	151



<b>APÊNDICES</b> .....	156
<b>Apêndice A. Termo de consentimento livre e esclarecido</b> .....	157
<b>Apêndice B. Roteiro para o questionário semiestruturado</b> .....	161
<b>Apêndice C. Roteiro para a entrevista semiestruturada individual</b> .....	174
<b>Apêndice D. Guia para a condução do grupo focal</b> .....	177
<b>Apêndice E. Tabelas</b> .....	180
<b>ANEXOS</b> .....	216
<b>Anexo A. Declaração de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Médica Humana e Animal do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás</b> .....	217
<b>Anexo B. Texto para leitura no grupo focal</b> .....	218

## INTRODUÇÃO

Esta tese se centraliza na preocupação de apreender os sentidos e os significados atribuídos pelos estudantes de medicina e direito à sua formação acadêmica universitária no contexto do ensino público federal, bem como de compreender as dimensões que se fazem presentes em suas relações consigo mesmos, com seus pares, suas famílias, a universidade e a sociedade.

Neste estudo, parte-se da compreensão de que a juventude é sócio-historicamente constituída como categoria analítica e que também o jovem, como sujeito, se constitui no processo sócio-histórico.

Acentua-se, aqui, o desafio de pensar/conceituar/analisar a juventude a partir de saberes complementares e interdisciplinares com o objetivo de abarcar os nexos constitutivos das concepções que os jovens têm de mundo.

Eleger como tema de estudo a juventude é uma forma de participar do debate contemporâneo sobre o sujeito jovem, assim como de contribuir para que este debate efetivamente inclua as diversas e complementares juventudes existentes na atualidade.

A escolha deste tema deu-se especialmente por três razões. Inicialmente, por entender a relevância de estudar a temática da juventude tendo como base a psicologia sócio-histórica. Em segundo lugar, pelo interesse em compreender como esses jovens são constituídos no contexto universitário contemporâneo. E, finalmente, para tentar apreender os sentidos e os significados que os estudantes pesquisados atribuem à formação recebida, assim como a outras dimensões de sua existência.

Quanto à escolha dos dois cursos – medicina e direito – justifica-se por estudos e pesquisas realizados anteriormente, principalmente pela leitura da tese de doutorado de Queiroz (2008), que pesquisou os jovens estudantes destes dois cursos e investigou de que modo a família, como instância de mediação da sociabilidade, continua operando na constituição do jovem na atualidade. Dessa forma, foi possível examinar como as diferentes dimensões da vida familiar e escolar

interferem na constituição do jovem, o que permitiu aprofundar a compreensão da trajetória escolar de jovens em espaços educacionais.

A presente investigação teve como propósito dar continuidade aos estudos sobre essa temática de modo a apreender o sentido atribuído pelos jovens estudantes à sua formação universitária e tentar romper com o senso comum que rotineiramente associa jovem/juventude com problemas/dificuldades. O intuito foi justamente provocar a discussão sobre juventude a partir do jovem que, pelo menos pela aparência do ingresso e da permanência no ensino superior, obteve o “sucesso” do ingresso, se sente integrado e não apresenta grandes dificuldades para permanecer em seu processo formativo.

Esta pesquisa soma-se a outras coordenadas e orientadas pela Professora Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa nos cursos de mestrado e doutorado em psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), cuja temática aborda a juventude. Esses estudos integram o Núcleo de Pesquisa da Infância, Adolescência, Juventude e Família (NIAF), da PUC Goiás, no qual uma equipe multidisciplinar de pesquisadores tem contribuído para o aprofundamento de temas correlacionados a infância, adolescência, juventude e família.

Outra causa que despertou meu interesse pelo tema no curso de doutorado foi a experiência como orientadora educacional, desenvolvendo trabalho de acompanhamento escolar. Durante esse período de atuação na área, tive a oportunidade de atender jovens de ambos os sexos que procuravam orientações para melhor compreender sua vida.

No decorrer do atendimento a estudantes de escolas públicas estaduais, várias temáticas associadas à vivência da própria juventude frequentemente apareciam, tais como: dificuldades de relacionamento com pais, irmãos, professores e colegas de sala; inquietações, principalmente em sala de aula; angústias, depressão e conflitos amorosos. Um fato importante a ser levado em consideração é que a maioria dos jovens atendidos fazia parte de classes sociais populares, enquanto os jovens da Universidade Federal de Goiás (UFG), sujeitos desta pesquisa, pertencem a classes sociais mais privilegiadas. Esse aspecto é relevante, pois vem ressaltar que a juventude não é igual para todos, já que as condições sociais, econômicas e culturais interferem ou influenciam na própria vivência/experiência do que é ser um jovem ou ter uma juventude.

Após o curso de mestrado, a ampliação de minha visão como pesquisadora me introduziu no mundo da pesquisa qualitativa, com base em uma nova perspectiva de ciência e pesquisa. Isso me instigou a entender como a juventude deveria ser abordada.

A participação em pesquisas qualitativas, somada à experiência de orientadora educacional com jovens, levou-me ao desejo de investigar a temática da juventude em uma perspectiva qualitativa, como uma busca pessoal e profissional, no sentido de obter mais subsídios que me possibilitassem ocupar um lugar mais crítico no campo do debate sobre a juventude. Ademais, esta é uma tentativa de colaborar não só para a melhor compreensão desse grupo social, como também de contribuir com os profissionais que, de modo geral, têm a juventude como tema de investigação, assim ampliando o debate e a compreensão científica sobre o assunto.

Com base na divulgação dos resultados desta pesquisa, pretende-se contribuir para o campo da psicologia social, de modo a ampliar o conhecimento sobre a juventude na perspectiva sócio-histórica, tanto na singularidade dos sujeitos deste estudo quanto na subjetividade social em que estão inseridos.

Neste trabalho, houve o propósito de buscar respostas para o seguinte problema de pesquisa: quais os sentidos e os significados atribuídos pelos estudantes de medicina e direito à sua formação universitária? Durante esta investigação, estudou-se a juventude não como uma fase natural do desenvolvimento humano, mas como fenômeno construído social e historicamente.

Importante esclarecer que o problema de pesquisa não foi a juventude propriamente dita, mas sim o sentido atribuído pelos jovens estudantes pesquisados à sua formação universitária. A concepção de juventude adotada nesta pesquisa serviu como pano de fundo para o estudo, tanto do ponto de vista teórico como metodológico. Sendo os sujeitos desta pesquisa jovens, faz-se imprescindível ter uma compreensão da juventude como fenômeno social.

Assim sendo, este trabalho teve como objetivo geral apreender os sentidos e os significados produzidos por jovens estudantes dos cursos de medicina e direito da UFG sobre o seu processo de formação acadêmica.

Para sua consecução, foram estabelecidos os seguintes objetivos específicos: compreender a importância da família, da escola e da religião (como instâncias de

mediação) no processo formativo do sujeito pesquisado; apreender os sentidos e os significados atribuídos por estes sujeitos ao conhecimento acadêmico apreendido durante sua formação universitária; assimilar os nexos constitutivos entre conhecimento e sentido atribuídos ao futuro e ao mundo do trabalho (profissionalização); colaborar para a ampliação de estudos sobre a juventude brasileira e, em especial, a goianiense.

Como mencionado, os sujeitos desta pesquisa são estudantes dos cursos de direito e medicina da UFG. Nesse aspecto, podem-se apontar pelo menos dois elementos importantes: são os primeiros cursos criados no país, ainda no século XIX, dando origem às universidades públicas brasileiras mais tradicionais; são cursos de graduação que agregam maior prestígio e valor simbólico às universidades, em virtude de serem os mais concorridos nos processos seletivos. Portanto, o médico e o profissional da área jurídica contam com amplo reconhecimento social e prestígio e são economicamente diferenciados.

Com o objetivo de explicitar a concepção de juventude e de pesquisa presente neste trabalho, são apresentados, a seguir, os marcos referenciais que norteiam esta investigação.

### **Perspectiva sócio-histórica de juventude**

A juventude contemporânea tem ganhado destaque na sociedade, pois os jovens estão inseridos em um espaço de sociabilidade e vivem em um processo de formação. Charlot (2000) afirmou que, além de os jovens serem seres humanos abertos a um mundo que possui historicidade e, portanto, portadores de desejos e movidos por eles, estão em relação com outros seres humanos, sendo também sujeitos fundamentais da nova cultura de massa.

Ao mencionar que o jovem tem uma história, Charlot (2000) apontou que o sujeito é um ser singular, que interpreta o mundo e lhe confere sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade.

Portanto, o tema juventude vem ganhando cada vez mais visibilidade e importância no cenário do país, não só pelo atual panorama de desigualdade econômica e social, mas sobretudo pela necessidade de concretização da condição juvenil de sujeitos de direito, preconizada no Estatuto da Juventude (BRASIL, 2010).

A expressiva participação dos jovens na população brasileira – cerca de 66,1 milhões em um universo de 190.732.694 de pessoas (IBGE, 2010a), e as inúmeras situações de vulnerabilidade a que estão expostos apontam para a necessidade de uma política pública voltada para a juventude como questão prioritária na agenda nacional.

Juventude é uma construção histórica e social. Cada época e cada segmento social postulam diferentes maneiras de ser jovem, dentro de situações sociais e culturais específicas. Portanto, é a produção de uma determinada sociedade, relacionada com formas de ver os jovens, inclusive por estereótipos, momentos históricos, referências diversificadas situações de classe, gênero, raça, grupo, contexto histórico entre outros (ESTEVEZ; ABRAMOVAY, 2007).

Para Kliksberg (2006), os jovens representam um grande fator potencial de mudanças na sociedade, tanto por fazer parte de uma geração cuja história é permeada por aceleradas transformações tecnológicas como por seu envolvimento com causas nobres, ideais e desafios coletivos que caracterizam este século.

Por viver um processo de profundas definições na esfera pessoal e social, o jovem tem intensa experimentação em diferentes dimensões da vida, apresentando necessidades e demandas diferentes de outras faixas etárias. Sendo assim, necessita de um contexto social com suportes adequados – estímulos, valores, modelos, referenciais – para se desenvolver de forma integral, realizar suas buscas, construir seus projetos, ampliar sua participação social e se tornar sujeito ativo no processo de construção e fortalecimento da sociedade democrática.

As desigualdades de classe, renda familiar, etnia, gênero, estilos de vida, local e condição de moradia rural ou urbana, central ou periférica determinam a constituição de diferentes tipos de juventude, gerando diferenciadas possibilidades de desenvolvimento, inserção e participação social. Isso aponta para a necessidade de reconhecimento de um sentido duplo na especificidade juvenil: o da singularidade em relação a outras fases da vida e o da diversidade de contornos da sua condição.

Peralva (1997) afirmou que a juventude contemporânea vive grandes paradoxos. Por um lado, as conquistas das gerações anteriores ampliaram a liberdade de escolha, as possibilidades de participação cultural e política e de experimentação autônomas, no campo da sexualidade, da sociabilidade e do lazer. Por outro, alcançar a condição adulta se torna cada vez mais difícil, em função das maiores exigências de formação, escolaridade e capacitação profissional, o que leva à ampliação do período em que o jovem, muitas vezes, não é respeitado e nem levado a sério na expressão de suas necessidades e opiniões.

De acordo com Peralva (1997), a juventude é, concomitantemente, uma condição social e histórica. Se há um caráter universal dado pelas transformações do indivíduo em uma determinada faixa etária, nas quais completa o seu desenvolvimento físico e enfrenta mudanças psicológicas, é muito variada a forma como cada grupo social, em um tempo histórico determinado, lida com este momento e o representa. Nessa perspectiva, Dayrell (2003, p. 40) asseverou que

Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturas (etnias, identidades religiosas e valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos.

Construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade implica, em primeiro lugar, considerá-la não mais presa a critérios rígidos, mas sim como parte de um processo de crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social.

Também para Charlot (2000), o sujeito é um ser social com uma determinada origem familiar, que ocupa um determinado lugar social e se encontra inserido em relações sociais, e também é um ser singular, que tem uma história, que interpreta o mundo e lhe dá sentido, assim como dá sentido à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história e à sua singularidade. Submetido a esse código preestabelecido socialmente, o jovem passa a ter permissão e, por vezes, até obrigação de apresentar algumas condutas e atitudes definidas socialmente, o que provoca conflitos entre o mundo jovem e o mundo adulto.

Conseqüentemente, o jovem, sendo agente de transformação social e com sua força geradora de mudança no mundo, enfrenta dilemas sociais por estar intimamente ligado a uma dimensão significativa e contraditória do processo de construção de sua identidade. Ao entrar em contato com a base material estabelecida socialmente, o jovem o faz carregado de suas próprias características e

valores e, neste momento, ocorrem conflitos, o confronto cultural e ideológico com a sociedade dominante, que não aceita o risco de perder a condição de “poder”.

Neste trabalho, em coerência com o método de estudo, entre os diversos autores que estudaram e estudam a juventude, optou-se por focar a discussão sobre juventude a partir das contribuições de Vygotsky.

A abordagem sócio-histórica busca compreender a juventude em seu processo constitutivo, em sua gênese histórica e em seu desenvolvimento, enfocando a totalidade na qual está inserida e que lhe dá sentido. A juventude é uma forma de identidade social, pois os fatos sociais que surgem ao longo da vida do indivíduo trazem repercussões psicológicas que influenciam sua formação identitária.

Como afirmou Vygotsky (2001, p. 10), a constituição do homem se dá “pela compreensão de como a singularidade se constrói na universalidade e, ao mesmo tempo e do mesmo modo, como a universalidade se concretiza na singularidade, tendo a particularidade como mediação”.

Levando em consideração que o jovem se pauta pela busca do que é novo para construir sua história, Vygotsky (1996) advertiu que na idade juvenil ocorre o ápice do desenvolvimento das funções intelectuais, ou seja, neste momento, o sujeito é capaz de transformar com plenitude um objeto concreto em um conceito abstrato, um pensamento em um conceito, processo indispensável ao desenvolvimento da individualidade. Desse modo, “a passagem ao pensamento por conceitos é o passo decisivo, na idade juvenil, para o desenvolvimento da personalidade e da concepção de mundo do indivíduo” (VYGOTSKY, 1996, p. 198).

A apropriação daquilo que é concreto pelo pensamento dá-se, inicialmente, sempre mediada pela palavra, pela linguagem. A linguagem humana, sistema simbólico fundamental na mediação entre sujeito e objeto de conhecimento, tem, para Vygotsky (1998), a função de simplificar e generalizar a experiência, ordenando as instâncias do mundo real em categorias conceituais, cujo significado é compartilhado pelos usuários desta linguagem.

Vygotsky (1996, p. 247) afirmou que não há nada que seja estável definitivo e imóvel no processo de constituição da subjetividade juvenil, porquanto



O desenvolvimento neste caso não segue uma linha reta, mas uma curva bastante complexa e tortuosa. Na estrutura da personalidade do jovem não há nada que seja estável definitivo e imóvel. Tudo nela flui e transforma.

Assim, os interesses e as necessidades podem ser compreendidos como força motriz da ação. No jovem, ocorrem diversas mudanças orgânicas internas, mas também uma reestruturação do sistema de relações com o mundo externo. Trata-se de um desenvolvimento histórico-social e processual.

Vygotsky (2001) ajudou-nos a compreender a juventude como uma fase de transição, fundamental para o desenvolvimento humano. Ressalta-se que, para o autor, o desenvolvimento humano consiste em um processo dialético contínuo, sem finalização ou linearidade.

Portanto, para Vygotsky (1996), a adolescência/juventude é uma fase de transição, porém não no sentido de espera pela fase posterior, a vida adulta. É um período em que ocorrem mudanças que levam a um “salto” de qualidade em termos biológicos e psicológicos, a uma superação. Embora o autor saliente as raízes biológicas da transição, esta não é apenas natural, mas sim um processo sócio-histórico em que o indivíduo vai acumulando diferentes qualidades, desenvolvendo novos processos biológicos e psicológicos, com destaque para a capacidade de sinalização.

A adolescência/juventude não é um período de conclusão, mas de crise e amadurecimento do pensamento. No que tange à forma superior de pensamento, acessível à mente humana, essa idade é também transitória, e o é em todos os outros sentidos (VYGOTSKY, 2001, p. 30).

Além disso, Vygotsky (2001) afirmou que esse processo é sempre mediado pelos significados, de acordo com o momento histórico e social, que configura o sentido dessa transição, a idade em que ela vai ocorrer, as formas como será tratada, as atividades que lhe serão atribuídas.

Para o autor, a questão do interesse é a chave para entender todo o desenvolvimento psicológico do jovem. “As funções psicológicas do ser humano, em cada etapa de seu desenvolvimento, [...] estão regidas, dentro de certo sistema, por determinadas aspirações, atrações e interesses sedimentados na personalidade” (VYGOTSKY, 1996, p. 11). Na idade de transição, ocorre um processo complexo de transformação das atrações em necessidades e interesses humanos, uma síntese complexa e real de ambos (VYGOTSKY, 1996, p. 42). É um período de “ruptura e

extinção dos velhos interesses e de maturação de uma nova base biológica que permite mais tarde o desenvolvimento de novos interesses” (VYGOTSKY, 1996, p. 28).

Conforme Vygotsky (2001), na juventude, desenvolve-se o pensamento em conceitos, uma nova e superior forma da atividade intelectual, um processo que representa mudanças revolucionárias de conteúdos e formas do pensamento. O desenvolvimento do pensamento é a base principal para todas as outras transformações psicológicas ocorridas nessa fase da vida, uma vez que todas as funções psicológicas se estruturam com base na aquisição do pensamento em conceitos.

Nesse sentido, Vygotsky (2001) afirmou que o processo de formação de conceitos é bastante complexo e inicia-se ainda na criança de tenra idade. Portanto, esse processo é composto de diversos estágios que, embora com esta denominação, não devem ser entendidos como encadeamento temporal e lógico do desenvolvimento: inicia-se por um momento no qual a criança estabelece vínculos sincréticos de objetos que, em suas representações, concatenam-se em uma imagem mista; passa pelo pensamento por complexos (fundamentado no estabelecimento de vínculos e relações de elementos concretos da experiência imediata) “pseudoconceitos” ou “conceitos potenciais”; chega ao pensamento por conceitos (VYGOTSKY, 2001).

Enfim, todo esse processo implica transformações de “caráter interno, estrutural e íntimo, não possíveis de exteriorização” (VYGOTSKY, 1996, p. 58), as quais envolvem todas as funções intelectuais básicas que dele participam, em uma combinação original, levando a uma nova síntese, em que cada processo básico adquire o “seu verdadeiro sentido funcional” (VYGOTSKY, 2001, p. 170). Todas as funções são importantes no processo e, no entanto, são insuficientes sem o uso do signo.

O emprego funcional do signo é a questão principal do processo de formação de conceitos. É por intermédio dele que o jovem “domina o fluxo dos próprios processos psicológicos e lhes orienta a atividade no sentido de resolver os problemas que tem pela frente” (VYGOTSKY, 2001, p. 169).

Para isso, o processo de desenvolvimento do pensamento necessita de força motivadora externa, aquela proveniente do meio social, a qual irá desencadeá-lo. Assim, por meio dos problemas propostos e dos objetivos colocados diante do jovem, o meio social o motiva ao desenvolvimento de seu pensamento (VYGOTSKY, 2001). Ao mesmo tempo, o desenvolvimento do pensamento permite maior abertura do jovem ao mundo externo. O pensamento abstrato permite ao indivíduo apreender a realidade, externa e interna, com maior profundidade e verdade, de modo mais completo e diversificado.

O pensamento em conceitos abre ao jovem “o mundo da consciência social objetiva, o mundo da ideologia social” (VYGOTSKY, 1996, p. 64). O jovem não só assimila o conteúdo cultural – o que já ocorre na criança, mas participa ativa e criativamente da produção social.

A juventude é, portanto, um período no qual o jovem forma suas concepções do mundo, da sociedade, das pessoas e de si mesmo. “Para o jovem, a passagem ao pensamento em conceitos lhe permite formar um quadro sistematizado do mundo que o rodeia” (VYGOTSKY, 1996, p. 93).

### **O método de estudo**

Este estudo é qualitativo, sendo sua proposta norteada pela psicologia sócio-histórica de Vygotsky, que “se fundamenta no marxismo e adota o materialismo histórico e dialético como filosofia, teoria e método” (BOCK; GONÇALVES; FURTADO, 2001, p. 17). Vygotsky (2007) enfatizou a importância de um método que compreendesse toda a complexidade do que entendia como objeto para a psicologia – o homem e suas funções psicológicas. Dessa forma, nas reflexões do autor, revela-se a necessidade de adotar uma teoria que faça a mediação entre o método materialista histórico e os fenômenos psíquicos.

Vygotsky (2007) afirmou que o desenvolvimento psicológico dos homens é parte do desenvolvimento histórico geral da espécie humana e, assim, deve ser entendido. Sob esse ângulo, história e homem são inseparáveis, ideia esta que vai contra o determinismo, pois compreende o homem como transformador, como ser capaz de criar condições para a sua própria existência.

León (2009) considerou que as estratégias e os métodos de pesquisa social com jovens configuram um campo de debate no qual o uso de estratégias do tipo qualitativo, centradas com maior ênfase nas subjetividades dos sujeitos, adquiriu relevância, sem desconsiderar a importância da utilização de estratégias de cunho quantitativo, mas antes, dando às primeiras o crédito de ter ampliado o marco compreensivo a partir do próprio sujeito e de seus contextos.

Gonçalves (2003) apontou que a psicologia sócio-histórica tem como noção básica a historicidade dos fenômenos sociais e humanos. A subjetividade abordada se expressa como um conjunto de experiências do indivíduo, constituído em suas relações sociais. Para a autora, a psicologia sócio-histórica,

[...] metodologicamente, trabalha com categorias, compreendidas como aspectos do objeto de estudo que, embora o delimitem, o recortem, não são conceitos fechados, mas indicam processos que devem ser apreendidos em seus conteúdos históricos, ideológicos, contraditórios, multideterminados, mediados, para que se possa compreender e explicar os fenômenos estudados (GONÇALVES, 2003, p. 41).

Vygotsky (2007, p. 85) esclareceu que “estudar alguma coisa historicamente significa estudá-la no processo de mudança: esse é o requisito básico do método dialético. [...] É somente em movimento que um corpo mostra o que é”. Mais adiante, o autor afirmou que “o método é, ao mesmo tempo, pré-requisito e produto, o instrumento e o resultado do estudo” (p. 86). Vygotsky (2008) rejeitou o conceito de desenvolvimento linear e superou a concepção segundo a qual o conhecimento decorre de um lento acúmulo de mudanças unitárias. Diante disso, incorporou a dialética marxista como base de sua teoria, partindo do materialismo histórico para compreender o homem como sujeito, sendo este concebido como a síntese de múltiplas determinações, cuja subjetividade é constituída material e historicamente. Trata-se, portanto, de conceber a constituição do sujeito de acordo com determinadas condições sociais, materiais e históricas.

Em consequência, a teoria sócio-histórica compreende a sociedade como produção histórica dos homens, os quais, por meio do trabalho, produzem sua vida material. A relação entre indivíduo e sociedade é concebida como dialética, pois um constitui o outro. O fenômeno psicológico surge e se compõe por intermédio das relações do homem com seu mundo físico e social. Daí decorre que, no presente trabalho, o jovem é estudado como construção histórica e não de forma

estereotipada, marcada por uma leitura naturalizante, universalizante e patologizante (BOCK; LIEBESNY, 2003).

Como este estudo baseia-se na historicidade, percebendo-se esta não como cronológica e sim como atribuidora de sentidos e significados apropriados pelo sujeito, a análise aqui estabelecida não é somente descritiva, mas principalmente voltada para a compreensão e a apreensão dos nexos constitutivos da subjetividade. Vygotsky (2008) advertiu que o sentido e o significado só são possíveis pela utilização da linguagem humana, entendida como sistema simbólico essencial na mediação entre o sujeito e o objeto de conhecimento. A palavra tem múltiplos sentidos e significados, que variam de acordo com a singularidade do sujeito e com o contexto em que é utilizada.

A reflexão metodológica sobre a apreensão dos sentidos e significados é pautada em uma visão que tem seu ponto de partida no empirismo (AGUIAR; OZELLA, 2006). Fica claro que é necessário ir além das aparências, não se podendo contentar com a descrição dos fatos e buscando a explicação do processo de constituição do objeto em análise, assim estudando-o em seu processo histórico. Destarte, é impossível construir um método alheio a uma concepção de homem, pois este, para a psicologia sócio-histórica, é constituído em uma relação dialética com o social e com a história, sendo, concomitantemente, único, singular e histórico.

Esse homem, constituído na e pela atividade, ao produzir sua forma humana de existência, revela – em todas as suas expressões – a historicidade social, a ideologia, as relações sociais, o modo de produção. Ao mesmo tempo, esse mesmo homem expressa a sua singularidade, o novo que é capaz de produzir os significados sociais e os sentidos subjetivos (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 224).

Nesta pesquisa, a fala dos jovens é fundamental para a apreensão do sentido e do significado que eles atribuem à sua formação acadêmica na universidade e ao conhecimento apreendido. Assim, por intermédio de sua fala, expressaram seus pensamentos, cujos significados e sentidos são passíveis de apreensão, uma vez que

O sentido de uma palavra é a soma de todos os eventos psicológicos que a palavra desperta em nossa consciência. É um todo complexo, fluido e dinâmico, que tem várias zonas de estabilidade desigual. O significado é apenas uma das zonas de sentido, a mais estável e precisa (VYGOTSKY, 2008, p. 181).

Nessa acepção, Vygotsky (2008) apontou o significado como apenas uma das zonas de sentido da palavra, a mais estável, ao passo que o sentido é muito mais amplo. Ele é dinâmico, complexo, peculiar ao próprio sujeito e ao contexto em questão: “Uma palavra adquire o seu sentido no contexto em que surge; em contextos diferentes altera o seu sentido” (VYGOTSKY, 2008, p. 150). Já o significado refere-se à mais estável e precisa das zonas do sentido, porquanto “permanece estável ao longo de todas as alterações do sentido. O significado dicionarizado de uma palavra nada mais é que uma pedra no edifício do sentido” (VYGOTSKY, 2008, p. 150). Vygotsky (2001) afirmou que todas as falas possuem um pensamento oculto, um subtexto que, ao ser revelado, permite a compreensão do significado subjacente às palavras, revelador da base afetivo-volitiva do sujeito, isto é, dos desejos, necessidades, interesses e emoções que geram seu discurso e que emergem no subtexto de sua fala. A análise do subtexto desvela o significado, construído e transformado pelas relações sociais, bem como o sentido, a interpretação pessoal que o sujeito faz do significado.

Assim sendo, há que se buscar o sentido pessoal que é dado à palavra, o sentido do discurso singular ou a fala do sujeito significada. Para chegar às determinações constitutivas e explicar a produção do sentido, deve-se considerar, dialeticamente, a base material, sócio-histórica, presente no processo de transformação do social em psicológico e, portanto, na constituição do sentido atribuído pelo sujeito.

### **Procedimentos metodológicos utilizados**

O projeto desta pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa Médica Humana e Animal em 15 de junho de 2009, de acordo com o protocolo CEPMHA/HC/UFG nº 062/09 (Anexo A).

Também foram solicitadas autorizações dos sujeitos da pesquisa, por meio da assinatura dos termos de consentimento livre e esclarecido (Apêndice A).

Para a realização deste estudo, inicialmente, houve a necessidade de se fazer um levantamento de literatura e, posteriormente, leituras sobre a juventude na perspectiva da psicologia sócio-histórica. De acordo com o que foi pesquisado,

verificou-se que, até o momento, este é um dos poucos trabalhos de doutorado em que se propõe pesquisar os jovens a partir da teoria vygotskyana.

Buscou-se, então, localizar e identificar jovens que lograram sucesso com base nos princípios que a sociedade reputa como exitosos. Para tanto, decidiu-se investigar jovens que se inscreveram e foram aprovados nos vestibulares dos dois cursos de maior concorrência da UFG, medicina e direito, e que atendem aos valores e às perspectivas de sucesso da sociedade. Sabe-se que são duas carreiras sobre as quais se deposita uma série de valores, consideradas formações clássicas e as mais antigas do país.

Didaticamente, os procedimentos metodológicos utilizados neste estudo foram organizados na forma de questionário, entrevista e grupo focal, assim conduzidos: a) levantamento de informações por meio da aplicação de questionários a 429 estudantes matriculados na UFG, nos cursos de medicina (234) e direito (195) no período 2005–2007; b) entrevista individual com 12 jovens visando apreender os sentidos que o conhecimento tem para eles; c) entrevista em grupo (grupo focal), buscando captar os significados que os estudantes atribuem à sua formação acadêmica.

Inicialmente, foi feito um estudo na tese de Queiroz (2008), a partir do qual foram obtidos os dados do levantamento realizado pelo Centro de Seleção da UFG, mediante o questionário sócio-histórico-cultural, respondido pelos candidatos aprovados nos vestibulares em 2005, 2006 e 2007. No Quadro 1, apresenta-se o total de vagas oferecidas nos dois cursos em 2005, 2006 e 2007 (QUEIROZ, 2008).

**Quadro 1.** Vagas oferecidas nos cursos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás no período 2005–2007.

<b>Curso</b>	<b>2005</b>	<b>2006</b>	<b>2007</b>	<b>Total</b>
Medicina	110	110	110	330
Direito	120	120	120	360
<b>Total</b>	<b>230</b>	<b>230</b>	<b>230</b>	<b>690</b>

**Fonte:** Dados obtidos no Centro de Seleção da Universidade Federal de Goiás (QUEIROZ, 2008).

Ao pesquisar os jovens universitários dos cursos de medicina e direito da UFG, Queiroz (2008) focou sua análise na mediação familiar no processo de formação. Sendo assim, sua pesquisa constitui importante referência para o presente estudo. Dessa forma, os mesmos sujeitos pesquisados por Queiroz (2008), que ingressaram na UFG em 2005, 2006 e 2007, foram sujeitos desta pesquisa, já cursando o terceiro, o quarto e o quinto anos, respectivamente, em 2009.

Como critérios de inclusão dos sujeitos na pesquisa, estes deveriam ser jovens estudantes, com idade entre 18 e 24 anos e estar matriculados na UFG, nos cursos de medicina ou direito, com ingresso no período 2005–2007. Com base nesses critérios, foram inicialmente selecionados 690 sujeitos, sendo 330 do curso de medicina e 360 do curso de direito.

### *Questionário*

O questionário é um instrumento de investigação composto de um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito a pessoas, com o objetivo de propiciar determinado conhecimento ao pesquisador. No caso da presente pesquisa, foi empregado com o intuito de possibilitar a análise dos principais aspectos sociais, econômicos e familiares dos jovens participantes.

Por meio do questionário, buscou-se conhecer não apenas as características sociais, culturais e econômicas dos alunos e de suas famílias, mas também alguns aspectos de suas vidas, tais como: local de moradia, idade, constituição da família, profissão dos pais e seu nível de escolaridade, vida escolar desde a educação infantil até o momento, repetência em alguma série, motivos da escolha do curso, satisfação ou não em relação ao curso, disciplinas preferidas, situações em que gosta de estudar e suas expectativas em relação a projetos futuros.

O primeiro instrumento metodológico utilizado foi um questionário semiestruturado, com perguntas abertas e fechadas (Apêndice B), aplicado no final de 2009 e início de 2010 a 429<sup>1</sup> participantes na fase inicial da pesquisa, sendo 234

---

<sup>1</sup> Dos 653 ingressantes dos dois cursos, 224 não foram computados nesta tese porque nem todos aceitaram participar da pesquisa, alguns estudantes faltaram às aulas nos dias de aplicação do instrumento em sala de aula e alguns apresentaram respostas que não ficaram claras.



do curso de medicina e 195 do curso de direito, com o objetivo de traçar o perfil dos acadêmicos participantes.

O primeiro contato com o grupo pesquisado foi feito em sala de aula, na própria universidade, no qual a pesquisadora se identificou e explicou o objetivo da pesquisa, deixando claro se tratar de um trabalho científico, que requer investigação ética, pautada em pressupostos teóricos.

Em outro momento o questionário foi aplicado dentro de sala de aula, na própria universidade, durante um período de 50 minutos, em que os participantes responderam às perguntas propostas.

Os dados obtidos pela aplicação do questionário foram sistematizados a partir do programa estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) em forma de tabelas e gráficos.

A análise do perfil dos jovens estudantes universitários participantes deste estudo foi feita tomando-se por base as informações fornecidas por eles em seus questionários, com sua identificação, dados sobre seu grupo familiar, informações acadêmicas e informações adicionais, tendo como base a teoria sócio-histórica e a literatura na área.

### *Entrevista individual*

O uso da entrevista como instrumento para coleta de informações justifica-se por ela oferecer possibilidades mais amplas de expressão verbal do sujeito, o que atende aos pressupostos metodológicos aqui adotados. Tendo como objetivo investigar a apreensão da subjetividade configurada pelos sujeitos, a entrevista possibilita identificar diversos núcleos de significados e sentidos para cada jovem, de forma que os sentidos subjetivos possam ser analisados de acordo com a fala de cada um. A liberdade de expressão característica do instrumento permite desvelar os processos de constituição dos sentidos subjetivos, necessários para a compreensão de sua gênese. Afinal, por intermédio da entrevista, o pesquisador tem condições de melhor acessar os sentidos e os significados de cada sujeito atribuídos

por eles ao seu conhecimento apreendido durante a formação acadêmica universitária.

Vygotsky (2008) sabiamente já enunciava que uma palavra sem significado seria um som vazio. Portanto, toda palavra é repleta de significações, que se alteram de acordo com as características culturais de uma sociedade. Para Vygotsky (2008), toda palavra é uma generalização e, como tal, um fenômeno do pensamento, que se interconecta com a memória, a percepção, a imaginação, enfim, com todos os processos psicológicos e a dimensão afetivo-volitiva que move as pessoas e conota as relações que estabelecem com os outros e consigo mesmas. Ademais, todas essas relações estão pautadas em um contexto histórico e social.

Freitas (2002) mencionou que, em pesquisa qualitativa de cunho sócio-histórico, a entrevista é marcada por uma dimensão social, não se reduzindo a uma troca de perguntas e respostas previamente preparadas. À vista disso, a entrevista é concebida como uma produção de linguagem, assumindo caráter dialógico, enquanto os sentidos são criados na interlocução e dependem da situação experienciada tanto pelo entrevistado como pelo entrevistador. Nesta pesquisa, trabalhou-se com a possibilidade de discorrer sobre o tema proposto livremente, sem respostas ou condições prefixadas pelo pesquisador.

Entende-se que a importância de trabalhar com entrevista, a partir do objetivo deste estudo, é dar voz aos jovens para que estes expressem seus sistemas de valores, normas e símbolos. De acordo com Lüdke e André (1986), por ser um instrumento mais flexível, a entrevista permite a obtenção de informações muito ricas, desde que se crie um clima de confiança na interação com o entrevistado, mediante grande respeito por ele. Além de interesse e atenção para ouvi-lo, esse respeito deve envolver o cuidado de utilizar vocabulário claro e adequado ao seu nível de instrução, assim como questionamentos compatíveis com seus valores e preocupações.

Aguiar e Ozella (2006) apontaram que a entrevista é um dos instrumentos mais ricos e que permite acesso aos processos psíquicos, particularmente os sentidos e os significados do que se busca na pesquisa. Para os autores, a entrevista deve ser consistente e ampla, de modo a evitar inferências desnecessárias. Também deve ser recorrente, ou seja, a cada entrevista, após uma primeira leitura, o sujeito pesquisado deve ser consultado com o intuito de eliminar

dúvidas e aprofundar as reflexões que o levaram a produzir os sentidos e os significados.

Inicialmente, foram selecionados todos os sujeitos que deram respostas positivas a três questões previamente escolhidas do questionário:

2.17 O que levou você a escolher este curso: afinidade ou dinheiro?

2.19 Você está satisfeito/a com seu curso?

2.20 No decorrer do curso, a aprendizagem é significativa?

A seguir, foi solicitado às secretarias dos cursos que fornecessem os históricos escolares dos sujeitos escolhidos com base nessas respostas positivas, sendo selecionados entre eles aqueles que apresentavam as melhores notas desde o início do seu curso, todas acima de 8,0. Dessa forma, foram selecionados 12 sujeitos, de ambos os sexos, para as entrevistas, sendo seis do curso de direito e seis do curso de medicina.

Após a seleção dos sujeitos, estes foram contatados inicialmente pelo telefone e, depois, pessoalmente. Depois de aceito o convite para participação no estudo, foi agendado o primeiro encontro individual para a entrevista com cada um dos 12 sujeitos.

Seguindo esses critérios, 12 acadêmicos<sup>2</sup> fizeram parte deste estudo, sendo oito do sexo feminino e quatro do sexo masculino: a) acadêmicos de medicina – Daniela, 20 anos; Davi, 24 anos; Francisco, 22 anos; Gabriela, 24 anos; Joyce, 24 anos; Juliana, 24 anos; b) acadêmicos de direito – Adriana, 22 anos; Eny, 23 anos; Levi, 20 anos; Luciana, 23 anos; Paula, 22 anos; Victor, 22 anos.

Para a consecução das entrevistas, a pesquisadora elaborou um roteiro semiestruturado preestabelecido (Apêndice C). Todas as entrevistas foram conduzidas individualmente, entre maio e junho de 2010, na própria universidade e nos hospitais em que os acadêmicos de medicina pesquisados realizavam seus plantões, em espaços sem barulho, em horários nos quais os participantes estivessem disponíveis, tendo duração de 1 hora a 1 hora e 30 minutos cada.

---

<sup>2</sup> Cumpre ressaltar que todos os nomes atribuídos aos participantes desta pesquisa são fictícios, de modo a resguardar sua privacidade.

As entrevistas foram gravadas e, posteriormente, transcritas. Após a leitura de todo o material transcrito, foram escolhidos núcleos de significação, o que dependeu da própria fala dos jovens. Entende-se por núcleo de significação uma estratégia metodológica que visa “apreender os sentidos que constituem o conteúdo do discurso dos sujeitos informantes” (AGUIAR; OZELLA, 2006, p. 232).

Com base no que foi proposto por Teixeira (2003), procedeu-se ao levantamento de indicadores dos núcleos de significação em cada eixo temático. Esses indicadores, associados aos conteúdos temáticos, passaram a adquirir significados que permitiram a apreensão dos núcleos de significação das falas dos sujeitos. Consequentemente, após a análise das entrevistas de cada jovem, foram identificados os núcleos de significação de suas falas, de modo a constituir o contexto sócio-histórico desses sujeitos e apreender sentidos e significados, produzindo-se o seguinte quadro de sistematização:

a) Transcrição – informações transcritas na íntegra, a fim de se obter material para permitir a elaboração de um corpus que seja uma reprodução de todo o registro adquirido. O texto da entrevista, transcrito literalmente, permite, posteriormente, leitura flutuante, análise e interpretação significativa do tema. As transcrições devem ser consistentes e suficientemente amplas, de modo a evitar interferências desnecessárias ou inadequadas. Ademais, precisam ser recorrentes no sentido de eliminar dúvidas.

b) Núcleos de significação – procedimento utilizado para a análise da entrevista, tendo como base a articulação de conteúdos semelhantes, complementares ou contraditórios. É de fundamental importância que se realize uma análise mais complexa que extrapole as aparências, o não dito, a descrição dos fatos, a fim de alcançar uma explicação para o processo nas condições subjetivas e históricas.

Primeiramente, faz-se uma leitura flutuante visando detectar os pré-indicadores para apreensão dos sentidos que compõem o conteúdo do discurso dos sujeitos informantes que lhes atribuem significados, desde a narrativa até as condições histórico-sociais que o constituem, por intermédio de repetição ou reiteração nas falas dos sujeitos, pela carga emocional presente, pelas ambivalências ou contradições que se apreendem nos núcleos. Detectados esses pré-indicadores, eles comporão um quadro amplo de possibilidades, de modo a

viabilizar a organização dos núcleos, filtrar os pré-indicadores e verificar sua importância para a compreensão do objetivo da pesquisa usando um processo de aglutinação.

A análise da entrevista foi baseada, primeiramente, na apreensão e organização dos núcleos de significação presentes nas falas. Goldenberg (2004) advertiu que essa fase exige muito tempo de reflexão e dedicação para que se possam analisar comparativamente as diferentes respostas, as ideias novas que aparecem e o que confirma ou rejeita as hipóteses iniciais. O processo de análise não deve ser restrito à fala do informante, mas contextualizado ao social, cultural, político, histórico, permitindo a compreensão do sujeito na sua totalidade (AGUIAR; OZELLA, 2006). Nesse sentido, é essencial manter a fidedignidade das significações presentes no material, sem se afastar do referencial teórico que embasa esta pesquisa – a perspectiva sócio-histórica.

Esses núcleos centrais e fundamentais, que revelam as determinações constitutivas do sujeito, permitem o processo de análise propriamente dito, partindo do empírico para o interpretativo, isto é, da fala para o seu sentido, uma vez que se busca a fala interior com base na fala exterior, de maneira a poder caminhar para um plano mais interiorizado, para o próprio pensamento (VYGOTSKY, 2008).

### *Grupo focal*

O terceiro e último momento foi a realização dos grupos focais, buscando captar os significados que os sujeitos atribuem à sua formação acadêmica.

Carlini-Cotrim (1996), Morgan (1997) e Gaskell (2003) concordaram que o grupo focal é uma técnica de entrevista em grupo que possibilita que as pessoas fiquem mais propensas a acolher novas ideias e a atingir maior nível de envolvimento emocional. Faz-se importante ressaltar que o grupo focal difere de outras formas de entrevista grupal pela ênfase na interação do grupo e a focalização em um tópico escolhido pelo pesquisador. A opção por esse procedimento pode complementar e ampliar aspectos abordados, com grande frequência, nas entrevistas individuais.

Morgan (1997) ainda salientou que o grupo focal é uma discussão temática em grupo, contando com um mediador, que apresenta as questões e direciona a discussão. Conforme relataram Minayo e outros (2005), o grupo focal é indicado nos casos em que os participantes possuem características comuns, podendo fazer parte de um grupo para a discussão de algum tema que lhes interesse. É possível, dessa forma, levantar aspectos cognitivos, como opiniões, influência, ideias, assim como aspectos interacionais, como conflitos, lideranças, alianças, além das experiências singulares dos indivíduos e dos grupos de referência.

O grupo focal possibilita ao participante maior liberdade discursiva para que possa abordar as questões levantadas conforme os sentidos e os significados que os assuntos possam ter para ele. As discussões foram conduzidas pela autora deste estudo e, desde o início, houve a preocupação em garantir que todos os entrevistados participassem, evitando que algum deles monopolizasse a conversa.

Por conseguinte, o uso dessa técnica na presente pesquisa justifica-se pelo seu valor como meio de possibilitar discussões acerca da relação entre os próprios jovens pesquisados. O grupo focal permite apreender os sentidos e os significados produzidos pelas experiências, bem como observar a interação entre os participantes.

Para a realização dos grupos focais, os 12 jovens selecionados, seis do curso de medicina e seis do curso de direito, foram convidados a ir até a universidade e a pesquisadora explicou-lhes o procedimento. Dessa forma, foram realizados dois encontros, com duração aproximada de 1 hora e 50 minutos cada, aqui denominados Grupo Focal 1 (GF1) e Grupo Focal 2 (GF2), sendo cada um dos dois grupos composto de seis jovens. O debate foi fluente durante todo o tempo. Os encontros aconteceram durante a semana e não foram consecutivos, conforme a disponibilidade dos sujeitos.

Para iniciar os trabalhos do grupo focal, em um primeiro momento, foi feito um círculo para a apresentação da pesquisadora e dos jovens. Logo após, foi feita a leitura do texto “Ser jovem” (Anexo B) e de algumas questões (Apêndice D) com a finalidade de propiciar reflexão sobre o que é ser jovem. A pesquisadora fez a mediação das discussões, objetivando a participação de todos os entrevistados e a manutenção de clima ameno e equilibrado durante os encontros.

As informações coletadas foram transcritas na íntegra, a fim de se obter material para a elaboração de um corpus que seja uma reprodução de todo o registro adquirido. O que é realmente falado constitui informação que permite, posteriormente, a leitura flutuante, a análise e a interpretação significativa do tema. Finalmente, após a transcrição, os conteúdos registrados foram categorizados, de acordo com o tema e sua relevância.

Minayo e outros (2005) asseveraram que a fase da análise das informações consiste em: a) estabelecer a compreensão das informações recebidas; b) confirmar ou não os pressupostos da pesquisa e/ou responder às questões formuladas; e c) ampliar o conhecimento sobre o assunto pesquisado, articulando-o ao contexto cultural do qual faz parte.

O procedimento utilizado nesta análise leva em consideração as questões a serem respondidas e o objetivo deste estudo, fundamentados na teoria sócio-histórica. Assim, procedeu-se à análise do núcleo de significação objetivando buscar refletir acerca dos significados que os jovens atribuem à sua formação acadêmica na universidade, entendendo que a fala só pode ser compreendida enquanto processo, bem como visando compreender o modo de funcionamento, os princípios de organização e as formas de produção social dos significados.

### **Estrutura da tese**

Este trabalho está estruturado de maneira a discutir, problematizar e analisar os sentidos e os significados atribuídos pelos jovens pesquisados ao conhecimento acadêmico universitário. A primeira parte, denominada *Jovens universitários: dimensões socioeconômicas e familiares e cenário cultural-acadêmico dos sujeitos pesquisados*, possibilitou identificar o perfil dos jovens participantes deste estudo, compreender seu percurso acadêmico, ter acesso à sua vida universitária e dimensões subjetivas. Nela, se contextualiza o bairro ou a região geográfica em que as famílias dos participantes da pesquisa habitam, fornecendo informações socioeconômicas e apresentando cada família, bem como os sujeitos participantes deste estudo.

A segunda parte, intitulada *Sociedade e família: espaço de poder e mediação do conhecimento*, tem como escopo a apresentação da análise da categoria que emergiu do material empírico obtido, que se refere às relações familiares expressas pelos sujeitos.

Na terceira parte, intitulada *O percurso acadêmico e o conhecimento atribuído pelos sujeitos à sua formação*, propôs-se identificar e analisar os sentidos e os significados construídos pelos jovens participantes acerca do conhecimento acadêmico.

Por último, nas considerações finais, buscou-se sintetizar o conteúdo pesquisado, apresentar os principais achados e apontar outras possibilidades de investigação.



## **1 JOVENS UNIVERSITÁRIOS: DIMENSÕES SOCIOECONÔMICAS E FAMILIARES E CENÁRIO CULTURAL-ACADÊMICO DOS SUJEITOS PESQUISADOS**

Nesta parte, apresenta-se a análise dos resultados obtidos por meio dos questionários respondidos pelos sujeitos em sala de aula, perfazendo um total de 429 (234 estudantes de medicina e 195 de direito) e de algumas entrevistas. Essas informações possibilitaram: produzir a contextualização das famílias dos sujeitos pesquisados; identificar o perfil dos jovens; compreender o percurso acadêmico dos sujeitos; ter acesso à vida universitária dos jovens e às dimensões subjetivas. Por fim, são apresentados os sujeitos entrevistados.

### **1.1 Contextualização das famílias dos sujeitos pesquisados**

Neste tópico, são apresentadas as dimensões socioeconômicas das famílias dos sujeitos pesquisados de acordo com os seguintes critérios: moradia, renda familiar, profissão e nível de escolarização dos pais.

#### *a) Moradia*

Os estudantes universitários do curso de medicina e direito são residentes no município de Goiânia. Para situar o local de moradia desses sujeitos, nada melhor do que apresentar a cidade em que residem. Goiânia é a segunda cidade mais populosa da Região Centro-Oeste do Brasil, localizada no Planalto Central, a 48 km de Anápolis e 209 km a sudoeste da capital federal, Brasília.

O município desenvolveu-se a partir de um plano urbanístico, tendo sido construído com o propósito de desempenhar a função de centro político e administrativo do estado de Goiás. Fundado em 24 de outubro de 1933, absorveu, em 1937, da cidade de Goiás, a função de capital do estado (IBGE, 2010b). É o 13º

município mais populoso do Brasil, com 1.281.975 de habitantes, enquanto sua região metropolitana abriga 2.150.097 de habitantes, o que a torna a 11ª região metropolitana mais populosa do país (IBGE, 2010a).

Os sujeitos investigados nesta pesquisa e suas famílias residem nas regiões norte, sul, leste e oeste de Goiânia, nos seguintes setores: Alto da Glória, Centro, Faiçalville, Jardim América, Jardim Atlântico, Jardim Europa, Jardins Florença, Parque Anhanguera, Privê Atlântico, Residencial Mônaco, Setor Bueno, Setor Jaó, Setor Marista, Setor Leste Universitário, Setor Oeste, Setor Sul, Setor Vila Nova e Setor Universitário.

Os sujeitos pesquisados moram nos seguintes tipos de residências: a) acadêmicos do curso de medicina – do total de 234 respostas válidas, 201 famílias (85,9%) residem em casas próprias, 27 famílias (11,5%) residem em casas alugadas e 6 famílias (2,6%) residem em outros tipos de moradias; b) acadêmicos do curso de direito – do total de 170 respostas válidas, 142 famílias (83,5%) residem em casas próprias, 24 famílias (14,1%) residem em casas alugadas e 4 famílias (2,4%) residem em outros tipos de moradias (Tabela 1)<sup>3</sup>.

Assim sendo, constatou-se que, entre os participantes deste estudo, tanto os estudantes do curso de medicina quanto os do curso de direito têm condições estáveis de moradia, pois a maioria reside em casas próprias de alvenaria.

#### *b) Renda familiar*

Entre os universitários do curso de medicina, observou-se que, do total de 223 respostas válidas, 11 famílias (4,9%) têm renda familiar entre 1 e 5 salários mínimos, 91 famílias (40,8%) têm renda familiar entre 6 e 10 salários mínimos, 52 famílias (23,3%) têm renda familiar entre 11 e 15 salários mínimos, 26 famílias (11,7%) têm renda familiar entre 16 e 20 salários mínimos e 43 famílias (19,3%) têm renda familiar superior a 20 salários mínimos (Tabela 2).

Em relação aos acadêmicos do curso de direito, observou-se que, do total de 165 respostas válidas, 24 famílias (14,5%) têm renda familiar entre 1 e 5 salários

---

<sup>3</sup> As tabelas se encontram no Apêndice E.

mínimos, 47 famílias (28,5%) têm renda familiar entre 6 e 10 salários mínimos, 41 famílias (24,8%) têm renda familiar entre 11 e 15 salários mínimos, 18 famílias (10,9%) têm renda familiar entre 16 e 20 salários mínimos e 35 famílias (21,2%) têm renda familiar superior a 20 salários mínimos (Tabela 2).

As análises desses dados revelam que os sujeitos pesquisados são oriundos, majoritariamente, de famílias com poder aquisitivo médio e médio alto, entre 6 e 10 salários mínimos (Tabela 2).

### *c) Profissão dos pais*

Entre as 177 respostas válidas acerca da profissão do pai dos universitários do curso de medicina, observou-se que há 29 (16,4%) médicos, 27 (15,3%) comerciantes, 14 (7,9%) empresários, 14 (7,9%) engenheiros civis, 10 (5,6%) advogados, 8 (4,5%) funcionários públicos, 7 (4,0%) representantes comerciais, 5 (2,8%) delegados, 5 (2,8%) professores, 4 (2,3%) agrônomos, 4 (2,3%) contadores, 4 (2,3%) corretores, 4 (2,3%) escrivães, 4 (2,3%) jornalistas, 4 (2,3%) lavradores, 4 (2,3%) publicitários, 4 (2,3%) agentes de turismo, 3 (1,7%) mecânicos, 3 (1,7%) odontólogos, 2 (1,1%) agricultores, 2 (1,1%) aposentados, 2 (1,1%) autônomos, 2 (1,1%) chefes de oficina, 2 (1,1%) economistas, 2 (1,1%) engenheiros elétricos, 2 (1,1) geógrafos, 2 (1,1%) oficiais de justiça, 2 (1,1%) pecuaristas, 1 (0,6%) geólogo e 1 (0,6%) vendedor (Tabela 3).

Em relação à profissão das mães dos acadêmicos do curso de medicina, do total de 187 respostas válidas, verificou-se que há 35 (18,7%) funcionárias públicas, 29 (15,5%) professoras universitárias, 17 (9,1%) médicas, 17 (9,1%) do lar, 9 (4,8%) comerciantes, 8 (4,3%) advogadas, 8 (4,3%) pedagogas, 7 (3,7%) administradoras, 7 (3,7%) psicólogas, 7 (3,7%) odontólogas, 5 (2,7%) arquitetas, 4 (2,1%) bancárias, 4 (2,1%) designers de interiores, 4 (2,1%) empresárias, 4 (2,1%) enfermeiras, 4 (2,1%) engenheiras civis, 4 (2,1%) farmacêuticas, 4 (2,1%) publicitárias, 4 (2,1%) secretárias, 2 (1,1%) agentes de viagem, 2 (1,1%) auditoras fiscais e 2 (1,1%) telefonistas (Tabela 3).

Quanto à profissão dos pais dos universitários do curso de direito, entre as 121 respostas válidas, registraram-se 16 (13,2%) advogados, 11 (9,1%) representantes comerciais, 10 (8,3%) administradores, 10 (8,3%) professores universitários, 8 (6,6%) funcionários públicos, 7 (5,8%) corretores, 7 (5,8%) empresários, 5 (4,1%) comerciantes, 5 (4,1%) funcionários públicos federais, 4 (3,3%) agropecuaristas, 4 (3,3%) autônomos, 4 (3,3%) pedreiros, 3 (2,5%) aposentados, 3 (2,5%) bancários, 3 (2,5%) jornalistas, 2 (1,7%) contadores, 2 (1,7%) desembargadores, 2 (1,7%) engenheiros químicos, 2 (1,7%) médicos, 2 (1,7%) veterinários, 2 (1,7%) agrônomos, 1 (0,8%) auditor fiscal, 1 (0,8%) economista, 1 (0,8%) engenheiro civil, 1 (0,8%) odontólogo, 1 (0,8%) peão de fazenda, 1 (0,8%) pecuarista, 1 (0,8%) policial, 1 (0,8%) técnico e 1 (0,8%) agricultor (Tabela 3).

Para as mães dos acadêmicos do curso de direito, observou-se que, entre o total de 134 respostas válidas, há 34 (25,4%) do lar, 26 (19,4%) funcionárias públicas, 18 (13,4%) professoras, 8 (6,0%) aposentadas, 5 (3,7%) médicas, 3 (2,2%) advogadas, 3 (2,2%) assistentes sociais, 3 (2,2%) comerciantes, 3 (2,2%) comerciárias, 3 (2,2%) jornalistas, 3 (2,2%) pensionistas, 2 (1,5%) cozinheiras, 2 (1,5%) decoradoras de interiores, 2 (1,5%) empresárias, 2 (1,5%) enfermeiras, 2 (1,5%) estudantes, 2 (1,5%) farmacêuticas, 2 (1,5%) funcionárias públicas municipais, 2 (1,5%) sociólogas, 2 (1,5%) turismólogas, 1 (0,7%) autônoma, 1 (0,7%) coordenadora pedagógica, 1 (0,7%) desempregada, 1 (0,7%) engenheira civil, 1 (0,7%) odontóloga, 1 (0,7%) pedagoga e 1 (0,7%) técnica de segurança do trabalho (Tabela 3).

Com base nos questionários aplicados, apurou-se que os pais e as mães dos acadêmicos de medicina e direito exercem várias funções. Nem todos os pais e nem todas as mães trabalham e, algumas vezes, as respostas apresentadas apontavam que o pai ou a mãe dos alunos de ambos os cursos avaliados estavam desempregados. Porém, em momento algum, esse tipo de situação constrangeu os estudantes em suas respostas ao questionário aplicado.

Em sua maioria, os pais dos acadêmicos do curso de medicina são médicos e as mães, funcionárias públicas, ao passo que os pais dos acadêmicos do curso de direito são, em sua maioria, advogados e as mães, do lar.

*d) Nível de escolarização dos pais*

Quanto ao nível de escolarização dos pais dos universitários do curso de medicina, do total de 184 respostas válidas, há 9 (4,9%) alfabetizados, 17 (9,2%) com educação básica, 29 (15,8%) com ensino médio, 12 (6,5%) com curso técnico, 82 (44,6%) com ensino superior, 24 (13,0%) com especialização, 7 (3,8%) com mestrado e 4 (2,2%) com doutorado (Tabela 4).

Em relação ao nível de escolarização das mães dos acadêmicos do curso de medicina, observou-se que, do total de 199 respostas válidas, 12 (6,0%) são alfabetizadas, 19 (9,5%) têm educação básica, 19 (9,5%) têm ensino médio, 1 (0,5%) tem curso técnico, 113 (56,8%) têm ensino superior, 29 (14,6%) têm especialização, 1 (0,5%) tem mestrado, 5 (2,5%) têm doutorado (Tabela 4).

Do total de 138 respostas válidas, os pais dos universitários do curso de direito apresentam o seguinte nível de escolarização: 9 (6,5%) são alfabetizados, 21 (15%) têm educação básica, 35 (25,4%) têm ensino médio, 4 (2,9%) têm curso técnico, 53 (38,4%) têm ensino superior, 7 (5,1%) têm especialização, 5 (3,6%) têm mestrado e 4 (2,9%) têm doutorado (Tabela 4).

Entre as mães dos acadêmicos do curso de direito, observou-se que, do total de 143 respostas válidas, 19 (13,3%) são alfabetizadas, 23 (16,1%) têm educação básica, 24 (16,8%) têm ensino médio, 6 (4,2%) têm curso técnico, 55 (38,5%) têm ensino superior, 6 (4,2%) têm especialização, 8 (5,6%) têm mestrado e 2 (1,4%) têm doutorado (Tabela 4).

Comparando-se os dados obtidos para os acadêmicos dos dois cursos, verifica-se que grande parte dos pais dos estudantes de medicina (44,6%) tem curso superior completo, bem como das mães (56,8%), o mesmo ocorrendo com os pais (38,4%) e as mães (38,5%) dos acadêmicos de direito.

Considera-se que, embora as mães dos discentes do curso de medicina apresentem nível de escolaridade maior do que os pais destes alunos e do que os pais e as mães dos estudantes de direito, a maioria de todos os pais e mães completou o ensino superior.

Avaliar a escolaridade dos jovens e compará-la com a escolaridade de seus pais é uma forma de contribuir para a compreensão da complexidade da escolarização do sujeito. Quanto mais escolarizados os pais, mais incentivo os filhos terão para estudar, como se depreende da fala de Daniela:

*Meus pais estudam muito, gostam de ler, ir ao teatro, ao cinema. Isso me estimula a gostar de ler. Mesmo formados, os dois participam de congressos, palestras e também nos incentivam, eu e meus irmãos. Percebo que eles têm vontade de aprender mais, principalmente a minha mãe, que é funcionária pública. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Nessa perspectiva, pressupõe-se que os pais que apresentam nível de escolarização mais elevado podem contribuir para a escolarização dos filhos, possibilitando-lhes desempenho escolar exitoso.

## **1.2 Perfil dos jovens pesquisados**

Neste tópico, abordam-se os aspectos sexo, idade, estado civil e trabalho dos jovens pesquisados, com o intuito de descrever e conhecer o perfil desses estudantes do curso de medicina e direito.

### *a) Sexo*

Entre as 234 respostas válidas dos sujeitos do curso de medicina pesquisados, 119 (50,9%) são do sexo masculino e 115 (49,1%) são do sexo feminino. Em relação aos acadêmicos do curso de direito, entre as 179 respostas válidas, 64 (35,8%) são do sexo masculino e 115 (64,2%) são do sexo feminino (Tabela 5). Assim sendo, houve predomínio de mulheres entre os estudantes do curso de direito pesquisados. Este fato foi destacado por Luciana quando afirmou:

*Na minha sala, tem mais mulheres do que homens. Eu não me vejo inibida diante deste quadro. Tem hora que fico com pena deles, porque quem tem mais voz dentro da sala somos nós. Muitas vezes, eles precisam concordar com toda proposta nossa, senão... (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

### *b) Idade*

As idades dos sujeitos pesquisados variaram entre menos de 20 anos a até 35 anos no curso de medicina, ficando os participantes assim distribuídos: 23 (10,0%) com menos de 20 anos, 192 (83,5%) na faixa entre 20 e 25 anos, 12 (5,2%) na faixa entre 25 e 30 anos, 3 (1,3%) na faixa entre 30 e 35 anos, entre as 230 respostas válidas (Tabela 6).

Para os acadêmicos do curso de direito pesquisados, as idades variaram entre menos de 20 anos a até acima de 40 anos, estando os sujeitos assim distribuídos, de acordo com as 176 respostas válidas: 8 (4,5%) com menos de 20 anos, 145 (82,4%) na faixa entre 20 e 25 anos, 15 (8,5%) na faixa entre 25 e 30 anos, 2 (1,1%) na faixa entre 30 e 35 anos, 3 (1,7%) na faixa entre 35 e 40 anos, 3 (1,7%) acima de 40 anos de idade (Tabela 6).

Analisando a faixa etária dos alunos ao iniciar o curso, observa-se que há mais jovens universitários com menos de 20 anos no curso de medicina do que no curso de direito, quer seja no turno matutino ou no noturno, e que a maioria dos alunos em ambos os cursos está entre 20 e 25 anos, embora haja maior predominância desta faixa etária no curso de medicina (Tabela 6).

### *c) Estado civil*

Quanto ao estado civil, no curso de medicina, constatou-se que, entre as 215 respostas válidas, 215 (100,0%) acadêmicos são solteiros, enquanto no curso de direito, das 176 respostas válidas, 162 (92,0%) são solteiros, 8 (4,5%) são casados, 4 (2,3%) são separados/divorciados e 2 (1,1%) têm união estável (Tabela 7). Portanto, em sua maioria, os estudantes dos cursos de medicina e direito participantes desta pesquisa são solteiros. Ademais, apurou-se que a maior parte deles não tem a pretensão de se casar a curto prazo.

*d) Ano escolar que cursa*

Participaram desta pesquisa acadêmicos do terceiro, quarto e quinto anos dos cursos de medicina e de direito, os quais ingressaram na universidade nos anos de 2005, 2006 e 2007, respectivamente.

Entre os sujeitos do curso de medicina, das 234 respostas válidas, 31 (13,2%) cursam o quinto ano, 99 (42%) cursam o quarto ano e 104 (44,4%) cursam o terceiro ano. Entre as 180 respostas válidas dos alunos do curso de direito, 39 (21,7%) cursam o quinto ano, 83 (46,1%) cursam o quarto ano e 58 (32,2%) cursam o terceiro ano (Tabela 8).

*e) Trabalho*

Entre as 234 respostas válidas, apurou-se que 18 (7,7%) estudantes do curso de medicina trabalham e 216 (92,3%) não trabalham. Para os estudantes do curso de direito pesquisados, das 171 respostas válidas, 88 (51,5%) trabalham e 83 (48,5%) não trabalham. (Tabela 9).

Com este estudo, percebe-se nitidamente que, no curso de medicina, há elevado número de sujeitos que não trabalham. Isso pode ser justificado por ser medicina um curso em tempo integral, diferentemente do curso de direito, que ocupa apenas um período do dia.

Nesta pesquisa, os jovens universitários do curso de medicina, oriundos das classes média e média alta, têm percurso quase exclusivo como estudantes, pois o lugar social que ocupam lhes possibilita dedicar mais tempo aos estudos. Já para os estudantes de direito, o percurso de trabalho geralmente se inicia ainda na universidade, possivelmente porque seu curso não requer tempo integral e pela maior oportunidade de acesso a estágios não obrigatórios.



### 1.3 Percurso acadêmico dos sujeitos pesquisados

Nesta parte do presente estudo, aborda-se o percurso acadêmico dos sujeitos pesquisados dos dois cursos, incluindo a conclusão do ensino médio, que foi cursado em escolas particulares e a preparação para o vestibular, quantas vezes prestaram vestibular e por quanto tempo fizeram cursinho.

Os jovens universitários do curso de medicina pesquisados concluíram o ensino médio entre 2000 e 2005: das 191 respostas válidas, 29 (15,2%) sujeitos o concluíram entre 1995 e 2002, 32 (16,8%) em 2003, 38 (19,9%) em 2004, 38 (19,9%) em 2005, 49 (25,7%) em 2006 e 5 (2,6%) em 2007 (Tabela 10).

No que tange ao curso de direito, das 176 respostas válidas, 16 (9,1%) acadêmicos concluíram o ensino médio entre 1995 e 2002, 24 (13,6%) em 2003, 28 (15,9%) em 2004, 73 (41,5%) em 2005, 31 (17,6%) em 2006 e 4 (2,3%) em 2007 (Tabela 10).

Entre as 191 respostas válidas obtidas para os estudantes do curso de medicina, 19 (9,9%) estudaram menos de um semestre no cursinho pré-vestibular, 109 (57,1%) estudaram mais de um ano e 63 (33,0%) estudaram um ano. Para os acadêmicos do curso de direito, das 81 respostas válidas, 8 (9,9%) estudaram menos de um semestre, 19 (23,5%) estudaram mais de um ano e 54 (66,7%) estudaram um ano no cursinho pré-vestibular (Tabela 11).

De acordo com as 189 respostas válidas fornecidas pelos alunos do curso de medicina, 6 (3,2%) prestaram vestibular uma vez, 61 (32,3%) duas vezes, 18 (9,5%) três vezes e 104 (55,0%) quatro vezes ou mais. No curso de direito, das 81 respostas válidas, 8 (9,9%) alunos prestaram vestibular uma vez, 54 (66,7%) duas vezes, 16 (19,8%) três vezes e 3 (3,7%) quatro vezes ou mais (Tabela 12).

Segundo relatos coletados no questionário, alguns jovens universitários participantes desta pesquisa tinham a pretensão de fazer vestibular desde 2000, prosseguindo até 2005, uma vez que os cursos de medicina e de direito são bastante concorridos. Conforme mencionado anteriormente, muitos desses sujeitos tiveram de fazer cursinho preparatório para o vestibular, objetivando alcançar melhor classificação e mais qualidade de aprendizagem para enfrentar a concorrência.

Chama a atenção o fato de que 104 (55,0%) estudantes de medicina e 3 (3,7%) de direito prestaram vestibular mais de quatro vezes para ingressar na universidade.

#### **1.4 Vida universitária dos jovens pesquisados**

Neste tópico, são apresentados os dados referentes à vida universitária dos sujeitos pesquisados, as atividades curriculares de cada curso, a sua composição, o ano acadêmico que os participantes estão cursando, o motivo de escolha do curso, o nível de satisfação com a escolha do curso, o acesso a informações (Internet, TV aberta e TV a cabo) e a formação extracurricular.

O ingresso nos cursos de medicina e direito é extremamente concorrido (QUEIROZ, 2008), o que requer boa preparação dos candidatos para passar no exame vestibular. Muitos dedicam vários anos de estudos preparatórios para o vestibular até a obtenção da aprovação.

##### *a) Motivo de escolha do curso*

Mesmo sendo considerados cursos difíceis, com matriz curricular extensa, a procura pelos cursos de medicina e direito continua grande. Isso pode ser comprovado neste estudo, pois os sujeitos pesquisados, tanto do curso de medicina como de direito, afirmaram ter interesse pessoal e afinidade com o curso que escolheram.

Entre as 230 respostas válidas apresentadas pelos acadêmicos do curso de medicina, 153 (66,5%) afirmaram ter afinidade com o curso, 65 (28,3%) têm a expectativa de obter emprego melhor e 12 (5,2%) alegaram a facilidade de passar no vestibular como motivo para a escolha do curso (Tabela 13).

Para os alunos que frequentam o curso de direito, entre as 179 respostas válidas, 106 (59,2%) relataram ter afinidade<sup>4</sup> com o curso, o que traz sentido para

---

<sup>4</sup> Afinidade: conformidade; grau de semelhança e relação; tendência combinatória; aproximação, relação, simpatia, afinidade de gostos, de caracteres (BUENO, 1996, p. 50).

sua vida, 72 (40,2%) têm a expectativa de obter emprego melhor e 1 (0,6%) declarou a facilidade de passar no vestibular como motivo para a escolha do curso (Tabela 13).

Portanto, afinidade com o curso foi uma variável confirmada na resposta ao questionário quase unanimemente entre os estudantes dos dois cursos. Dessa forma, observa-se que quase não existe evasão escolar nesses dois cursos, pois os sujeitos pesquisados afirmaram ter uma relação de afinidade com seu curso.

Comparando-se os dois cursos, nota-se, pelas respostas dos alunos, que a motivação para a escolha do curso, além da afinidade, já mencionada, também o curso traz sentido à vida dos acadêmicos (85,9% – medicina e 80,6% – direito) (Tabela 14).

#### *b) Nível de satisfação com a escolha do curso*

Em relação ao nível de satisfação dos estudantes com a escolha do curso, das 232 respostas válidas dos alunos do curso de medicina avaliados, 182 (78,4%) estão satisfeitos, 28 (12,1%) estão mais ou menos satisfeitos, 10 (4,3%) não estão satisfeitos e 12 (5,2%) estão às vezes satisfeitos (Tabela 15).

Entre os acadêmicos do curso de direito participantes da pesquisa, das 180 respostas válidas, 98 (54,4%) estão satisfeitos com o curso, 60 (33,3%) estão mais ou menos satisfeitos, 14 (7,8%) não estão satisfeitos e 8 (4,4%) estão às vezes satisfeitos (Tabela 15).

Os sujeitos afirmaram ter afinidade com o curso que escolheram e que desejavam profissionalizar-se. Quanto às disciplinas cursadas, relataram ter afinidade com quase todas. Sua relação com a universidade e com o curso está vinculada, na visão desses sujeitos, com a profissão que exercerão em futuro próximo ou distante e, para isto, é indispensável desenvolver o conhecimento necessário à formação de bons profissionais, como se percebe no depoimento de Daniela:

*Claro que sim! Faço tudo para aprender, com os meus professores e colegas, todo o conteúdo dado. Estudo bastante, participo de tudo aqui na universidade e fora também. Isso me dá garantia de ser uma boa profissional e de ter um poder no meu futuro. Porque, quando aprendo,*

*tenho segurança naquilo que faço.* (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)

### c) Acesso a informações

Verifica-se que, das 230 das respostas válidas fornecidas pelos alunos do curso de medicina, 186 (80,9%) usam Internet, 34 (14,8%) têm acesso a TV aberta, 10 (4,3%) têm acesso a TV a cabo (Tabela 16).

Já no curso de direito, das 164 das respostas válidas, 132 (80,5%) usam Internet, 15 (9,1%) têm acesso a TV aberta, 3 (1,8%) têm acesso a TV a cabo, 3 (1,8%) têm acesso a jornal, 8 (4,9%) têm acesso a revista e 3 (1,8%) têm acesso a outros meios de informação (Tabela 16).

Os jovens de ambos os cursos informaram nos questionários que leem entre três e quatro livros por ano, fora os curriculares. Verificou-se, portanto, que o hábito da leitura de livros não escolares já faz parte do cotidiano desses jovens universitários, mas os jornais escritos não são apontados como preferidos para a informação cotidiana. Os estudantes afirmaram fazer leitura semanal ou ocasional de jornais. A mais importante fonte de informação é o telejornal e as revistas são apontadas como as mais lidas. Todavia, as outras fontes não apresentaram percentuais expressivos. Possivelmente, a leitura semanal vincula-se ao fato de que, no decorrer da semana, os jovens dedicam-se ao estudo acadêmico e somente nos finais de semana sobra algum tempo para que leiam jornais e revistas e, assim, mantenham-se, de algum modo, informados.

Diante do exposto, esta pesquisa identificou que os participantes leem livros com frequência, uma vez que, em média, 77,92% dos acadêmicos do curso de medicina e 76,67% dos acadêmicos do curso de direito afirmaram ter este hábito, estando os dois cursos quase equiparados em termos de leituras realizadas pelos alunos, tanto do sexo feminino como do masculino.

#### *d) Formação extracurricular*

As atividades extracurriculares realizadas pelos jovens são de extrema relevância para a sua formação. Constata-se que, das 209 respostas válidas fornecidas pelos estudantes do curso de medicina, 141 (67,5%) frequentam atividades extracurriculares e 68 (32,5%) não as frequentam. Entre as 131 respostas válidas dos alunos do curso de direito, 74 (56,5%) frequentam atividades extracurriculares e 57 (43,5%) não as frequentam (Tabela 17). Assim sendo, percebe-se que os jovens universitários pesquisados não ficam restritos somente à realização das disciplinas da matriz curricular, mas procuram outros conhecimentos extracurriculares para complementar e qualificar a sua formação acadêmica.

Entre os sujeitos pesquisados, as atividades extracurriculares que mais frequentemente realizam são cursos de línguas estrangeiras, simpósios, seminários, jornadas científicas, palestras, oficinas, congressos e colóquios.

### **1.5 Dimensões subjetivas**

Neste tópico, são apresentados os resultados referentes às dimensões subjetivas dos sujeitos pesquisados, incluindo relacionamento familiar, opções de lazer e cultura, qualidades autoatribuídas, amigos, experiências sexual-afetivas e projetos para o futuro.

#### *a) Relacionamento familiar*

No que concerne ao relacionamento familiar, em geral, os sujeitos pesquisados revelaram ter relacionamento entre ótimo e bom com seus pais, mães e irmãos, e que são carinhosos, amigos, prestativos e compreensivos nos momentos difíceis.

Entre as 219 respostas válidas dos acadêmicos do curso de medicina sobre o relacionamento que mantêm com o pai, identificou-se o seguinte quadro: 149 (68,0%) ótimo, 55 (25,2%) bom, 6 (2,7%) regular e 9 (4,1%) ruim (Tabela 18).

A respeito do relacionamento dos estudantes do curso de medicina com a mãe, das 234 respostas válidas, 154 (65,7%) afirmaram ter relacionamento ótimo, 75 (32,1%) bom, 3 (1,3%) regular e 2 (0,9%) ruim (Tabela 18).

Quanto ao relacionamento dos acadêmicos do curso de medicina com os irmãos, das 182 respostas válidas, apurou-se o seguinte: 119 (65,4%) afirmaram manter relacionamento ótimo, 50 (27,5%) bom, 11 (6,0%) ruim e 2 (1,1%) péssimo (Tabela 18).

Para os estudantes do curso de direito, entre as 160 respostas válidas acerca do relacionamento com o pai, 113 (70,6%) têm relacionamento ótimo, 35 (21,9%) bom, 5 (3,1%) regular, 4 (2,5%) ruim e 3 (1,9%) péssimo (Tabela 18).

Sobre o relacionamento dos acadêmicos do curso de direito com a mãe, das 172 respostas válidas, registrou-se o seguinte: 100 (58,1%) têm relacionamento ótimo, 71 (41,3%) bom e 1 (0,6%) ruim (Tabela 18).

Em se tratando do relacionamento dos estudantes do curso de direito com os irmãos, das 143 respostas válidas, verificou-se que: 65 (45,5%) têm relacionamento ótimo, 62 (43,4%) bom, 3 (2,1%) regular, 12 (8,4%) ruim e 1 (0,7%) péssimo (Tabela 18).

De acordo com esses dados, a maioria dos sujeitos pesquisados, tanto do curso de medicina como do curso de direito, afirmou ter relacionamento ótimo ou bom com a família. Entretanto, porém não menos importante, também apontaram, por meio das respostas regular, ruim ou péssima, a presença de conflitos intrafamiliares, seja com o pai, a mãe ou os irmãos.

#### *b) Opções de lazer e cultura*

Objetivou-se entender a relação que os jovens estudantes universitários têm com o mundo e com as outras pessoas, por intermédio da verificação das atividades de lazer que gostam de desenvolver.

Algumas atividades culturais e de lazer foram apontadas como as preferidas pelos jovens dos dois cursos. Para a atividade de ir ao cinema, entre as 232 respostas válidas fornecidas pelos estudantes do curso de medicina, 92 (39,7%) a executam uma vez por mês, 104 (44,8%) uma vez por semana, 34 (14,7%) raramente e 2 (0,9%) nunca, enquanto das 149 respostas válidas para os acadêmicos do curso de direito, 88 (59,1%) a executam uma vez por mês, 37 (24,8%) uma vez por semana, 21 (14,1%) raramente e 3 (2,0%) nunca (Tabela 19).

Em relação à atividade de ir ao teatro, para os estudantes do curso de medicina, das 231 respostas válidas, 34 (14,7%) a realizam uma vez por mês, 141 (61,0%) raramente e 56 (24,2%) nunca, ao passo que para os alunos do curso de direito, entre as 162 respostas válidas, 19 (11,7%) a executam uma vez por mês, 8 (4,9%) uma vez por semana, 113 (69,8%) raramente e 22 (13,6%) nunca (Tabela 19).

A atividade de ir a shows é atrativa para os estudantes dos dois cursos. Das 220 respostas válidas dos acadêmicos do curso de medicina, 48 (21,8%) a executam uma vez por mês, 16 (7,3%) uma vez por semana, 118 (53,6%) raramente e 38 (17,3%) nunca; já para os do curso de direito, entre as 150 respostas válidas, 33 (22,0%) a executam uma vez por mês, 12 (8,0%) uma vez por semana, 98 (65,3%) raramente e 7 (4,7%) nunca (Tabela 19).

Quanto à ida a boates e danceterias, das 214 respostas válidas dos estudantes do curso de medicina, 23 (10,7%) a executam uma vez por mês, 70 (32,7%) uma vez por semana, 100 (46,6%) raramente e 21 (9,8%) nunca, enquanto para os alunos do curso de direito, das 143 respostas válidas, 21 (14,7%) a executam uma vez por mês, 32 (22,4%) uma vez por semana, 67 (46,9%) raramente e 23 (16,1%) nunca (Tabela 19).

A frequência a barzinhos é alta para os estudantes dos dois cursos. Para os estudantes de medicina, entre as 204 respostas válidas, 18 (8,8%) frequentam uma vez por mês, 133 (65,2%) uma vez por semana, 48 (23,5%) raramente e 5 (2,1%) nunca, ao passo que para os do curso de direito, das 155 respostas válidas, 20 (12,9%) frequentam uma vez por mês, 92 (59,4%) uma vez por semana, 33 (21,3%) raramente e 10 (6,5%) nunca (Tabela 19).

Em síntese, os acadêmicos de ambos os cursos participantes da presente pesquisa frequentam cinemas, teatros, shows, boates, danceterias e barzinhos, e declaram a importância do lazer em suas vidas. A atividade relatada com maior frequência foi a ida a barzinhos.

### *c) Qualidades autoatribuídas*

Os sujeitos desta pesquisa se autoatribuem nove qualidades que consideram primordiais para suas vidas. Entre as 232 respostas válidas fornecidas pelos acadêmicos do curso de medicina, 51 (22%) classificam-se como estudiosos, 52 (22,4%) como responsáveis, 24 (10,3%) como sinceros, 15 (6,5%) como verdadeiros, 18 (7,8%) como assíduos, 54 (23,3%) como amigos, 2 (0,9%) como amáveis, 12 (5,2%) como respeitadores e 4 (1,7%) como carinhosos (Tabela 20).

Para os alunos do curso de direito, das 150 respostas válidas, 61 (40,7%) definem-se como estudiosos, 45 (30,0%) como responsáveis, 9 (6,0%) como sinceros, 2 (1,3%) como verdadeiros, 2 (1,3%) como assíduos, 16 (10,7%) como amigos, 3 (2,0%) como amáveis, 1 (0,7%) como respeitador e 11 (7,3%) como carinhosos (Tabela 20).

Certamente, as duas principais características autoatribuídas pelos estudantes de medicina e de direito – estudioso e responsável – são compatíveis e necessárias ao rigoroso processo seletivo pelo qual passaram.

### *d) Amigos e experiências sexual-afetivas*

Os sujeitos pesquisados, tanto no curso de medicina como no curso de direito, afirmaram que têm alguns amigos com os quais se relacionam desde a educação infantil ou ensino médio e continuam sendo amigos até o momento.

De acordo com as 183 respostas válidas dos alunos do curso de medicina, 71 (38,8%) têm amigos até 20 anos de idade, 99 (54,1%) têm amigos entre 20 e 30



anos, 9 (4,9%) têm amigos entre 30 e 40 anos e 4 (2,2%) têm amigos acima de 40 anos (Tabela 21).

Em relação às 105 respostas válidas fornecidas pelos acadêmicos do curso de direito, 36 (34,3%) têm amigos até 20 anos de idade, 64 (61,0%) têm amigos entre 20 e 30 anos, 3 (2,9%) têm amigos entre 30 e 40 anos e 2 (1,9%) têm amigos acima de 40 anos (Tabela 21).

Das 185 respostas válidas dos estudantes do curso de medicina, 98 (53,0%) têm mais amigos do sexo feminino e 87 (47,0%) têm mais amigos do sexo masculino. Entre os acadêmicos do curso de direito, das 132 respostas válidas, 76 (57,6%) têm mais amigos do sexo feminino e 56 (42,4%) têm mais amigos do sexo masculino (Tabela 21).

Quando perguntados se levam amigos em casa, das 162 respostas válidas dos acadêmicos do curso de medicina, 143 (88,3%) afirmaram que sim e 19 (11,7%) responderam que não. Já para os alunos do curso de direito, entre as 115 respostas válidas, 100 (87,0%) disseram que sim e 15 (13,0%) relataram que não (Tabela 21).

Quando a pesquisadora perguntou aos participantes sobre a idade em que mantiveram a primeira relação sexual, 165 (89,7%) acadêmicos do curso de medicina e 88 (77,2%) do curso de direito responderam que esta experiência ocorreu entre 15 e 20 anos de idade. Ao perguntar aos sujeitos se estes levam o/a namorado/a para dormir em casa juntos, as respostas foram revestidas de falas que expressam “normalidade”<sup>5</sup>, pois estes jovens significam a vida sexual como algo que permite à pessoa ser feliz e acreditam que o mais importante é o sentimento que está envolvido na relação. O depoimento de Juliana ilustra isso:

*Meus pais sempre me orientaram. Lá em casa, eu não sei se chega a ser da formação deles, ou porque talvez eles moraram em cidade grande, porque nossa família é do Rio de Janeiro. Então, a gente sempre teve muito diálogo em casa. Eles até aceitam muitas coisas que pais de amigos meus não aceitam, como dormir na casa do meu namorado, meu namorado dormir lá em casa. Nós gostamos de ter relação sexual, nos sentimos bem e meus pais me apoiam. Isso é normal na minha casa. Mas, o diálogo acontece, sempre, orientando sobre os preservativos, dando conselhos. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

---

<sup>5</sup> Chauí (2001) postulou que todas as formas de relacionamento do homem com o contexto em que está inserido ocorrem por meio de vários discursos que orientam a maneira como ele deve agir pelo fato de ser um discurso competente. Sendo assim, entende-se que o conceito de normalidade significa um estado-padrão, no qual a maioria aprova comportamentos socialmente estabelecidos tendo como base setores sociais dominantes.

Para os estudantes do curso de medicina, das 184 respostas válidas acerca da idade em que tiveram a primeira experiência sexual, apurou-se que 15 (8,2%) tiveram esta experiência com menos de 15 anos, 165 (89,7%) entre 15 e 20 anos e 4 (2,2%) entre 20 e 25 anos (Tabela 21).

Já no caso dos alunos do curso de direito, entre as 114 respostas válidas, verificou-se que a primeira relação sexual ocorreu para 22 (19,3%) deles com menos de 15 anos, para 88 (77,2%) entre 15 e 20 anos, para 2 (1,8%) entre 20 e 25 anos e para 2 (1,8%) acima de 25 anos (Tabela 21).

A pesquisa revelou, portanto, que a idade mais frequente da primeira experiência sexual para os jovens universitários de ambos os cursos participantes deste estudo situou-se entre 15 e 20 anos.

#### *e) Projetos para o futuro*

Apurados os resultados acerca dos projetos para o futuro, percebeu-se que os sujeitos pesquisados pretendem continuar seus estudos após a graduação. Analisando-se sua pretensão de fazer pós-graduação, das 224 respostas válidas dos estudantes do curso de medicina, 151 (67,4%) afirmaram que pretendem fazer aqui no Brasil e 73 (32,6%) no exterior. Entre as 150 respostas válidas dos acadêmicos do curso de direito, 139 (92,7%) afirmaram que pretendem fazer pós-graduação no Brasil e 11 (7,3%) fora do Brasil (Tabela 22).

De acordo com os resultados desta pesquisa, constatou-se que, entre os graduandos do curso de direito, a pretensão é estudar para fazer um concurso público, voltado para as seguintes carreiras: juiz, promotor, procurador, desembargador. Já os projetos dos estudantes de medicina são outros, pois pretendem fazer residência, a maioria tendo mencionado cirurgia geral ou clínica médica e, posteriormente, se especializar em alguma área.

Para os jovens universitários, a escolha do futuro profissional é um marco importante para consolidar o seu projeto de vida. O que eles vão fazer, após a conclusão do curso superior, não é algo a se pensar em um futuro distante. Em sua resposta, deve-se levar em consideração tanto as suas condições quanto as

oportunidades existentes. Nesse sentido, a construção de projeto de futuro é feita em uma dupla influência de reflexão subjetiva e circunstâncias objetivas. Não se trata mais, portanto, de um sonho distante, mas sim de algo premente, que faz parte do contexto reflexivo do jovem estudante e que precisa se materializar.

Pode-se argumentar que o espaço universitário em que os discentes estão inseridos influencia sua construção de projeto de futuro, até mesmo por estarem, diariamente, envolvidos com questões profissionais. O ambiente estudantil também é um fator decisivo quanto ao futuro desses estudantes universitários.

Os dados apresentados até aqui possibilitam afirmar que esses jovens universitários estão investindo em uma preparação para o trabalho, ou seja, investem em uma carreira que atenderá à sua necessidade de se inserir no mundo profissional.

## **1.6 Sujeitos entrevistados**

Nesta parte do trabalho, tem-se o objetivo de contextualizar o bairro ou a região geográfica em que os participantes da pesquisa habitam e seu perfil familiar e acadêmico. Para tanto, fez-se um recorte na pesquisa e foram selecionados 12 sujeitos, sendo seis do curso de medicina e seis do curso de direito.

Verificou-se que os 12 sujeitos pesquisados residem com suas famílias em nove bairros de Goiânia, que são localmente denominados setores: Jardim América, Jardim Atlântico, Jardim Europa, Parque Anhanguera, Setor Bueno, Setor Jaó, Setor Marista, Setor Oeste, Setor Universitário e o condomínio fechado Jardins Florença.

De acordo com os dados do IBGE (2010a), o Jardim América é um dos bairros nobres da região sul de Goiânia e também o maior de todos, com 55 mil moradores. Assim como muitos outros bairros dessa cidade, foi planejado.

O Jardim Atlântico, um dos bairros nobres de Goiânia, está situado ao lado de vários outros bairros nobres, como o setor Façalville e o Jardim Europa.

O Jardim Europa, um dos bairros nobres de Goiânia, está situado ao lado de vários outros bairros nobres, como o setor Façalville e o Jardim Atlântico.

O Jardins Florença é um condomínio fechado nobre, que fica na região sul de Goiânia.

O Parque Anhanguera, criado em 1954, situa-se na região sul de Goiânia. Inicialmente, constituía uma área residencial para pessoas de baixo poder aquisitivo. Desde a década de 1990, entretanto, vem sendo ocupado por famílias das classes média e média alta.

O Setor Bueno está localizado na região sul e é o segundo maior e mais nobre de Goiânia.

O Setor Jaó está localizado na região norte da capital, próximo ao Aeroporto Internacional Santa Genoveva. Situado às margens do Rio Meia Ponte, é predominantemente residencial. É bem arborizado e seus moradores são majoritariamente das classes média e média alta.

O Setor Marista é um dos mais tradicionais bairros de Goiânia, com uma das características marcantes da capital: parques e jardins que unem o movimentado ambiente urbano e a natureza.

O Setor Oeste situa-se entre o centro da capital goiana e a zona do bairro de Campinas. Com população superior a 20 mil habitantes, é um dos bairros mais populosos de Goiânia. É notável por suas extensas áreas verdes, como o Bosque dos Buritis e o Parque Lago das Rosas, anexo ao Jardim Zoológico.

No Setor Universitário, um dos bairros que sedia algumas das mais importantes instituições de ensino do estado de Goiás, como PUC Goiás e UFG, os moradores são preponderantemente da classe média, mas ainda existe uma população de baixa renda residindo neste setor.

Os sujeitos pesquisados são estudantes universitários que residem nesses bairros de classes média e média alta de Goiânia. Buscou-se apresentar cada sujeito em seu contexto de vida familiar, afetiva e escolar, bem como sua maneira de ser e estar no mundo, com algumas definições de família.

Assim, são apresentados os 12 sujeitos, todos acadêmicos da UFG, seis do curso de medicina e seis do curso de direito.

### 1.6.1 Estudantes de medicina

a) Daniela tem 20 anos de idade, é solteira e está cursando o 3º ano de medicina. Reside no Setor Bueno com seus pais, Cláudia e Henrique, e três irmãos mais velhos, Rogério (21 anos), João Paulo (23 anos) e Marcos (25 anos). Sua família apresenta configuração nuclear familiar simples, em que o casal teve apenas uma união e possui filhos (PERES; SOUSA, 2002). Tem uma ótima relação com os pais, que mostram grande interesse a respeito dos seus estudos e valorizam seu conhecimento acadêmico. Acha que fazer um curso superior é essencial na vida, além de ser uma grande conquista. Gosta muito do curso que faz e afirmou que em sua família todos são graduados. Para ela, o conhecimento acadêmico tem todo o significado que a constitui como pessoa. É kardecista e pensa que o espiritismo ajuda a contornar os problemas. Fez cursinho por mais de um ano e prestou vestibular três vezes. Em seu depoimento, revelou que o carinho, a paciência e os elogios, tanto da família como dos professores, marcaram sua vida durante sua trajetória de estudante. Afirma que se relaciona com todos muito bem, tendo facilidade em fazer amigos e amigas. Daniela não trabalha, dedicando-se exclusivamente aos estudos. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Tem namorado, mas ainda não pensa em se casar. Gosta de viajar e de frequentar barzinhos.

b) Davi tem 24 anos de idade, é solteiro e está cursando o 5º ano de medicina. Reside nos Jardins Florença com seus pais, tem uma irmã de 16 anos e um irmão de 20 anos. Sua família apresenta configuração nuclear simples, em que o casal teve apenas uma união e possui filhos (PERES; SOUSA, 2002). Afirma que seu relacionamento com a família é muito bom. Acredita em Deus e é católico. Não fez cursinho e prestou vestibular apenas uma vez. Recebe carinho e elogios dos pais e confirmou que isto o ajuda muito em seus estudos. Gosta de ter amigos e afirmou que tem afinidade com o curso e tenta fazê-lo bem feito. Davi não trabalha, dedicando-se exclusivamente aos estudos. É monitor na faculdade. Tem namorada, mas ainda não pensa em se casar. Gosta de frequentar barzinhos e cinema.

c) Francisco tem 22 anos de idade, é solteiro e está cursando o 3º ano de medicina. Reside no Setor Universitário com sua mãe. Mantém relacionamento amigo e aberto com sua mãe desde pequeno. Acredita em Deus, mas é meio cético,

considerando a religião apenas como um apoio psicológico. Fez cursinho por um ano e prestou vestibular quatro vezes. Em seu depoimento, declarou que o carinho e a paciência de sua família marcaram sua vida durante sua trajetória de estudante. Gosta de fazer e ter amigos. Não se vê em outra profissão e alegou ter afinidade com o curso. Além de estudar, Francisco trabalha, dando aulas particulares. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Não tem namorada. Gosta de frequentar barzinhos e festas.

d) Gabriela tem 24 anos de idade, é solteira e está cursando o 4º ano de medicina. Reside no Setor Marista com seus pais e um irmão de 22 anos. Sua família apresenta configuração nuclear simples, em que o casal teve apenas uma união e possui filhos (PERES; SOUSA, 2002). Afirmou que seu relacionamento com a família é muito bom. Acredita em Deus e é católica. Fez cursinho por um ano e prestou vestibular duas vezes. Contou que o carinho, a paciência e os elogios de seus familiares e professores foram os itens que mais marcaram sua vida durante sua trajetória de estudante. Gosta de ter amigos e declarou ter afinidade com o curso. Gabriela não trabalha, dedicando-se exclusivamente aos estudos. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Tem namorado, mas ainda não pensa em se casar. Gosta de teatro e de frequentar barzinhos.

e) Joyce tem 24 anos de idade, é solteira e está cursando o 5º ano de medicina. Reside no Jardim Atlântico com sua mãe, que é viúva, um irmão de 22 anos, dois avós e dois tios, totalizando sete pessoas morando em sua casa. Seu pai faleceu há 12 anos. Sua família tem configuração nuclear extensa com agregado adulto coabitando (PERES; SOUSA, 2002). Declarou ter melhor relacionamento com o irmão e a mãe, mas convive bem com os outros. Acredita em Deus, mas não tem religião. Fez cursinho por um ano e prestou vestibular duas vezes. Afirmou que o carinho, a paciência e os elogios foram fundamentais em sua vida. Gosta de amigos do sexo masculino e três deles a acompanham até os dias atuais. Seu sonho era estudar em uma universidade pública e, depois de alcançá-lo, quer ser uma boa médica. Tem afinidade com o curso de medicina. Quer ser gastroenterologista. Gosta muito da relação com os pacientes em consultório. Joyce não trabalha, dedicando-se exclusivamente aos estudos. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Tem namorado, mas ainda não pensa em se casar. Gosta de frequentar boates e shows.

f) Juliana tem 24 anos de idade, é solteira e está cursando o 5º ano de medicina. Reside no Setor Jaó com seus pais, uma irmã de 19 anos e um irmão de 18 anos por parte de pai. Sua família apresenta configuração nuclear simples, em que o casal teve apenas uma união e possui filhos (PERES; SOUSA, 2002). Afirma que seu relacionamento com a família é excelente. Acredita em Deus e é católica. Fez cursinho por um ano e prestou vestibular duas vezes. Sempre foi elogiada por sua família em relação aos estudos. A amizade é fundamental em sua vida e afirmou ter vários amigos e afinidade com o curso. Juliana não trabalha, dedicando-se exclusivamente aos estudos. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Tem namorado, mas ainda não pensa em se casar. Gosta de dançar e de frequentar barzinhos.

#### *1.6.2 Estudantes de direito*

a) Adriana tem 22 anos de idade, é solteira e está cursando o 3º ano de direito. Reside no Setor Universitário com seus pais, é filha única do segundo casamento do pai e tem um irmão de 25 anos por parte de pai. Sua família apresenta configuração nuclear reconstituída, ou seja, formada pelo casal em que um ou ambos os cônjuges já tiveram mais de uma união conjugal, possuindo ou não filhos (PERES; SOUSA, 2002). Dá-se muito bem com os pais, apesar da idade deles, pois o pai tem 73 anos e a mãe, 55 anos. Acredita em Deus, mas não tem religião, embora julgue que esta traz conforto e significado para a vida. Não fez cursinho e prestou vestibular uma vez. Afirmou que o carinho, a paciência e os elogios da família e dos professores foram os itens que mais marcaram sua vida durante sua trajetória de estudante. Quer fazer especialização em direito tributário e gosta de ter amigos. Adriana não trabalha, dedicando-se exclusivamente aos estudos. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Tem namorado, mas ainda não pensa em se casar. Gosta de viajar e de frequentar barzinhos.

b) Eny tem 23 anos de idade, é solteira e está cursando o 5º ano de direito. Reside no Jardim Europa com sua mãe, que é separada do pai, e tem um irmão de 20 anos. Sua família apresenta configuração monoparental simples feminina, em que a mãe não tem companheiro e reside com os filhos (PERES; SOUSA, 2002).

Seu relacionamento com a família é excelente. Acredita em Deus e é católica, mas não acredita na igreja. Fez cursinho por um ano e prestou vestibular duas vezes. Gosta de ter amigos e declarou ter afinidade com o curso. Além de estudar, Eny faz estágio remunerado não obrigatório. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Tem namorado, mas ainda não pensa em se casar. Gosta de frequentar barzinhos.

c) Levi tem 20 anos de idade, é solteiro e está cursando o 4º ano de direito. Reside no Parque Anhanguera com seus pais e um irmão de 24 anos. Sua família apresenta configuração nuclear simples, em que o casal teve apenas uma união e possui filhos (PERES; SOUSA, 2002). Dá-se mais com o irmão e a mãe, mas convive bem com os demais membros da família. Acredita em Deus, mas não tem religião. Não fez cursinho e prestou vestibular uma vez. Afirmou que o carinho, a paciência e os elogios dos pais o ajudaram durante sua trajetória de estudante. Gosta de ter amigos e afirmou ter afinidade com o curso. Além de estudar, Levi faz estágio remunerado não obrigatório. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Não tem namorada. Gosta de viajar e de frequentar barzinhos.

d) Luciana tem 23 anos de idade, é solteira e está cursando o 4º ano de direito. Reside no Jardim América com um irmão de 21 anos, tendo ambos se mudado para Goiânia com a finalidade de estudar. Seus pais são casados e moram em Mato Grosso. Sua família apresenta configuração nuclear atípica, com indivíduos adultos (PERES; SOUSA, 2002). Afirmou conviver bem com a família. Acredita em Deus e é católica. Afirmou receber muito carinho e apoio dos pais. Tem muitos amigos, tem afinidade com o curso que escolheu e quer prestar concurso público. Além de estudar, Luciana faz estágio remunerado não obrigatório. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Não tem namorado. Gosta de viajar e de frequentar barzinhos.

e) Paula tem 22 anos de idade, é solteira e está cursando o 4º ano de direito. Reside no Setor Oeste com seus pais e um irmão de 17 anos. Sua família apresenta configuração nuclear simples, em que o casal teve apenas uma união e possui filhos (PERES; SOUSA, 2002). Afirmou se relacionar muito bem com os pais e ser muito amiga da mãe. É católica e, para ela, a religião lhe traz uma sensação indescritível. Fez cursinho por um ano e prestou vestibular duas vezes. O que mais marcou sua vida de estudante foi a pressão psicológica tanto dos pais como da sociedade para



entrar na universidade. Quer fazer especialização em direito do trabalho e gosta de ter amigos. Além de estudar, Paula faz estágio remunerado não obrigatório. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Tem namorado, mas ainda não pensa em se casar. Gosta de ir ao cinema e de frequentar barzinhos.

f) Victor tem 22 anos de idade, é solteiro e está cursando o 4º ano de direito. Reside no Setor Universitário com seus pais, um irmão de 20 anos e duas tias solteiras. Sua família é extensa, com agregados adultos coabitando (PERES; SOUSA, 2002). Afirmou ter ótimo relacionamento com a família. Acredita em Deus, mas não tem religião. Fez cursinho por seis meses e prestou vestibular duas vezes. Asseverou que o carinho, a paciência e os elogios da família marcaram sua vida durante a trajetória de estudante. Quer fazer especialização e tem vários amigos. Além de estudar, Victor faz estágio remunerado não obrigatório. Gosta de fazer cursos de extensão quando tem tempo. Não tem namorada. Gosta de frequentar barzinhos.

De acordo com os dados coletados sobre os jovens estudantes universitários dos cursos de medicina e direito da UFG participantes desta pesquisa, todos moram em setores das classes média e média alta da cidade de Goiânia. Com a exceção de Luciana, cujos pais moram em outro estado, todos os outros jovens estudantes vivem com suas famílias, as quais, segundo eles, lhes fornecem proteção, alimentação e inserção na universidade.

Por meio das apresentações dos estudantes participantes desta pesquisa, buscou-se contextualizar o momento social e econômico vivido por cada um deles, com a intenção de melhor compreender o que se investiga neste trabalho, quer seja, os sentidos e os significados atribuídos pelos estudantes à sua formação acadêmica.

Os sentidos e os significados que os jovens estudantes de medicina e direito participantes atribuíram à sociedade e à família serão mais especificamente contemplados na próxima parte deste trabalho, na qual se trata de compreender estas duas dimensões – sociedade e família – como espaço de poder e mediação do conhecimento. Na dimensão da sociedade, foi possível identificar os significados que os participantes do estudo atribuem à sociedade, assim como as expressões de crítica a estas conformações. Com relação à temática da família, optou-se por visibilizar os sentidos que os sujeitos atribuíram à sua pertença familiar.

## **2 SOCIEDADE E FAMÍLIA: ESPAÇO DE PODER E MEDIAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Nesta parte do trabalho, são discutidos os principais temas que emergiram das entrevistas e dos grupos focais sobre sociedade e família. Optou-se por essa análise e interpretação a fim de manter a consistência das informações empíricas e, simultaneamente, facilitar a compreensão das contradições presentes nas falas dos sujeitos sobre os temas investigados.

### **2.1 Sociedade: significados atribuídos**

A montagem deste núcleo de significação possibilitou compreender e analisar teoricamente as concepções que os sujeitos pesquisados possuem, internalizadas, acerca dos subnúcleos “a sociedade em suas relações de proximidade e seus atravessamentos” e “sociedade: o estabelecimento de uma crítica”.

#### *2.1.1 A sociedade em suas relações de proximidade e seus atravessamentos*

O processo de complexificação da sociedade capitalista é produtor de conflitos nos sujeitos que a integram. Isso se deve ao fato dos indivíduos ficarem à mercê de mecanismos ou engendramentos cada vez mais aprimorados de produção de relações sociais coercitivas e funcionais, pois, como Horkheimer e Adorno (1973, p. 99) asseveraram, “[...] a ‘socialização’ de mais indivíduos, grupos humanos, povos, arrasta-os para o contexto funcional da sociedade”. Cabe ressaltar que esses mecanismos transformam e são transformados pelas insituições, atravessadoras e essencialmente constituintes (e constitutivas) da subjetividade do ser humano. Há que se conceber, portanto, o processo de socialização como um processo contínuo, permanente e passível de transformação. Tanto o é, que Lane (1995) se debruçou sobre a questão de quais seriam os subsídios necessários à psicologia social para garantir-lhe potencial transformador.

Nesse sentido, pode-se pontuar que a primeira instituição pela qual o indivíduo recebe atravessamentos é a família, que lhe popiciará uma série de códigos e signos socialmente construídos, os quais serão por ele internalizados, tornando-se aspectos indispensáveis aos processos de objetivação e subjetivação constituintes de sua subjetividade. Seu *modus operandi* refletirá sua conduta, que passará por sucessivas transformações em consequência de sua inserção em diferentes grupos e instituições.

Sua afirmação como sujeito será largamente ampliada a partir de sua inserção em grupos representados por religião, escola, entre outros. A partir desse nível de institucionalização, a criança passa a internalizar novos hábitos pela rotina escolar, que lhe permitirão transitar por diferentes grupos sociais. Todavia, sempre terá como pano de fundo a constituição pelos signos e valores apreendidos no primeiro momento de socialização, representado pela família, em função do papel desta na vida do indivíduo.

O momento escolar é entendido como aquele em que os aprendizes entram em contato com teorias explicativas da realidade em que estão inseridos com a finalidade de acumular novos conteúdos, subjetivados e objetivados, necessários à construção de sua formação subjetiva (e mais tarde profissional) e de relativa autonomia. Nas relações sociais, vários “setores” institucionais se acham integrados, compondo um mosaico de referências para o indivíduo. Corroborando esse pensamento, Berger e Luckmann (2003, p. 132) afirmaram que

Toda a experiência humana pode agora ser concebida como se efetuando no interior dele. Suas atitudes e comportamentos a partir de agora retornará na forma de indivíduo integrado dentro de uma sociedade historicizada onde toda sua biografia refletirá os processos de socialização anteriores que o mesmo repassará aos outros membros da sociedade em que está inserido.

Assim sendo, o sujeito será a síntese de seus predecessores e refletirá em seus sucessores todas as experiências vividas no seio das relações sociais, compartilhadas em seu contexto social e histórico, durante seu processo de constituição subjetiva (BERGER; LUCKMANN, 2003). Nesse sentido, Levi, um dos sujeitos pesquisados, relatou que

*Sociedade é apenas um grupo mais restrito que compreende família e alguns amigos ou, então, todo o conjunto da raça humana, ou o conjunto dos seus pares. Então, é o conjunto de pessoas que, de alguma forma, trazem algum tipo de sentido, algum significado para a minha vivência.*  
(Levi, 20 anos, acadêmico de direito)

Para Levi, a sociedade se restringe às pessoas com as quais ele possui relações sociais de proximidade a ponto de serem criados sentidos e significados. Não por acaso ele utiliza construções frasais envolvendo: “grupo mais restrito”, “família”, “amigos”, “pares”, “minha vivência”, mas, em seguida, se corrige e amplia a explicação afirmando entender por sociedade todo o conjunto da raça humana.

Joyce revelou concepção sobre sociedade similar à de Levi ao colocar em questão pessoas que dividem o mesmo espaço e a necessidade de partilhar as mesmas preocupações com outros ao viver em comunidade.

*Sociedade é o conjunto de pessoas que vivem juntas, que compartilham propósitos, gostos, preocupações e costumes. Além disso, convivem e interagem entre si, constituindo uma comunidade. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Em sua definição de sociedade, Luciana também asseverou a necessidade de partilhar experiências com pessoas próximas, o que, segundo ela, faz emergir conflitos interpessoais.

*Sociedade é um conjunto de pessoas que convivem entre si. E essa convivência expõe uma série de problemas. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Esses três entrevistados dão ênfase à concepção de que a sociedade limita-se a um círculo restrito de pessoas com as quais se mantêm relações de proximidade, como família e amigos, e com os quais se dividem experiências tanto positivas quanto negativas, como conflitos e problemas.

Na fala de Francisco, detecta-se outra característica de sociedade. Segundo ele, é necessário tolerância para que as relações sociais possam existir.

*Nós não vivemos sem a sociedade. Ela é um grupo de pessoas que vivem no mesmo espaço, no qual é preciso ser tolerante, aceitar o outro com suas diferenças. No consultório, por exemplo, chega gente de toda forma: rico, pobre, ignorante, inteligente... Temos de ter inteligência para saber lidar e ser tolerantes na vida e em tudo. (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)*

Assim, infere-se que o ser humano precisa ter capacidade de compreensão do outro, tolerar as diferenças existentes entre os indivíduos, bem como não atribuir valor às diferenças, ou seja, não transformar as diferenças em desigualdade, dando margem ao crescente das camadas sociais excluídas e incluídas perversamente (SAWAIA, 2008). Francisco ilustrou sua assertiva utilizando como exemplo sua

futura profissão de médico, pela qual terá contato com diversos perfis de pacientes, sendo necessário inteligência para manejar as diversas situações.

Na concepção de Gabriela, a sociedade é fundamental em suas relações interpessoais, a ponto de afirmar não existirem excluídos sociais. De acordo com a jovem,

*A sociedade é importante para todo ser humano, pois ninguém vive sozinho, excluído da sociedade. Então, acho que, hoje em dia, viver sozinho é realmente impossível. Até as comunidades que vivem isoladas, querendo ou não, têm um contato com a sociedade através dos meios de comunicação. Então, eu acho que é totalmente impossível. (Gabriela, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Em sua fala, Gabriela ignorou o panorama da exclusão e inclusão social perversas (SAWAIA, 2008), as quais engendram realidades profundamente sofridas em tantas parcelas da população brasileira, como negros, mulheres, homossexuais e pessoas em vulnerabilidade econômica. “Excluído” é termo que, na fala de Gabriela, assume sentido de proximidade física e não de uma categoria complexa de análise que envolve diversos fatores, como localidade, cultura, história e economia.

A seguir, apresenta-se o segundo subnúcleo de significação de sociedade, fazendo-se referência às falas extraídas do corpus empírico construído, as quais apontam para uma visão crítica do que seja a sociedade e suas instituições. O que foi exposto mostra que, mesmo com material restrito, a partir das análises de algumas falas dos sujeitos, pôde-se identificar de que lugar estes falam ou a forma como se constituem subjetivamente em relação aos temas tratados.

### *2.1.2 Sociedade: o estabelecimento de uma crítica*

Dos 12 sujeitos pesquisados, apenas três se expressaram criticamente em relação à sociedade. As falas deles servem como mote para diversas discussões e reflexões, como quando um deles asseverou que “sociedade não é um conceito imediato”. Expressando-se dessa maneira, Levi mostrou conceber a sociedade a partir de suas mediações psicossociais. Trata-se, então, de compreender a sociedade como mediada ou atravessada pelas instituições e suas marcas ideológicas, um postulado da teoria marxista.

*Sociedade não é um conceito imediato. Se você nunca se perguntou sobre o que é sociedade, você não vai se preocupar. Mas, a gente tem uma definição, aquela que pode ser definida conforme o valor que a pessoa já traz consigo. A gente pode pensar em sociedade apenas em um grupo mais restrito, que compreende família e alguns amigos ou, então, todo o conjunto da raça humana ou o conjunto dos seus pares. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Após afirmar que sociedade não é um conceito imediato, Levi pontuou que existe um significado, uma concepção para esta enquanto produto de subjetivações e objetivações, que diz respeito, em essência, aos grupos e às suas relações sociais. Ele continuou sua argumentação, como se pode verificar no próximo trecho de sua entrevista, refletindo que sociedade tem relação com a forma como o indivíduo é impactado por ela, de como o social chega ao individual.

*Então, é o conjunto de pessoas que, de alguma forma, trazem algum tipo de sentido, algum significado para a minha vivência. Digamos, o presidente faz a minha sociedade; então, um ato presidencial é algo que faz referência a mim. É mais ou menos isso. Principalmente porque não é um ato que vem de mim, a sociedade me transforma por uma vontade, ou sequer por uma vontade... É difícil falar em vontade, porque quem sente vontade é o indivíduo. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Levi foi além da aparência das discussões acerca da sociedade quando afirmou que as pessoas só podem pensar em sociedade na medida em que a sociedade se refere a elas. Citou como exemplo um ato presidencial, uma decisão que pode ser entendida como pertencente à universalidade, que atravessa a particularidade e registra nele, em sua singularidade, as decisões governamentais.

Imerso nessas questões, bem como na tentativa de se constituir enquanto ser social, o indivíduo encontra maneiras de produzir sentidos a partir dos significados que lhe são dados pela sociedade e, por meio da subjetivação, busca dar sentido à sua participação nesta sociedade. Naquele momento, Levi se aproximou da compreensão que passa pelas dimensões de universalidade, particularidade e singularidade, isto é, de que a sociedade, mesmo em suas dimensões mais macro – que aparentemente estão longe da realidade do sujeito – o impactam e contribuem para a constituição de seus pensamentos e ações. Oliveira (2005, p. 29) sintetizou isso dialeticamente: “o indivíduo (o singular) e o gênero humano (o universal) se concretiza na relação que o indivíduo tem com a sociedade (o particular)”.

Levi expôs a tolerância do ser humano na sociedade argumentando que

*Você olha uma sociedade que ainda, apesar de ter essa ideia de tolerância racial, de tolerância de ideias, aqui no Brasil você vai encontrar grupos de*

*xenófobos ou valores muito evidentes de como a cultura americana, por exemplo, valores da livre iniciativa, do homem que constrói sua história e, através da força do seu trabalho, consegue mudar seu destino. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

O jovem participante entende que o homem, objetivando satisfazer suas necessidades, transforma-se ao construir sua história pela força do trabalho. Esse aspecto foi corroborado por Rego (1998, p. 51) ao afirmar que

O desenvolvimento de habilidades e funções específicas do homem, assim como a origem da sociedade humana são resultados do surgimento do trabalho. É através do trabalho que o homem, ao mesmo tempo em que transforma a natureza (objetivando satisfazer suas necessidades), se transforma.

Para que o ser humano possa exercer suas atividades, precisa relacionar-se com os outros e fabricar os seus instrumentos de trabalho. Esse fato mostra que as relações dos homens entre si e com a natureza são mediadas pelo trabalho. Lane (1995, p. 75) argumentou que “a subjetividade se objetiva nas ações dos homens sobre seu meio, assim como este meio e o que o constitui objetivamente se tornam subjetivos no psiquismo humano”. Assim, a autora expressou a concepção marxista de que o homem, ao modificar a natureza, modifica-se junto com ela; daí a escolha da dialética como método e possibilidade de apreender a realidade histórica e cultural da subjetividade do ser humano.

A teoria histórico-cultural do psiquismo, também conhecida como abordagem sócio-histórica, elaborada por Vygotsky, se baseia nas funções psicológicas superiores do ser humano para explicar seu comportamento. Em suas pesquisas, Vygotsky procurou: a) compreender a relação entre os seres humanos e o seu ambiente físico e social; b) identificar as formas novas de atividades que fizeram com que o trabalho fosse o meio fundamental de relacionamento entre o homem e a natureza; c) analisar a natureza das relações entre o uso de instrumentos e o uso da linguagem.

Partindo do pressuposto de que há uma íntima relação entre o biológico e o social, Vygotsky e seus colaboradores construíram um referencial teórico-metodológico que se propõe a explicar o desenvolvimento do psiquismo humano por intermédio das relações entre as funções mentais e a atividade humana. Suas pesquisas os levaram a compreender que

Desde os primeiros dias do desenvolvimento da criança, suas atividades adquirem um significado próprio num sistema de comportamento social e,

sendo dirigidas a objetivos definidos, são refratadas através do prisma do ambiente da criança. O caminho do objeto até a criança e desta até o objeto passa através de outra pessoa. Essa estrutura humana complexa é o produto de um processo de desenvolvimento profundamente enraizado nas ligações entre história individual e história social (VYGOTSKY, 2008, p. 33).

Essa abordagem enfatiza a origem social do desenvolvimento pessoal, pois entende que as vivências ou processos sociais são internalizados, isto é, apropriados pelo indivíduo por meio de funções mentais, em um movimento que parte do intersíquico para o intrapsíquico, de tal modo que o aprendizado se localiza primeiramente nas relações sociais para, em seguida, ser internalizado de forma dialética. Essas elaborações teóricas embasam o que existe por trás da fala de Levi quando este afirmou que compreende a sociedade como atravessadora da singularidade do ser humano constituído historicamente.

Por seu turno, Victor compreende a sociedade como um conjunto de pessoas que convivem entre si e que dividem problemas de diversas ordens, como os relacionados a afetividade, amizade e familiares, isto é, compartilham a vivência de tensões decorrentes da proximidade física e emocional.

*A sociedade é um conjunto de pessoas que ali convivem entre si. E essa convivência expõe uma série de problemas, tanto afetivos, de relacionamento familiar, de amizades, sociais, grandes desigualdades sociais. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Viver em sociedade implica viver tensões, contradições e problemas, principalmente os sociais que, diga-se de passagem, chegam ao sujeito, como argumentou Victor. Vygotsky (2001) ressaltou que as funções psicológicas superiores, especificamente humanas, se originam nas relações do indivíduo em seu contexto cultural e social. Em concordância com esse aspecto, Oliveira (2005, p. 26) declarou que a “essência humana é um produto histórico-social e, portanto, não biológico e que, por isso, precisa ser apropriada e objetivada por cada homem singular ao longo de sua vida em sociedade”. Assim, o desenvolvimento mental do ser humano não é dado *a priori*, não é imutável e universal, nem passivo, mas dependente do desenvolvimento histórico e das formas sociais do grupo no qual o indivíduo se estabeleceu.

Juliana comentou o seguinte sobre os atravessamentos da instituição igreja:

*Participo da igreja desde pequena, com meus pais, pois eles falam que é fundamental. Não sei se os jovens integram esses valores para o crescimento deles, mas eu, sim. Acho que a grande maioria, sim. Claro!*



*Porque senão ia ser um bando de loucos no mundo. Faltam, principalmente, os valores em relação à religião, porque, hoje em dia, acho que está muito perdido no nosso meio. Quando o jovem tem uma religião, é visível a conduta dele na sociedade. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

De uma forma sutil, Juliana fez uma crítica ao seu próprio desenvolvimento histórico social, pois, como revelado por ela, suas ações em relação à igreja são a materialização de um processo de subjetivação proporcionado por seus pais, ou seja, da força motivadora externa, social. Essas elucidações corroboram o que Vygotsky (2001) postulou sobre o desenvolvimento da criança e das funções superiores: que o aprendizado dá-se primeiramente de forma interpessoal e, somente depois, de forma intrapsíquica, ou dito de outra forma, ocorre de fora para dentro. Assim, Juliana internalizou que a religião está interligada com os valores do indivíduo.

Por meio dos problemas propostos e dos objetivos colocados diante do sujeito, o contexto social o motiva ao desenvolvimento do pensamento rumo à construção de conceitos; ao mesmo tempo, o desenvolvimento do pensamento permite a maior abertura do jovem ao mundo externo (VYGOTSKY, 2001). O pensamento abstrato é o que permite ao indivíduo abarcar a realidade, externa e interna, com maior profundidade e verdade, de modo mais completo e diversificado. Para tanto, o pensamento em conceitos abre ao jovem “o mundo da consciência social objetiva, o mundo da ideologia social” (VYGOTSKY, 1996, p. 64). Dessa forma, a cultura desempenha papel fundamental no desenvolvimento mental do homem, pois é ela que, em um movimento dialético, será subjetivada pelo indivíduo; ela e seus modos historicamente produzidos e culturalmente organizados de operar com as informações do social.

Discutindo os processos de constituição da subjetividade, Levi revelou que a sociedade que a constitui passa a cobrar do sujeito, possuidor desta subjetividade, que ele passe a agir de forma condizente com suas determinações sociais e históricas.

*Os pais, a família, a própria sociedade têm uma série de expectativas com os jovens. E, para essas pessoas, essas expectativas são as melhores possíveis. E que expectativas são essas? Bom, primeiramente, acho que fazer um curso superior, o que vai dar um sustento, o que vai dar uma estabilidade financeira para esse jovem. Então, muitas vezes, quando eles tendem a fazer cursos que não são tradicionais, cursos que... essas profissões não são muito palpáveis, são profissões novas, que surgiram com a modernidade, isso faz com que os pais não vejam com bons olhos.*

*Eu acredito que essas profissões mais tradicionais são direito, medicina e engenharia; é lógico que tem também odontologia, enfermagem, farmácia, que também estão aí. Mas, quando tenta buscar outras áreas, do tipo artes cênicas, design, biblioteconomia, são uns cursos mais diferentes e os pais, na maioria das vezes que eu tive contato, assim, é lógico que eu não converso isso com muitas pessoas mais velhas que eu, mas não gostam. Não prefeririam que os filhos fizessem um curso mais contemporâneo, digamos assim; isso é em relação à profissão. Tem também em relação à vestimenta, ao comportamento, modo de falar, modo de agir. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Ele afirmou que a profissão é um dos aspectos sociais que se “espera” que uma pessoa tenha. De acordo com ele, existem profissões que são mais aceitas socialmente do que outras, uma vez que são entendidas como sinônimo de sucesso, como direito, medicina, engenharia, odontologia, enfermagem e farmácia. Em contrapartida, há outras entendidas como subversivas da ordem e do status sociais, que são artes cênicas, design, biblioteconomia. De acordo com ele, além do aspecto profissional, também existe um modo socialmente aceito de se vestir (e que é entendido como adequado), de se comportar, de falar e de agir. Por esse prisma, sempre há algo que aponta para o socialmente aceito ou para o subversivo (como reprovável).

Nos tópicos a seguir são discutidos mais aprofundadamente temas acerca da família em suas relações como instituição da sociedade.

## **2.2 Os significados e os sentidos atribuídos à família**

Neste subitem, se apresenta como cada um dos 12 participantes desta pesquisa atribui significados à família, mostrando implicações, características, marcas positivas e/ou negativas vivenciadas e, ainda, como cada sujeito se insere no contexto familiar e quais os sentidos que cada um deles atribui às suas relações familiares.

### *2.2.1 Família: importante espaço de socialização*

A família caracteriza-se, de forma abrangente, como a instituição social responsável pelo processo de socialização (criação e educação) de seus membros.

Obviamente, esse processo é histórico e social; por isto, não é possível apresentar a família no singular e sim no plural, demarcando as múltiplas possibilidades de constituição, configuração e desenhos. Ao mesmo tempo que é o lócus privilegiado de proteção e cuidado, a família é também a instituição que impõe regras e estabelece limites socializadores.

Ao afirmar que sua família é de fundamental importância, Victor nela reconhece o “modelo ideal”, conforme idealizado socialmente, pois

*A família é uma instituição básica da sociedade, na qual se aprende a viver. Sem ela... com o núcleo familiar desagregado, a pessoa não tem condições psicológicas, às vezes, até nem materiais, para colocar as suas capacidades, as suas possibilidades, enfim, para se desenvolver como pessoa. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Para Victor, a família, ao lado de outras instituições, intermedeia as relações do indivíduo com a sociedade que o rodeia, sendo o principal agente de socialização, disponibilizando possibilidades de constituição de sujeitos e também produzindo identidade e comportamento. Além disso, a partir de sua fala, demonstrou uma dimensão de dependência do filho com os pais, identificados como “núcleo” da família. Em sua fala, também compareceu o significado de que uma família “desagregada” ou “desestruturada” não tem condições de possibilitar a seus membros o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

Ademais, Victor mencionou que sua família acredita nele como ser humano, despertando-lhe a esperança de querer ter uma família para toda a vida.

*A família é a verdadeira entidade que te ajuda realmente nas horas difíceis. Acredita em mim como pessoa, como ser humano, me dá estabilidade. Se possível, até uma estabilidade financeira, uma estabilidade emocional. Ela te ensina, basicamente, a seguir na vida. É um norte que você tem. Você tem seus familiares ali, para toda a sua vida. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Victor analisou sua família classificando-a como “normal”, como muitas outras. Seus pais demonstram preocupação com os filhos, despendendo esforço para conseguir manter a família em condições estáveis. Afirmou, ainda, que em sua família encontra estabilidade financeira, estabilidade emocional e tudo o mais quanto precisar nas chamadas “horas difíceis”. De acordo com ele, família é para a vida toda. Sendo assim, cabe inferir sobre as internalizações feitas por ele acerca dessa instituição que os aprendizados construídos em família serão levados (subjetivados e objetivados sempre) para momentos posteriores de sua vida.

Relatando que seus relacionamentos com o irmão e a mãe são mais fortes, Levi fez questão de esclarecer que igualmente convive bem com os outros. Nesse sentido, para ele, na família a pessoa aprende a ter contato mais imediato com o mundo, uma vez que

*É dentro da família que a gente descobre o outro, que o mundo não é feito só de mim, que é feito de concessões também, de tolerância em relação ao contato de outras pessoas. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Ele pontuou que, em família, o indivíduo descobre não ser único no mundo e que este não lhe pertence com exclusividade, sendo necessário relacionar-se socialmente. A partir de sua fala, infere-se que as relações estabelecidas em família servem como base para a construção de todas as outras posteriores, como a tolerância, que quando é aprendida em família se estende para todas as outras relações sociais em outros grupos de pertença do indivíduo.

### *2.2.2 Escolarização dos pais e apoio aos filhos*

Por meio desta pesquisa, percebe-se que a família atua ativamente no que diz respeito ao apoio à escolaridade dos filhos. Os jovens participantes desta pesquisa afirmaram que o espaço de oportunidades dos filhos é maior quando a escolaridade dos pais é mais elevada, porquanto todos têm uma visão mais influenciada e mais diversificada dos estudos. Todos os jovens entrevistados manifestaram em suas falas diferentes exemplos em que a maior escolaridade dos pais os auxiliava nos estudos, dada a experiência própria adquirida. Assim, cursos extracurriculares (língua estrangeira, informática, entre outros), intercâmbios e aspectos como administração do tempo, valorização da escola e outras atividades foram oportunizados aos filhos por estes pais. Conseqüentemente, esses sujeitos vão dando sentido a si mesmos, na medida em que os membros da família também o fazem. Vygotsky (2007) salientou que, ao internalizar os aspectos de sua cultura que são constituídos historicamente, os quais são base de instrumentalização e regulação das funções psicológicas superiores que mediatizam a práxis transformadora da realidade, o sujeito se apropria do que está posto como agente do seu processo de subjetivação.

Pode-se inferir que os sujeitos desta pesquisa trouxeram à tona conteúdos que revelaram como é importante estar inserido em uma família composta de pessoas com as quais se identificam e que os acolhem, embora isto não signifique que não ocorram conflitos e tensões nestas relações.

Alguns sujeitos pesquisados também deixaram transparecer em suas falas o que significa para eles integrar uma família que apresenta nível intelectual mais elevado.

De acordo com a dinâmica das entrevistas e os encontros do grupo focal com os jovens, percebeu-se que os pais que acreditam na capacidade de seus filhos os estimulam, apoiam e influenciam de maneira singular, o que foi confirmado por Nogueira (2000, p. 141), que constatou o papel ativo dos pais de famílias de classes média e alta na vida escolar dos filhos, o qual não “se limita a exortações verbais prodigadas. [...] se estende também ao plano mais eficaz das ações concretas, que expressam investimentos intensos e diretos na vida acadêmica do filho”. Nessa perspectiva, as famílias cujos pais apresentam nível educacional mais elevado podem contribuir para uma formação mais sólida dos filhos, possibilitando-lhes desempenho escolar exitoso.

Por meio desta pesquisa, percebe-se que as famílias dos sujeitos atuam ativamente no que diz respeito à escolaridade dos filhos. Também se percebe que o investimento da família na formação dos filhos promove a distinção destes no percurso escolar.

*Meu pai tem pós-graduação e minha mãe tem o curso superior completo de medicina. Ela é médica em clínica geral. Eles me incentivam a estudar bastante, para ser pelo menos como eles ou ainda mais do que eles, fazendo um mestrado e um doutorado. (Paula, 22 anos, acadêmica de direito)*

Paula revelou que seus pais esperam que o nível de escolaridade dela seja igual ou superior ao deles em termos de conhecimento, titulação e habilidades profissionais.

Os pais de Levi também concluíram o ensino superior:

*A escolaridade da minha mãe e do meu pai é ensino superior. Meu pai é advogado e minha mãe, médica. O exemplo dos meus pais quanto aos estudos me influencia muito. Não só me influencia, mas me incentiva a ser um estudioso. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Por sua vez, Adriana afirmou:

*Então, minha mãe é formada em sociologia e meu pai só tem o ensino fundamental. Isso porque, na época dele, não tinha essa coisa toda de valorizar tanto o ensino médio e o superior. Ele fez o concurso do Banco do Brasil. Na época, era um concurso muito bom e conseguiu estabilidade profissional. Ele não teve interesse de ir muito além disso, mas me cobra muito a respeito dos estudos. Ele fala que a pessoa hoje, para ser bem-sucedida, precisa pelo menos ter um curso superior. (Adriana, 22 anos, acadêmica de direito)*

Embora seu pai não tenha cursado o ensino superior, tem consciência da importância dos estudos, incentivando Adriana a estudar. A jovem tenta justificar porque o pai não estudou, mas ambos têm consciência de que o incentivo dele é importante para os estudos dela. Na visão do pai de Adriana, na contemporaneidade, o sucesso profissional tem ligações com o fato de o sujeito possuir pelo menos a graduação em curso superior.

O mesmo ocorre na família de Victor, pois seu pai não fez o ensino superior, apenas sua mãe:

*Minha mãe tem nível superior completo – pedagogia e fez pós-graduação, mestrado em educação. E meu pai tem nível médio completo. Meu pai não chegou a fazer ensino superior, não. Meus pais não estudam mais. Porém, eles sempre me incentivaram a estudar. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Victor revelou que seus pais não estudam atualmente, mas que isto não os impede de incentivá-lo a estudar. Pelo contrário, sempre cobraram de Victor que estudasse, que não seguisse o exemplo do pai, que não fez faculdade, mas sim o de sua mãe, que fez mestrado.

Sobre a formação acadêmica de seus pais, Luciana comentou:

*Meu pai tem curso superior em administração de empresas e minha mãe não terminou o ensino médio. Na minha casa, só minha avó não tem muita escolaridade. O apoio e o incentivo para estudar sempre foram prioridade na minha casa. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Pode-se apreender, pela fala de Luciana, que não ter muita escolaridade é sinônimo de poucos anos passados na escola, mas que sua mãe, mesmo sem ter terminado o ensino médio, pode ser considerada “estudada”; somente sua avó não apresenta boa escolaridade. Também os pais de Eny apresentam configuração semelhante acerca da escolaridade:

*Meu pai é formado em publicidade e minha mãe só fez o ensino médio. Ela não é formada. Mas o estudo é importante na minha família. (Eny, 23 anos, acadêmica de direito)*

Embora sua mãe não tenha cursado graduação, Eny afirmou que os estudos são considerados relevantes por sua família.

Daniela fez o seguinte comentário acerca da escolaridade dos pais, que partilham o conhecimento acadêmico com ela:

*Meu pai é médico e especialista em clínica médica. Minha mãe tem dois cursos superiores, geografia e pedagogia, fez algumas especializações e também fez mestrado em meio ambiente. Como meus pais me ajudam nos estudos e eu e meu pai discutimos muito sobre medicina, isto me deixa apaixonada pelo curso de medicina. Quanto mais estudo, mais quero aprender para discutir com meu pai. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Em seu depoimento, Daniela revelou acreditar que esse diálogo com seu pai a incentiva a ter vontade de estudar mais. A escolaridade, principalmente do pai, faz com que Daniela se interesse ainda mais pelo seu curso. Observa-se, assim, que a medicina é instrumento de aproximação entre pai e filha, pois, compartilhada por eles, é tema de conversas, debates e aprendizado. Por outro lado, o mesmo não acontece com sua mãe, que mesmo tendo mestrado, não compartilha conhecimentos na área da saúde.

Francisco ficou emocionado ao falar sobre a qualificação de seus pais, principalmente quando mencionou a mãe:

*Meu pai era médico e minha mãe, psicóloga. Hoje tenho só minha mãe, que me incentiva muito nos estudos. Ela faz questão de estudar comigo, de levantar polêmica, de interrogar ou discutir os problemas atuais da medicina. (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)*

Como a ausência da figura paterna é um dado real na vida de Francisco, sua mãe assume o lugar de sua interlocutora, e é com ela que ele estuda e discute temas que perpassam a medicina enquanto área de conhecimento.

Davi, igualmente, mostra-se orgulhoso da formação acadêmica dos pais:

*A escolaridade da minha mãe e do meu pai é o ensino superior. Minha mãe é formada em agronomia e meu pai, também. Eu os admiro, porque são bons profissionais. (Davi, 24 anos, acadêmico de medicina)*

A admiração que Davi revelou se dá em função de enxergar em seus pais os bons profissionais que são, qualificados e habilitados em suas respectivas funções por suas graduações.

O pai de Juliana não cursou o ensino superior, apenas a mãe:

*Minha mãe tem nível superior completo. Fez sociologia. Meu pai tem nível médio completo. Mesmo assim, eu os admiro muito pelo exemplo e o sucesso profissional deles. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Quanto aos pais de Gabriela, a jovem informou:

*Meu pai é formado em jornalismo e minha mãe terminou o ensino médio só. Ela não tem curso superior. O incentivo do meu pai para que eu me forme é maior do que o da minha mãe. (Gabriela, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Pode-se inferir que a exigência em termos de escolaridade é maior por parte de seu pai, provavelmente, pelo fato de ele ter feito graduação e enxergar nisto um processo de formação importante para a vida da jovem, o que já não acontece com sua mãe, que não cursou uma faculdade.

Em geral, os jovens afirmaram que o espaço de oportunidades é maior quando a escolaridade dos pais é mais alta, o que, certamente os influencia em seus estudos, como se infere a partir da seguinte fala de Joyce:

*Mesmo minha mãe não tendo o curso superior, ela me incentiva a estudar, me dizendo para não ser como ela, que não teve oportunidade de estudar. Sempre me diz para cuidar bem dos meus estudos, para ser a melhor entre os outros. Na minha família, não tem muito incentivo, como eu vejo de certas colegas, aliás, cobrança para estudar constantemente. Existem conselhos. Mas, mesmo assim, vejo como uma forma de incentivo. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Desse modo, quanto mais escolarizados forem os pais, quanto mais incentivo ao estudo e à leitura houver na família e quanto melhor for o ambiente em que o jovem vive em termos de valorização do conhecimento, mais motivação, mais ambição e persistência poderá se notar. Vários pais também incentivam os filhos pedindo-lhes que estudem. Contudo, algumas vezes, os jovens afirmam que seus pais não têm conhecimento suficiente ou interesse em disponibilizar instrumentos de estudo, como livros, acesso à Internet, assinaturas de revistas e jornais, pois não pensam que sejam tão necessários. Os pais que estudaram mais conhecem a necessidade de ter esses facilitadores do estudo. Entretanto, com base em seus depoimentos, pôde-se depreender que a falta de maior escolaridade não se tornou



um grande empecilho, porquanto os pais sempre incentivam os estudos e os jovens respondem a isto se mostrando interessados em estudar.

### 2.2.3 Importância que atribuem aos estudos

Mesmo com todos os percalços (falta de escolaridade, condições financeiras) para educar os filhos, é dentro da família que essa mediação acontece, pois se percebe o interesse dos pais em qualificar seus filhos, o que ficou evidenciado nas falas dos sujeitos pesquisados. A esse respeito, Juliana confirmou:

*São aquelas pessoas com quem eu sei que posso contar sempre, que estão sempre comigo, me dando força para estudar. Nossa! Eu acho que aquelas pessoas que realmente acreditam em mim são os meus pais. Dessa forma, a minha responsabilidade aumenta ainda mais. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Juliana relatou que a família confia em sua capacidade e isto tem um sentido e um significado importante em sua vida estudantil. Essa certeza faz com que a jovem se sinta mais segura em seus estudos, buscando, assim, sedimentar seu conhecimento acadêmico com mais responsabilidade e aprofundamento.

Quando questionado sobre sua família, Victor destacou que:

*Minha família é bastante importante na minha vida. Apoia-me, me incentiva nos estudos e nas minhas decisões. Com isso, me sinto mais responsável para estudar. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Victor reafirmou como o apoio familiar é importante para ele. Ele reconheceu que sua mãe tem sido fundamental, pois grande parte do incentivo que recebe em sua formação acadêmica, na forma de atenção, conversas que auxiliam em sua formação como ser humano, afetividade e cognição, advém dela. Revelou, ainda, que os frutos desse investimento são a autonomia e a responsabilidade conquistadas por ele:

*A minha mãe sempre mediou meus estudos, me acompanhando, buscando todo tipo de conhecimento acadêmico para a minha vida. Então, tudo quanto é curso e palestra que eu busco e busquei estar presente, comprando livros e, assim, de maneira geral, tudo o que minha mãe percebe que eu vou fazer e vai enriquecer de alguma forma a minha formação humana e intelectual, ela apoia, com certeza. Estou cada vez mais autônomo, responsável e confiante nos estudos. Meu pai acata meio na onda da minha mãe. Ele não é muito presente, não, mas ele acata. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Porém, a história de vida de seu pai, que apenas com nível médio conseguiu manter a família por conta do êxito obtido em um concurso federal, parece orientar a vida de Victor.

*Lá em casa, os estudos sempre têm prioridade, estão em primeiro lugar. Apesar do meu pai só ter o ensino médio e as condições serem difíceis, se sente na obrigação de que os filhos estudem. Sempre nos fala que quer que os filhos sejam estudados, esclarecidos, para enfrentar o mundo do trabalho. Ainda mais estudando em uma universidade federal! Meus pais sempre me deram apoio para estudar, sempre me incentivaram. Nossa! Minha mãe, nem se fala! Ficou superorgulhosa quando fui aprovado em vários concursos de estágios em que houve provas. Minha mãe gosta quando eu vou para o estágio. Ela comenta com os amigos, me elogia pessoalmente: "Meus parabéns! Você está crescendo." Então, com certeza! Não tenho dúvida disso. Ter apoio e afeto em casa, ter uma estrutura familiar voltada para o conhecimento é tudo de bom. Eu acho que isso é uma vantagem que o filho tem: ter essa estrutura em casa. Essa mediação me incentiva bastante a estudar e faz com que eu valorize mais o estudo. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

A fala de Victor é reveladora de uma sociedade em que a escolarização dos sujeitos, especialmente no nível superior, é recente. Um país que tem história recente na formação superior, certamente terá as marcas da não escolarização superior nos grupos familiares.

Em seu depoimento, Joyce, cuja história é parecida com a de Victor, também destacou o apoio familiar como fundamental:

*A minha família, desde o princípio, deu muita prioridade ao estudo com afetividade. Apesar das condições serem bem difíceis, eles sempre priorizaram o estudo, na medida das possibilidades. O incentivo e a afetividade da família são uma mediação na minha vida acadêmica, que trazem sentido e significado aos meus estudos, além do crescimento pessoal. Para mim, toda a formação que eu tive até hoje foi mediada pela família. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Joyce afirmou ser importante o reconhecimento da ajuda dos pais em sua formação escolar. A jovem ainda complementou, sobre incentivo e reconhecimento da importância dos estudos, que

*É na família que eu sinto apoio, incentivo para estudar. Lá, eu tenho com quem compartilhar. A minha mãe fica muito feliz e envaidecida por eu estar estudando aqui na UFG. Com isso, eu sinto mais responsabilidade em ter uma formação acadêmica de qualidade. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Ao ser inquirida sobre a relevância do apoio dos pais em sua formação acadêmica, Daniela relatou:

*Nossa! Demais! Meu pai sempre pergunta como é que está aqui. Ainda mais agora, que eu fiz intercâmbio na Escola Paulista de Medicina. E minha mãe morre de orgulho! Fala que eu nasci para fazer isso, mesmo, que eu sou muito empolgada. Eles valorizam o meu conhecimento. Nossa! Demais! Esse apoio é muito importante na vida estudantil. Em toda a minha trajetória escolar, eu recebi apoio deles. Então, eu acho que é bem importante estimular a gente. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Adicionalmente, ela também mencionou que poder compartilhar os mesmos gostos em relação às leituras e os mesmos papos leva a um sentido de aproximação entre os membros da família, incentivando-os a buscar algo novo. Daniela permitiu-nos perceber uma nítida associação entre estar inserida e se assemelhar aos pais, tendo em vista que as duas opções acessam o sentido de pertença, de ser aceito, valorizando as características da própria família.

Após destacar a importância da família na formação escolar e humana, Levi também colocou em evidência os valores familiares dizendo que sua família elegeu outros valores para a sua educação por considerá-los mais relevantes. Falou com entusiasmo e muita emoção, dando à sua fala um sentido de autenticidade. Ele não deixou de mencionar o grande incentivo e apoio que recebe da família para estudar. Como consequência, sente que está construindo uma formação mais sólida e garantindo o seu futuro profissional.

*E na vida escolar, minha família sempre me incentivou a ter uma boa formação, a ler sempre. Poder estudar em uma faculdade federal! Ai, terei um futuro garantido. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Para Francisco, o apoio da mãe foi de grande relevância para a sua formação acadêmica. Quando o jovem percebeu que a mãe valorizava seu conhecimento e, portanto, o valorizava, sentiu-se mais seguro e com mais competência para enfrentar os desafios decorrentes do processo formativo.

*Ah! Hoje, com certeza, ela valoriza meu conhecimento! Com isso, vai me ajudar mais a estudar e a descobrir mais conhecimento. A partir dessa valorização da minha mãe, que antes não acontecia, e da sua afetividade, o conhecimento deslancha com muito compromisso. (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)*

O incentivo fornecido pela família na trajetória escolar que Joyce, Daniela, Victor, Juliana e Francisco relataram é importante, tanto para o percurso acadêmico quanto para as suas vidas, visto que isto os tornou mais seguros e confiantes.

Acima de tudo, todo o histórico de vida de uma família, quando apreendido pelos filhos, alimenta a construção de seu “eu”, que se constitui de valores

significativos e intrinsecamente individualizados. Em um processo contínuo e sequenciado, mesmo que não projetado ou organizado, o conjunto de experiências vividas se torna um fator de desenvolvimento que envolve o indivíduo em constante interação social em reais relações com o mundo. A família tem, portanto, papel imprescindível no processo de socialização dos filhos, qualquer que seja o âmbito a ser analisado.

Vygotsky (2008, p. 18) afirmou que “o saber que não vem da experiência não é realmente saber”. Questões sociais, políticas, econômicas, pessoais, valores e crenças, tudo se constitui em um forte amálgama a partir do qual o indivíduo passará a ver/viver o mundo.

As falas dos acadêmicos pesquisados estão carregadas de sentidos que eles atribuem à sua aquisição de conhecimentos produzidos desde e a partir da infância. Com base na teoria sócio-histórica, Rosa (2003) enunciou que o homem, pautado em sua cultura, suas relações sociais, suas experiências materiais advindas de suas atividades interativas, está sempre construindo novas configurações subjetivas e novas formas de dar significado a si mesmo e ao outro.

#### *2.2.4 Vivência familiar: sentidos atribuídos à família*

A família como instituição social tem se transformado ao longo do tempo, fato corroborado por Ariès (1986) quando este afirmou que não se pode falar mais de família como um padrão único a ser seguido ou como um sistema universalizado, mas sim de famílias, entendendo que cada qual tem sua estrutura e estilo de funcionamento peculiares.

Refletindo sobre as mudanças ocorridas na família ao longo dos anos, em função do avanço científico e da vivência em um mundo universalizado, Orsi (2003) relatou que as inúmeras transformações trouxeram vantagens, mas também desvantagens. Ainda afirmou que a família contemporânea tem criado formas particulares de organização social e novos valores, muitas vezes incrementados pelas expectativas familiares, a cultura do imediato, do mundo instantâneo, ao lado da tecnologia, em que os conceitos de tempo, espaço e frustração são modificados.

Peres (2001) enunciou que, na contemporaneidade, existe uma diversidade familiar que se revela em suas múltiplas variações, destituindo a noção de homogeneidade da família brasileira nuclear, sendo comuns os vários desenhos de famílias. Como se pode observar nas composições familiares dos sujeitos desta pesquisa,

A composição dessas famílias, ou seja, seu tipo de união, a forma de coabitação dos membros, o número de filhos no domicílio e sua idade é tão variada que se torna difícil descrevê-las sem fazer referências a algumas delas em particular (PERES, 2001, p. 82).

Na sequência, são apresentados, de forma individualizada, os sentidos atribuídos às suas respectivas famílias pelos sujeitos pesquisados.

#### 2.2.4.1 Francisco

De acordo com Francisco, quando pequeno, seu relacionamento com a mãe era diferente do que eles têm hoje:

*Quando eu era pequeno, a gente tinha um relacionamento mais fechado: ela mandava e eu obedecia. Lembro disso até hoje! Hoje, minha mãe cobra muito, mas mesmo assim, temos um relacionamento aberto e amigo. Os laços afetivos são fortes e continuam sendo fortes até hoje. Pena que não convivi tanto com meu pai. (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)*

De acordo com sua fala, quando pequeno, Francisco tinha um relacionamento muito fechado com sua mãe. Entretanto, ao ficar adulto, esse relacionamento começou a se modificar, ficando mais amistoso, pois mãe e filho passaram a ter algo em comum, que é o gosto pelos estudos. Como sua mãe é formada na área da saúde e ele está fazendo um curso neste campo do conhecimento, os dois estudam, pesquisam, discutem, interagem e se relacionam muito bem. Desse modo, Francisco e sua mãe constroem diálogos por meio dos estudos, com isto criando e fortalecendo uma confiança amigável no dia a dia.

De acordo com Vygotsky (2008), o desenvolvimento é impulsionado pela linguagem e este processo de aprendizagem gera e promove o desenvolvimento das estruturas mentais. Nessa concepção, as interações têm papel crucial e determinante, como pode ser percebido na fala de Francisco, que revelou que quando pequeno as interações mantidas com sua mãe eram baseadas em relações

de poder, em que ela mandava e ele obedecia. Mais tarde, com o desenvolvimento das funções superiores postulado por Vygotsky (2008), as relações se transformaram, pois entrou em ação o exercício da própria autonomia do jovem nas decisões sobre a sua vida, levando em conta seus aspectos afetivo-volitivos.

Assim, por ser um jovem em idade de transição, na qual a personalidade está ainda em processo, a mãe de Francisco, por intermédio do diálogo, favorece e oportuniza situações de conhecimento e transformação, proporcionando-lhe condições de reflexão, de tal modo que ele consegue se compreender como sujeito de sua própria história.

Alves (1990) esclareceu que o processo de construção da subjetividade dos jovens não pode ser desvinculado das relações estabelecidas pelos sujeitos nos espaços socializantes, como a família, a escola e os grupos de amigos. Para a autora, há um confronto entre os papéis a serem desempenhados e os papéis concretos vividos por meio das relações cotidianas que o jovem estabelece no interior da família, contribuindo para a formação de sua subjetividade. Nessa perspectiva, Francisco reconheceu a relevância desse espaço de convivência no que se refere às dimensões mais subjetivas.

Francisco sente-se pressionado a cumprir tudo o que lhe é cobrado e atribui à mãe grande parte desta pressão. Expressa-se a esse respeito com emoção, denotando como essa situação em sua vida é carregada de sentimentos e demonstrando um sofrimento camuflado, que acaba deixando transparecer em sua fala<sup>6</sup>. Sobre esses aspectos, o jovem participante revelou que:

*A gente tem um bom relacionamento hoje. Atualmente, ela não é tão rígida comigo; mas, antes, eu ficava muito triste, raivoso com tanta cobrança. Às vezes, percebo essa rigidez hoje também, porque tudo que eu faço minha mãe tá lá, pegando no meu pé. Só que é mais leve. Vejo que é rígida com ela mesma. Mas hoje é diferente, devido ao diálogo. A gente tem um relacionamento muito aberto e amigo hoje. Tudo o que se passa na minha vida, eu compartilho com ela e eu sei da dela também. O diálogo faz parte do nosso cotidiano. (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)*

Francisco relatou que sua mãe é rígida desde a sua infância porque ela é rígida consigo mesma. Dessa maneira, o jovem mostrou que existe uma reprodução

---

<sup>6</sup> É importante ressaltar que, dentro da perspectiva da psicologia sócio-histórica, busca-se captar, conforme Vygotsky (1998), o subtexto, um pensamento oculto que permite ao pesquisador compreender os significados subjacentes às palavras, isto é, os aspectos mais emocionais, indo além do que é verbalizado pelos sujeitos. As dimensões emocionais observadas na relação entre o entrevistador e o entrevistado foram registradas pela pesquisadora.

das relações estabelecidas. Percebe-se um estresse muito grande vivido por ele, em função de tanta cobrança, chegando a confessar que seu nível de exigência é muito alto em relação à sua vida, não aceitando facilmente as derrotas. Entretanto, em outra fala, afirmou que gosta de ter essa exigência consigo mesmo e que os valores transmitidos pela família orientam a sua conduta de vida.

Para Francisco, sua vida é marcada por responsabilidades, cobranças e obrigações. Esse relato se assemelha ao que registraram Aguiar e Ozella (2008) em seu estudo, no qual foram pesquisadas as concepções de juventude/jovem presentes no discurso de jovens (brancos, negros e orientais) entre 14 e 21 anos, frequentadores do ensino médio da cidade de São Paulo, de ambos os sexos e pertencentes às classes sociais de A a E. Naquele estudo, os autores destacaram que o aumento da responsabilidade pôde ser visto em todas as classes sociais, sexos, raças e idades dos sujeitos pesquisados como uma grande mudança ocorrida na juventude.

Francisco atribui as cobranças feitas pela mãe ao fato de ser filho único e, em sua fantasia, desejaria ter mais irmãos para não ter estas cobranças. Entretanto, imediatamente, percebe que ter mais irmãos significaria divisões de outras dimensões (dinheiro, afeto) e parece que isto não lhe agrada. Esse tema o leva a pensar na infância como um tempo lúdico, de brincadeiras e de pouca cobrança.

*Eu gostaria de ter irmãos, porque minha mãe iria exigir menos de mim, mas, ao mesmo tempo, é difícil dividir tudo. Lembro-me quando eu era criança, brincando com meus primos, que tinha momentos de alegria e tristeza na hora de dividir os brinquedos. Às vezes, eu queria ser uma criança... A gente brinca muito, a gente ri muito. (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)*

Para Francisco, assim como para os demais jovens pesquisados, ser criança não requer muitas responsabilidades; em contraste, não podem ou são impedidos pelos pais de exercer maior autonomia e poder de decisão. Assim, ser criança é permeado de exigências e vantagens. Desejam e gostam de ser crianças em certas situações, mas, dependendo do momento, querem viver a sua própria juventude, enfatizando que há vantagens e desvantagens nesta situação de transição, como demonstrado em um trecho da conversa registrada durante o GF1:

*Eu acho que a juventude é uma fase que você não é visto como adulto nem criança. Tem as suas vantagens e desvantagens. Mas tem hora que dá vontade de ser criança. (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)*

E assim, vários jovens concordaram com Francisco que, em certos momentos, há vantagens em ser criança. As respostas dadas por eles remetem à ideia da moratória social (significado cristalizado) como uma vantagem para a manutenção no mundo adolescente. Kahhale (2003, p. 93) argumentou que moratória social e adolescência são categorias de um “fenômeno típico das classes altas”. A autora destacou que as classes altas podem desfrutar do prolongamento da adolescência, vivenciado por meio dos estudos e do adiamento do ingresso no mundo adulto. Ainda observou que os adolescentes por ela investigados, oriundos de diferentes classes sociais, inclusive a popular, também absorveram esse conceito de moratória das classes mais privilegiadas socioeconomicamente, porquanto este prolongamento da adolescência lhes serve como uma espécie de garantia e proteção em relação a um conjunto de tarefas da vida adulta.

Francisco afirmou que, mesmo que a mãe lhe proporcione afeto e carinho, faltam-lhe o afeto e o carinho do pai, que faleceu quando era pequeno. Relatou que tem um relacionamento aberto e amigo com sua mãe, revelando que compartilham respeito mútuo, afinidade e companheirismo.

#### 2.2.4.2 Davi

Davi afirmou que seu relacionamento familiar é muito bom, mas sente-se mais próximo da mãe, porque percebe que ela o compreende mais do que as outras pessoas de sua família. A liberdade que a família possibilita ao jovem é um aspecto que ele também destacou em seu depoimento, pois os familiares são liberais, ninguém recrimina e nem exclui o outro no relacionamento familiar:

*É o melhor possível. Eu acho assim. Com minha família, eu me sinto protegido; desde criança, estou sempre aprendendo. Eu não tenho problema de relacionamento nenhum com meus pais, com meu irmão. É lógico que tem uns atritos naturais, mesmo, mas não há discriminação. Com as minhas tias, eu tenho um ótimo relacionamento; são duas mães a mais que eu tenho na minha casa e não tenho problema nenhum com isso. Tenho muita liberdade. Minha mãe sempre me dá oportunidade e eu correspondo aos seus pedidos. Dessa forma, ela confia em mim. (Davi, 22 anos, acadêmico de medicina)*

Para Peres e Sousa (2002, p. 65), a família é o grupo de mediação no qual a criança iniciará a própria formação da subjetividade e contribuirá para a dos outros,



uma vez que “É o espaço indispensável para a garantia da sobrevivência, de desenvolvimento e de proteção integral dos filhos e demais membros, independentemente do arranjo familiar ou da forma como esteja estruturada”.

Davi se sente acolhido por sua família desde pequeno, por conta dessa liberdade de oportunidade propiciada pela confiança conquistada dos pais. Pode-se afirmar que, para Davi, a liberdade está condicionada à responsabilidade, e ser responsável, para ele, já é ter maturidade. Os pais transmitem aos filhos a concepção de que, se forem responsáveis e cumprirem suas obrigações, terão a confiança deles e, conseqüentemente, mais liberdade. Caso não procedam dessa forma, sua liberdade será muito mais restrita. Em sua fala, revela que seu relacionamento intrafamiliar é bom, embora haja os problemas “naturais” que toda família possui, expressão da diversidade de desejos e modos de agir dos diversos membros.

Davi afirmou, também, que gosta mais da vida em decorrência do apoio da família:

*Meu relacionamento com a família é muito bom. Recebo apoio, carinho e elogios dos meus pais e confirmo que isto me ajuda a gostar mais da vida e vivê-la bem. (Davi, 24 anos, acadêmico de medicina)*

O sentido de família, para Davi, é muito forte. Pertencer a essa família significa, para ele, uma alegria quando pode compartilhar seus sentimentos, suas emoções.

Vygotsky (2007) salientou que, ao internalizar os aspectos de sua cultura constituídos historicamente, os quais são base de instrumentalização e regulação das funções psicológicas superiores que mediatizam a práxis transformadora da realidade, o sujeito se apropria do que está posto pela família como agente do seu processo de subjetivação. Portanto, o depoimento de Davi confirma essa relação afetiva que traz confiança e amizade entre ele, os pais e os outros membros da família, mas, trazendo sentido de responsabilidade para a sua vida.

### 2.2.4.3 Daniela

Daniela declarou que sua família permite que ela seja quem realmente é. Pertencer a essa família significa poder compartilhar seus sentimentos, emoções e não ser excluída ou julgada por ninguém.

*Uma família significa tudo na nossa vida. É através da família que se estrutura uma mulher e um homem. Meus pais são casados, moram juntos e eu tenho mais três irmãos mais velhos. O meu relacionamento e os laços afetivos com a família são muito grandes. Eu estava conversando com uns amigos sobre como vai ser nosso futuro quando a gente tiver de formar nossas famílias. Como vou ser médica, não terei muito tempo. Talvez tenha de trabalhar meio período ou período integral. Compartilhar os sentimentos, as emoções com a família é muito bom. Tem muitas famílias por aí que não conseguem ter essa relação tão boa que eu consigo ter com os meus pais. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Daniela já discute com seus amigos sobre a sua família futura. Reflete sobre a família que tem e a família que constituirá, as dificuldades decorrentes de sua formação profissional e os impactos relacionais desta. Segundo ela, a proximidade com seus futuros filhos e marido será menor pela falta de tempo, pois ser médico é entendido como sinônimo de dedicação exclusiva. Se sente tão bem em relação à sua família, que está na eminência de se preparar para o futuro. Ela atribui à família um sentido de respeito, confiança e amor. Daniela ainda completou:

*A minha relação com meu pai é excelente, pois desde criança tenho muita liberdade. Eu sempre conto para ele as coisas que eu fiz na faculdade. Ele dana comigo se eu fizer alguma coisa errada! Mas, ele me apoia em tudo nesses pequenos momentos que a gente fica juntos, de noite e antes de vir para a faculdade. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

A confiança e a liberdade que Daniela tem com seu pai, contando-lhe tudo o que se passa com ela na faculdade, lhe dá mais segurança em suas ações, pois ela se sente apoiada por ele, respeitada em suas escolhas, sentindo certa autonomia em suas decisões e, assim, criando uma liberdade intelectual.

Desde pequena, sua relação com a mãe também foi muito boa e amigável, tendo-se tornado excelente na atualidade:

*Hoje, minha mãe sabe das besteiras que eu faço. Sabe das coisas boas e ruins também. Sempre confiou em mim. Tenho liberdade total para o diálogo. Nosso relacionamento é amigável e respeitoso. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Para Vygotsky (1995), conceitos como liberdade e autocontrole estão relacionados ao autodomínio da conduta e aos processos de escolha. De acordo com o autor, o domínio do homem sobre os próprios processos de seu comportamento (natureza interna) é construído da mesma forma que se constrói o domínio do homem sobre a natureza externa. O indivíduo em sociedade está sempre sujeito às influências de outras pessoas, porquanto sua vontade se desenvolve do social para o individual, como ensinou Dranka (2001, s.n.p.): “Há certa individualidade no desejo de cada um, mas o meu desejo só existe porque vivo em um mundo compartilhado com os desejos do outro”. Assim, essa liberdade que Daniela expressou está relacionada aos aspectos sociais, ou seja, ao seu contexto social.

Heller (2004) levantou alguns aspectos para a compreensão de como a liberdade é constituída pelas condições históricas, sociais e ideológicas. A autora observou que, ao longo da história, as classes dominantes aspiravam cada vez mais à liberdade e possuíam melhores condições para a realização de seu intento do que as demais classes sociais. Portanto, a liberdade está associada às necessidades de obter conhecimento acerca das determinações constitutivas do homem e de atuação sobre tais determinantes. Adicionalmente, como pontuou Bock (1999) em relação a essa perspectiva de liberdade, o homem só pode ser considerado um ser ativo, social e histórico porque transforma e é transformado dialeticamente pelo processo sócio-histórico do qual faz parte.

#### 2.2.4.4 Juliana

Juliana percebe seu próprio crescimento dentro da família ao afirmar que o poder dessa mediação acontece a partir do interesse dos pais em qualificar os filhos. Esse aspecto ficou evidente na seguinte fala:

*A minha família é muito importante. Nossa! Acho que não tem nem como falar. É extremamente importante para mim. Meus pais, minha irmã, meu irmão... Não tenho nem palavras para dizer. Quanto ao apoio da minha família nos estudos, eu digo: é apoio, é união, é carinho. São aquelas pessoas que eu sei que eu posso contar sempre, que estão sempre comigo, me dando força. Nossa! Eu acho que aquelas pessoas que realmente acreditam em mim são os meus pais. E dão apoio para meus irmãos também. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Quando Juliana relatou que sua família acredita nela, pôde-se perceber que isto tem um sentido importante em sua vida. Ela avaliou esse período de forma positiva, como um momento de crescimento e de novas responsabilidades. Mencionou que a família tem confiança nela, permitindo que faça coisas que quando criança não podia. Com isso, está mais autoconfiante e relatou que até lhe faltam palavras para expressar o que a família representa em sua vida, visto que é tão importante e indispensável.

Juliana destacou que sua família é constituída de pessoas que se amam, que se ajudam mutuamente, que se compreendem:

*Então, eu acho que minha relação com minha irmã e meus pais é excelente. A relação dos dois entre si é uma relação de marido e mulher, né? É boa, mas de vez em quando não é [risos]. Mas, eu acho que, em geral, é ótima também. Mas com eles, minha relação é ótima. Eu não brigo e eles também são muito calmos. Eu não costumo responder. Eles sempre nos orientaram! A gente sempre teve muito diálogo em casa. Eles até aceitam muitas coisas que pais de amigos meus não aceitam, como dormir na casa do meu namorado, meu namorado dormir lá em casa. Mas, assim, sempre teve isso, conversando atrás, orientando, dando conselhos, né? (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Assim sendo, verifica-se que, para Juliana, a família apresenta extrema importância. O afeto que recebe e a união entre os membros da família dão um sentido de felicidade para a sua vida.

Poster (1979, p. 100) afirmou que “[...] A família é concebida como um sistema de objetos de amor [...]”. Para Peres (1997), a base do desenvolvimento familiar se pauta nos laços entre seus membros, no contexto emocional das relações entre eles. Juliana salientou a singularidade das formas de agir de sua família, afirmando que seus pais lhe permitem certas liberdades que outros não permitiriam, como é o caso de seu namorado poder passar a noite em sua casa, bem como ela poder dormir na casa dele.

#### 2.2.4.5 Joyce

O relacionamento familiar de Joyce é amigável, conforme revelou na seguinte colocação:

*O relacionamento com minha mãe é muito bom e afetivo hoje. Já quando meu pai era vivo, o nosso relacionamento era mais ou menos, mas*

*convivíamos... Meu pai era muito apegado à minha mãe e mandão. Ele não tinha muito tempo para os filhos. Se ele tivesse tido tempo para os filhos, nossa relação teria sido excelente e eu seria mais feliz. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Quando Joyce afirmou que seu pai era mandão, demonstrou ter internalizados os papéis sociais tradicionalmente ocupados e desempenhados pelos membros da família ao mostrar que sempre o pai tem a primazia da palavra e a mãe ocupa um segundo plano.

Por conseguinte, Joyce deixou claro o seu incômodo, reafirmando que seu pai era mandão, preconceituoso e que não tinha um bom relacionamento na época que ele vivia dentro de sua casa. Mesmo assim, Joyce demonstrou claramente o desejo de ser vista e amada pelo pai, expressando o quanto gostaria que seu pai se preocupasse com ela. É visível a sua vontade de ter uma boa relação com ele, inclusive asseverando que se sentiria feliz se isto houvesse se concretizado. Ela definiu sua família como sendo boa e afirmou que o mais importante em sua família é a afetividade, embora também tenha relatado não ser compreendida e ter na família a função de obedecer.

Por intermédio do relacionamento familiar, mesmo que de forma inconsciente, o indivíduo recebe um conjunto de regras, valores e crenças que o leva a agir de uma ou outra forma quando ele se projeta em uma sociedade assumindo os mais diversos papéis. A família, primeiro contato da criança com o mundo, revela aquilo que lhe é importante, significativo, peculiar e que, inexoravelmente, fará parte de sua constituição psicológica e da formação de caráter e personalidade.

#### 2.2.4.6 Gabriela

Gabriela afirmou que, quando eram pequenos, ou mais novos, ela e os demais membros da família brigavam mais e, à medida que foram crescendo, as brigas diminuíram e vêm ocorrendo com menos frequência.

A jovem reiterou que a união, a cooperação e o respeito são importantes dentro da família.

*Quando eu era pequena, tinha muitas brigas entre os filhos, ninguém respeitava uns aos outros, só quando a mãe dava uma surra. O nosso*

*relacionamento hoje é muito bom, devido ao respeito mútuo. Os laços afetivos são bons. Dentro da minha casa, tem muita união, respeito, cooperação e carinho entre todos. Na minha casa, cada um tem sua tarefa diária. (Gabriela, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Percebe-se, por essa fala de Gabriela, que há uma relação de cooperação entre os membros da família e ela própria se prontifica a auxiliar a mãe nos afazeres domésticos. Mas nem sempre foi assim, porquanto ela revelou que, na época em que discussões e tensões eram recorrentes, a situação só era resolvida mediante utilização de violência física, ou em suas próprias palavras, quando levava uma surra da mãe.

#### 2.2.4.7 Adriana

Para Adriana, a mãe ocupa um lugar de destaque em sua vida e na formação de sua subjetividade, diferentemente do pai, pois alega que ele é distante e menos participativo, com valores que ela considera ultrapassados. No entanto, essa jovem argumentou que, mesmo tendo com seu pai uma grande diferença de idade e sendo ele carregado de preconceitos, sua relação é boa.

*Meus pais sendo mais velhos... Assim, eles fogem da faixa etária que os pais costumam ter. Meu pai tem 73 e minha mãe tem 55. Então, a gente tem uma relação... Apesar dessa diferença de idade, desse choque de gerações, a gente tem uma relação boa. Apesar de meu pai ser muito exigente e carregar alguns preconceitos da década de 1950, a gente vai se virando e vai dando certo. Porque o afeto da minha família faz com que todos se respeitem e se relacionem bem. (Adriana, 22 anos, acadêmica de direito)*

Nessa perspectiva, Adriana comentou sobre a falta de aceitação do outro, dizendo que a pessoa preconceituosa é individualista e ignorante, que não aceita coisas novas e, por esta razão, impõe suas verdades:

*É muito triste meu pai ser assim, preconceituoso. Meu pai é uma pessoa que acha que é só sua ideia que prevalece e não aceita a ideia do outro. É uma pessoa muito individualista, uma pessoa muito ignorante, sabe? A gente está no século XXI, mas tem gente que pensa que está no século XIII. A pessoa só pensa em trabalhar, comer e dormir. Na minha idade, enche o saco, mesmo. Uma pessoa preconceituosa é que não tem mente aberta, não gosta de nada novo, só o antigo. O preconceito surge indo contra uma coisa nova. (Adriana, 22 anos, acadêmica de direito)*

Adriana complementou que o preconceito fica evidente quando as pessoas julgam com um olhar, quando não aceitam as diferenças e as individualidades do outro, tentando mudá-lo para que este se torne adequado ao que está determinado socioculturalmente. Afirmou que seu pai tenta mudar constantemente a família, pensando que suas ideias são as únicas corretas.

#### 2.2.4.8 Victor

Victor relatou que sua vida tem mais sentido por causa de sua família. Realçando os aspectos positivos mencionados por ele, percebe-se a importância que ele atribui a ter uma religião para alcançar uma boa convivência familiar, tendo isso um significado importante em sua juventude:

*Eu moro com meu pai, minha mãe, com meu irmão e mais duas tias. Essas duas tias são solteiras. Elas nunca tiveram filhos. Elas me tratam como se eu fosse um filho. Então, lá em casa, moram seis pessoas. Meu irmão, que é três anos mais velho do que eu, me dá o maior apoio, principalmente nos estudos. Na minha casa, todos participam da igreja. Ter religião é muito importante para sentir o amor de Deus dentro da família. A gente sente muita paz e harmonia. Todos lá em casa vivem muito bem. Há um respeito mútuo. É um ajudando o outro! Esse apoio e o afeto familiar me ajudam a querer viver cada dia melhor com a minha família e a minha vida tem mais sentido. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Percebe-se o poder da religião na vida desse jovem, conforme mencionado por Novaes (2005), que também destacou a importância dada à religião quando os jovens participantes de sua pesquisa elencaram o temor a Deus como um dos valores mais importantes para o estabelecimento de uma sociedade melhor. Victor acentuou isso ao revelar que o fato mais marcante na relação familiar foi haver encontrado o amor de Deus dentro da família, o que possibilitou que as relações envolvessem paz e harmonia, com ajuda mútua em suas necessidades.

De acordo com Assis (1999), a religião traz um modo de conhecer e explicar o mundo, de construir um cotidiano da existência, ou simplesmente de superar o cotidiano associando-o à esperança, à concepção de que dias melhores virão. Essa concepção ficou bastante explícita na fala de Victor.

Para ele, sua família dá verdadeiro sentido à sua existência. O apoio recebido com carinho das tias, que o consideram como filho, dos pais e do irmão o ajuda a

querer viver mais e a buscar ser melhor a cada dia. Embora morem na mesma residência seis pessoas de idades diferentes, todos se respeitam e buscam a harmonia e a paz. É dentro da família que Victor se fortalece e busca cada vez mais viver melhor.

Victor definiu sua família como

*Bem lúdica mesmo, né? De pai, mãe e filhinho. De levar na escola, buscar, levar para passear, para ver um jogo. Não sei se isso seria só para criança e não sei se um modelo diferente disso seria bom também. Eu não tenho conhecimento a respeito. Mas, acho que esse modelo faz parte. É lógico que respeitando a vontade da criança, as diferenças. Muitas vezes, com essa imagem lúdica, a gente tem uma visão de um tradicionalismo muito grande, de um conservadorismo de classe média e tal. Mas, acho que isso pode existir, essa família tradicional. Porém, tendo um respeito muito grande entre pai e filho, uma busca pela educação boa entre eles, uma convivência pacífica, legal. Porque, muitas vezes, isso é criticado, como se fosse algo que tem de acabar, assim. Mas, eu acho que isso é concepção muito forte, que tem de ser conduzida de uma maneira bem legal, senão vira uma imposição, um autoritarismo paternal, assim, como a gente imagina que é nessas famílias mais tradicionais. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Para ele, essa ludicidade traz uma visão tradicionalista, conservadora, própria de classe média, em que existem significados de uma família nuclear burguesa, em que os pais participam ativamente da vida dos filhos, convivendo, até nos momentos de levá-los para a escola. Porém, ao mesmo tempo em que Victor critica essa concepção, ele entende que ela também deve existir, por conta do respeito que deve haver entre pais e filhos.

O jovem também argumentou que o relacionamento com sua família lhe traz estabilidade estrutural, psicológica e financeira, porquanto

*A família tem um significado muito importante para mim. Meu relacionamento é bom, principalmente com minha mãe. A família é a quem você primeiro recorre nas horas mais aflitivas e lhe dá estabilidade. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Victor revelou não ter problema de relacionamento com nenhum membro de sua família. No entanto, sente maior proximidade com sua mãe, o que gera uma convicção de firmeza e segurança para a sua vida. Apoiado nessa segurança que sua mãe lhe transmite, ele se sente mais confiante em suas ações ao buscar sua própria autonomia e identidade. A partir da fala de Victor, pode-se inferir que a família é análoga à expressão de uso comum pelas pessoas, a de “porto seguro”, pois é com ela que se pode contar nos momentos difíceis e que transmite a



sensação de estabilidade, a certeza de que não haverá grandes mudanças ou prejuízos na vida.

#### 2.2.4.9 Eny

O significado de ter boas relações familiares, mesmo com rigidez, distância ou ausência paterna, foi observado nas falas de vários sujeitos desta pesquisa, ora com menos, ora com mais intensidade e orgulho, como é o caso de Eny:

*Bem, eu moro com minha mãe e meu irmão. Minha mãe é separada do meu pai, só que a gente convive muito com meus avós maternos também. É uma relação muito boa, harmoniosa e de muito respeito. Tudo que eu faço, eu conto para a minha mãe. Nós somos amigas. Já meu pai é mais distante. Na minha casa, sinto afetividade e orgulho de ter uma família assim. Isso é excelente, né? E me ajuda a gostar da vida. Posso dizer que sou uma jovem feliz! (Eny, 23 anos, acadêmica de direito)*

Na concepção de Eny, a mãe ocupa um lugar de destaque em sua vida e na formação de sua subjetividade, diferentemente do pai, pois alega que este é mais distante e menos participativo.

Gonçalves (2005) realçou que a família, particularmente a mãe, é figura central para a construção da subjetividade do adolescente – lugar vital para se ampliar as chances de realizar seus sonhos e projetos de vida. Também Aguiar e Ozella (2008) apontaram que uma das características diferenciadoras do gênero feminino em relação ao masculino é que as adolescentes falam muito mais da família, especialmente da mãe, como verificado pela importância atribuída à mãe por Eny, ao afirmar que esta é sua melhor amiga.

Infere-se que a afetividade dentro da família é extremamente importante para Eny, cujos pais são separados. Ela também se sente envaidecida com o carinho, o respeito e a harmonia que prevalecem em sua família. A liberdade que sua família lhe possibilita é um aspecto relevante em seus depoimentos, pois os integrantes da família não recriminam e nem excluem o outro no relacionamento familiar.

Eny também relatou que os laços afetivos com seus familiares são fortes e harmoniosos:

*Os laços afetivos com a família são muito fortes. Eu não tenho problema de relacionamento nenhum com meus pais, com meu irmão, e nem meus avós.*

*É uma estrutura muito boa, muito harmoniosa. Percebo uma união, uma afetividade, respeito entre todos lá em casa. [...] Tenho muita liberdade. (Eny, 23 anos, acadêmica de direito)*

As relações familiares expressas por Eny mostraram, de forma geral, interações mediadas entre mãe, filhos, irmãos e avós. A todo momento, a jovem descreveu essas relações de forma afetuosa e enfatizou a felicidade que sente por pertencer a essa família, que é motivo de orgulho e admiração. Eny mostrou que a separação de seus pais não foi significada de forma negativa e não trouxe impactos que pudessem abalar a estrutura familiar, centrada na própria mãe, bem como na afetividade existente entre seus membros.

#### 2.2.4.10 Levi

Ao definir seu relacionamento, Levi relatou que seus familiares elegem o diálogo como ponto fundamental para a convivência familiar. O diálogo propicia uma relação em que é possível se posicionar, a despeito das divergências, e reafirmar pontos de concordância e discordância. Portanto, com essa prática, não há distanciamento nem perda de contato entre os membros da família, pois o relacionamento se torna maduro e há espaço para cada um se posicionar. Levi reiterou que, em sua família

*Existe diálogo. Assim, existem grandes divergências, mas, na verdade, são fruto de uma relação madura, de uma relação na qual é possível posicionar as divergências e dizer no que há concordância e no que não há concordância. Portanto, nesse sentido, não há distanciamento, perda do diálogo. Quando eu me posiciono diferente dos meus pais com relação a determinadas coisas, talvez eu fique com medo que isto possa levar a atrito, mas é uma relação madura, em que se toma um posicionamento diante do outro. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Relatando que seus relacionamentos com o irmão e a mãe são mais fortes, Levi fez questão de esclarecer que também convive bem com os outros. Para ele, na família, a pessoa aprende a ter contato mais imediato com o mundo, uma vez que

*É dentro da família que a gente descobre o outro, que o mundo não é feito só de mim, que é feito de concessões, também, de tolerância em relação ao contato de outras pessoas. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Tudo leva a crer que, para Levi, a família tem um lugar todo especial na vida de uma pessoa, na qual esta aprende, embora seja também por ela controlada e projetada.

*Nesse sentido, essa projeção de expectativas, de impressões, sonhos, é sempre uma forma de dominar o desenvolvimento desde criança, apesar de ser, por outro lado, um caminho. (Levi, 20 anos, direito)*

Ao verbalizar que a família é “um lugar especial” e “um caminho”, o jovem fez uma crítica, justificando que a criança é projetada pela família desde que nasce, pois esta não somente a ajuda como também projeta sonhos e a condiciona. Por isso, mesmo com receio de falar, ele se posicionou com relação aos seus pais, dizendo que há diálogo entre eles, embora o considere um tanto dirigido. Levi ainda completou sobre o seu relacionamento familiar:

*Eu tenho uma convivência muito tranquila com meus pais, principalmente com minha mãe. Com minha irmã, eu tenho uma relação muito boa, também, uma relação muito próxima, de muita amizade. É uma relação bem legal, assim. Não falta diálogo, não falta nada disso. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Levi confirmou que suas relações familiares são vividas de forma satisfatória, uma vez que lhe trazem tranquilidade, proximidade e amizade em que diálogos são frequentes.

#### 2.2.4.11 Paula

Paula relatou que tem um relacionamento de respeito mútuo com seus pais, principalmente com sua mãe, algo recorrente entre os entrevistados. Entende que a valorização que foi atribuída a ela pela família a tornou mais responsável e lhe deu mais liberdade. Afirmou que, muitas vezes, a existência de relações respeitadas com amigos e outras pessoas com as quais se relaciona está associada ao cultivo da amizade entre os membros dentro da própria família.

*O nosso relacionamento é bom. Eles me respeitam e eu também os respeito. São muito positivos. Eu tenho uma grande amizade com minha mãe e ela comigo, cultivando sempre esta amizade. Tenho um bom relacionamento com meu pai também, mas não muito íntimo como com minha mãe. (Paula, 22 anos, acadêmica de direito)*

Paula reiterou que o seu relacionamento familiar é muito positivo e que, por isto, sabe estar construindo sua identidade e individualidade por intermédio de tudo que aprende com eles, como valores e ideologias. Mesmo não tendo intimidade com o pai, por este ser autoritário sabe, ela contorna a situação e envolve-se mais com a mãe. A jovem afirmou que

*Não tem muito que dizer, pois é uma família afetiva, especial e importante. É nesse berço que estou construindo minha identidade e, por sinal, muito bem estruturada. Graças a Deus eu os tenho!* (Paula, 22 anos, acadêmica de direito)

Relatou não ter muito a dizer sobre as suas relações familiares, mas que as entende como afetivas e especiais, a ponto de se apropriar de uma expressão religiosa para imprimir sua gratidão por estar inserida nesta família.

#### 2.2.4.12 Luciana

Sobre as relações familiares e os membros de sua família com os quais mantém laços mais estreitos, Luciana afirmou:

*Eu e meu pai temos um bom relacionamento até o momento. E com os outros membros da família, me relaciono muito bem. Sou muita amiga da minha mãe. Minha tia é igual minha mãe, também. Família, para mim, tem um sentido de afeto, diálogo, responsabilidade. Isso faz com que a família se constitua a cada dia no seu crescimento estrutural. Eu amo a minha família!* (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)

Luciana considera sua mãe como amiga no sentido de poder confiar nela. Já com o pai, não tem tanta intimidade e, muitas vezes, nem tanta liberdade para contar-lhe suas intimidades e seus segredos. Em relação a outro membro da família, sua tia, Luciana revelou que também possui relações de proximidade, nas quais afeto, diálogo e responsabilidade redundam no sentido de família.

Assim, ao findar a colocação dos sentidos que os sujeitos pesquisados atribuem às suas respectivas famílias, faz-se necessário discutir também o lugar do pai e da mãe em algumas dessas famílias, nas quais se percebe que a mãe ocupa papel de destaque na constituição da subjetividade dos jovens pesquisados.

Nas falas de alguns jovens da presente pesquisa, a figura do pai está ausente, enquanto a mãe se mostra mais próxima e comprometida com os filhos.

Com base na pesquisa realizada por Andrade (2008), verifica-se que o lugar de provisão material e da autoridade paterna estão cada vez mais fluidos e relativizados. Para o autor, desvelar a figura paterna é compreendê-la em seus nexos constitutivos, tornando possível o manejo do envoltório ideológico construído no seu processo histórico-cultural, assim possibilitando que os homens vivam na contemporaneidade a paternidade de maneira ampla.

Adriana afirmou que, mesmo tendo com seu pai uma grande diferença de idade e sendo ele carregado de preconceitos e exigências, sua relação não é distante. Francisco mencionou o fato de não ter tido convivência com o pai, pois o perdeu bem cedo. Eny também contou que, como seus pais são separados, não tem muita ligação com seu pai, que permanece mais distante da família. Joyce relatou que, quando ela era criança, seu pai era muito mandão e um pouco distante dos filhos, mas mesmo assim sente sua falta. Davi, por sua vez, revelou que não tem tanta intimidade com seu pai e Levi afirmou o mesmo, uma vez que seu pai trabalha em outra cidade, o mesmo ocorrendo com Paula, cujo pai também presta serviço fora de Goiânia. De modo semelhante, o pai de Victor fica mais na fazenda e não participa muito da vida familiar.

Entre os 12 sujeitos desta pesquisa, apenas Daniela e Luciana mencionaram manter um relacionamento amistoso com o pai. Ambas relataram que seu relacionamento com o pai tem significado importante em suas vidas. Elas entendem que ter no pai um amigo é fato raro nas famílias atuais, e que é muito importante ter alguém em quem se acredita, confia e para quem se possa contar seus segredos. Ainda esclareceram que, embora sejam mais amigas dos pais do que das mães, isto não interfere em seu relacionamento com as mães ou com os outros membros da família, reafirmando que, acima de tudo, o relacionamento familiar como um todo é ótimo.

Na maioria das famílias dos participantes, a mãe ocupa lugar de destaque no cuidado/criação dos filhos, ficando o pai com o papel coadjuvante na vida deles. Isso reforça, mais uma vez, a determinação social de gênero, de acordo com a qual, tradicionalmente, cabe à mãe o papel de cuidar dos filhos e da casa (mundo privado), enquanto ao pai é atribuído o papel de trabalhar fora, provendo materialmente sua família (mundo público).

Independentemente das díades que se relacionam melhor, se pai-filha, mãe-filho, pai-filho ou mãe-filha, o que conta são os sentidos que norteiam as relações familiares e que são atribuídos pelos sujeitos pesquisados – afeto, amizade, liberdade, respeito, diálogo e responsabilidade, sempre se buscando que prevaleça o afeto entre todos.

Os sujeitos pesquisados mostraram estar continuamente em busca de suas raízes, com o propósito de se certificarem de que os laços estabelecidos com suas famílias não foram rompidos.

Dessa forma, esses sujeitos vão dando sentido a si mesmos à medida que os membros da família também o fazem. Vygotsky (2007) salientou que, ao internalizar os aspectos de sua cultura constituídos historicamente, os quais são base de instrumentalização e regulação das funções psicológicas superiores que mediatizam a práxis transformadora da realidade, o sujeito se apropria do que está posto como agente do seu processo de subjetivação.

Pode-se inferir que os sujeitos desta pesquisa trouxeram à tona conteúdos que revelam como é importante estar inserido em uma família composta de pessoas com as quais se identificam e que os acolhem.

Os sentidos e os significados que os sujeitos participantes atribuíram a seus estudos são mais especificamente contemplados na próxima parte desta tese, em que se trata do percurso acadêmico e do conhecimento atribuído por eles à sua formação.

### 3 O PERCURSO ACADÊMICO E O CONHECIMENTO ATRIBUÍDO PELOS SUJEITOS À SUA FORMAÇÃO

Nesta parte da pesquisa, a análise está focada no percurso acadêmico dos jovens pesquisados, desde a educação infantil até a universidade.

#### 3.1 Trajetória escolar: “o que mais marcou a minha vida estudantil”

Daniela relatou um fato que marcou muito sua vida durante o período da educação infantil. Ela contou que sua mãe levantava mais cedo para dançar com ela na cozinha visando descarregar um pouco sua energia.

*Então, eu lembro que, como eu era muito custosa, a professora chamou minha mãe e falou que eu ficava dançando na aula, que eu tinha muita energia na aula. Aí, minha mãe teve de tomar uma providência. Então, minha mãe acordava mais cedo, me levantava e a gente dançava na cozinha antes de eu ir para a aula [risos]. Tem condição? Mas é fato isso aí. Hoje, entendo a posição da minha mãe e da professora. Com isso, eu aprendia mais e meus colegas também. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Como Daniela tinha muita energia, conversava com os colegas o tempo todo durante as aulas e dançava, tentando chamar a atenção dos colegas e das professoras. Isso atrapalhava os colegas e estes não conseguiam prestar atenção ao conteúdo ministrado pela professora. A reclamação da professora deixa transparecer sua dificuldade em lidar com a indisciplina na sala de aula e sugere uma prática escolar tradicional rígida, que exige dos pais a intervenção para o comportamento adaptado dos filhos, sem produzir reflexão sobre a prática do professor em sala de aula, sobre os conteúdos trabalhados e sobre o método de ensino. A mãe de Daniela recebia constantes reclamações do colégio acerca do comportamento da filha e teve de tomar uma atitude a este respeito. Em sua limitação de conhecimento aprofundado sobre o assunto, utilizou-se de estratégias para o disciplinamento do corpo: como sua filha gostava muito de dançar, todos os dias, antes de ir para a escola, convidava-a para dançar. Embora Daniela não entendesse bem porque tinha de levantar tão cedo para dançar, não questionava a

mãe. Para a jovem, essa atitude da mãe foi uma maneira encontrada para descarregar um pouco sua energia, que era demasiada. Após a dança, a mãe percebia que a garota estava um pouco cansada e, quando chegava à escola, apenas estudava e não atrapalhava as aulas.

A mãe de Daniela não percebia que estava apenas disciplinando o seu corpo em vez de auxiliá-la no controle voluntário de sua agitação, na construção autônoma de estratégias para minimizar a inquietação e na produção de reflexões sobre o seu comportamento. A professora, por sua vez, também não estava conseguindo envolver Daniela nas atividades em sala. Desse modo, a menina ficava inquieta, apresentando comportamento diferente dos demais alunos.

Mesmo a garota não compreendendo o que estava acontecendo, foi adquirindo controle sobre suas inquietações a partir da estratégia de eliminação da energia excedente, por meio da dança forçada com a mãe, e gradativamente foi se envolvendo mais dentro da sala de aula com seus colegas. Sendo comunicativa, Daniela cativava cada dia mais os colegas, sentindo-se segura dentro da sala. A jovem ainda complementou:

*Então, eu sempre fui muito custosa, conversava muito em aula. Sempre fui bem enturmada nos grupos de estudos com os colegas e amigos. Dessa forma, eles me ajudavam muito, graças a Deus! (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina).*

Daniela parece não reconhecer que é exatamente a sua característica comunicativa que lhe permitia ser amiga de todos e receber ajuda dos colegas e, ao mesmo tempo, paradoxalmente, a que suscitava a reclamação da escola. Isso ficou evidente quando Daniela afirmou simultaneamente que era muito “custosa” (reproduzindo o discurso da escola tradicional para o aluno inquieto) e que era “enturmada” nos grupos.

Conseguindo adaptar-se às exigências da escola, mesmo sem uma reflexão mais aprofundada sobre a sua inquietação pelos educadores e por ela mesma, Daniela relatou que, no ensino fundamental e no médio, continuou tendo amigos, mas com outra visão. Em sua adolescência, tornou-se uma garota alegre, extrovertida e estudiosa. Ela sempre contava com a parceria dos pais, professores e amigos nessa fase, o que interferiu positivamente em sua trajetória acadêmica. Ela discorreu acerca de duas professoras que marcaram seu percurso escolar:



*Ah... Tem duas. Uma é a professora Valentina, dessa escola espírita. Ela é uma pessoa maravilhosa, que eu adoro. Ela sempre me estimulou, sabe? É daquelas pessoas que vê o seu talento e não tem medo de estimular você, porque está sempre querendo o melhor para você e despertando isso. Sem querer que você fique competitivo, mas querendo que você esteja sempre melhorando, buscando o conhecimento. Uma ótima pessoa. Muito boa! A outra é a professora Suzana. Gosto dela até hoje. Penso que esses estímulos trouxeram um significado muito especial para a minha vida estudantil, de querer ser melhor a cada dia na vida acadêmica.. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

O carinho que Daniela sente pelas professoras revelou a ela a importância de estudar para aprender. Dessa forma, ela foi descobrindo seus talentos no decorrer da trajetória estudantil, assim evidenciando a influência que o vínculo que o aluno constrói com o professor adquire em seu interesse pelos estudos. Por outro lado, a atitude do professor também é fundamental para o vínculo, já que, pelo relato de Daniela, suas professoras demonstraram reconhecer suas potencialidades e permitiram o seu desenvolvimento.

Durante o ensino médio, Daniela estudou no ISF<sup>7</sup>, um colégio tradicional de Goiânia.

*Quando me matriculei nesse colégio, foi uma época muito difícil de adaptação. Em relação a horários, disciplina escolar e conteúdos, foi uma barra pesada para me adaptar às novas regras. Só que reencontrei os meus amigos e fiz novas amizades também. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Daniela relatou que quando iniciou o primeiro ano, até se saiu bem; porém, no final do ano, acabou necessitando de recuperação, uma vez que seu bom entrosamento com os novos amigos do colégio interferiu em seus estudos. Contudo, mesmo ficando para recuperação, continuou frequentando o colégio e foi aprovada. Durante o segundo ano, foi expulsa do colégio por causa de seu comportamento inquieto em sala de aula, justificado por ela como sendo reflexo do seu jeito de ser, ou seja, extrovertida, brincalhona, uma garota que sempre gostou de cultivar amizades e, conseqüentemente, conversava muito dentro de sala de aula. Como no referido colégio esse tipo de comportamento não é aceito, a direção tomou a decisão de expulsá-la, porém, dando-lhe a oportunidade de terminar o ano letivo. Daniela ficou muito ressentida, como se depreende da seguinte fala:

*O colégio não deveria fazer isso comigo. Eu não sou marginal, ladrona. Acho que não estou errada! Só porque converso dentro da sala de aula,*

<sup>7</sup> Todos os nomes atribuídos às instituições de ensino infantil, fundamental e médio, bem como aos professores mencionados são fictícios, de modo a resguardar a privacidade dos sujeitos.

*isso não é motivo. Fiquei me sentindo muito triste e constrangida diante dos colegas e professores, tendo sido obrigada a me transferir de colégio.*  
(Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)

Por esse relato, percebe-se que, embora Daniela tivesse conseguido adaptar seu comportamento inquieto às exigências da educação formal tradicional, sua comunicabilidade e extroversão, até então dominadas pela disciplina corporal, ainda saltavam aos olhos da homogeneização da escola tradicional e geravam o estigma de inadaptada e indisciplinada, cuja punição foi a expulsão. Essa decisão produziu para Daniela sentido de marginalidade e exclusão, sendo culpabilizada individualmente e gerando sentimento de inadequação, tristeza e constrangimento.

Obrigada a se afastar de seus amigos, Daniela matriculou-se em outro colégio e resolveu superar a humilhação sentida e a discriminação ocorrida diante dos amigos de que gostava tanto.

Sem fazer uma leitura mais crítica de sua expulsão da escola, bem como de seu sentimento de exclusão, na tentativa de se fazer pertencente ao grupo, Daniela resolveu mudar sua atitude, focalizando sua atenção nos estudos, o que, a partir daquele momento, tornou-se prioridade em sua vida.

Pela trajetória relatada por Daniela, ficou evidente que sua adaptação e interesse pelos estudos exigiram dela esforço e sofrimento para a superação de determinadas características pessoais que não eram compatíveis com as exigências da escola tradicional, embora sem reflexão aprofundada sobre essas questões. Por outro lado, o esforço e o sofrimento, de significado contraditório e de produção de sentidos não percebidos em sua historicidade por Daniela, possibilitaram a sua inserção em um grupo específico, o dos estudantes de medicina da UFG, pois como já citado anteriormente, é um dos mais concorridos no vestibular e exige dedicação e esforço.

Para Francisco, a parte de sua trajetória escolar que mais marcou sua vida estudantil ocorreu no ensino fundamental:

*Eu tinha um professor de matemática que se chamava Carlos. Ele tinha uma maneira diferente de ensinar. Então, a gente aprendia com mais facilidade. Tinha uma professora mais velha, também. Só não me lembro do nome dela. Mas, ela ensinava de um jeito diferente e me lembro do conteúdo até hoje.* (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)

Francisco enfatizou que sempre gostou de exatas e que o professor Carlos, que ministrava a disciplina de matemática, influenciou sua vida estudantil. O jovem acredita que, tendo esse professor como facilitador, foi capaz de apreender ou modificar seus conhecimentos de modo mais agradável. Isso evidencia, mais uma vez, a importância do vínculo do aluno com o professor, pois, assim como ocorreu com Daniela, o vínculo construído por Francisco com seus professores foi um elemento fundamental para o seu interesse pelos estudos. A atitude dos professores foi o elemento chave para a construção do vínculo positivo, como bem afirmou Francisco quando definiu seus dois professores como possuindo um “jeito diferente de ensinar”.

Já para Paula, o que mais marcou sua trajetória escolar aconteceu durante o ensino médio:

*Foi bem difícil. Foi uma época de pressão muito grande da família, da escola. Até porque eu tive boas notas. Então, eu era bastante pressionada, indiretamente, para prestar para medicina, direito, os cursos chamativos. Hoje, reconheço que, se não fosse essa pressão da minha família para estudar, penso que eu não estaria fazendo tão bem o que gosto. (Paula, 22 anos, acadêmica de direito)*

Essa afirmação de Paula ratifica o poder que a pressão externa exerce sobre a ação dos jovens, que para ela foi positivo, haja vista que conseguiu dar um direcionamento à sua vida estudantil. Contudo, a pressão externa sobre um sujeito pode tanto guiá-lo para a produção do comportamento esperado quanto para a sua paralisação, impedindo qualquer direcionamento da ação. De acordo com Charlot (2005), muitas vezes, a pressão psicológica exercida por pais e professores pode causar um bloqueio em relação aos estudos; no entanto, em algumas circunstâncias, também pode despertar o aluno para os estudos, como foi o caso de Paula. A jovem sentiu a questão de ser aprovada no vestibular como um desafio em sua vida.

Ao comentar o que mais marcou sua trajetória escolar, Joyce afirmou que vários professores foram importantes, embora um deles tenha sido inolvidável:

*Eu posso falar sobre todos, porque cada um tem um valor muito pessoal para mim. Mas um entre os que mais marcaram foi meu professor de redação. Ele era um dos meus professores preferidos, porque era muito severo e muito bravo. Mas, eu gostava muito dele, porque era uma pessoa de um conhecimento muito grande. Porém, muitos colegas não davam valor, porque ele era bravo. Esse marcou minha vida por sua maneira de ensinar. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Mais uma vez fica evidente que o interesse do aluno pelo estudo ou por uma disciplina específica está intimamente relacionado com o vínculo que este estabelece com o professor. Joyce se identificou com a disciplina de redação, sentindo desejo de aprender, de buscar esse conhecimento por causa da atitude do professor, que para ela era um de seus “preferidos”, porque possuía “conhecimento muito grande”. A partir daí, aumentou seu desejo de aprender.

Adriana, por sua vez, asseverou que, no decorrer de sua trajetória escolar, vários acontecimentos a marcaram, mas um deles teve mais destaque:

*Eu me lembro que, depois que eu saí do maternal e fui para a primeira série, eu estudava em um colégio que tinha um método alternativo, chamado Piaget. Não tinha provas e eu me lembro disso. Tanto é que, na segunda série, eu mudei para outro colégio e senti o baque. Fiquei traumatizada por muito tempo, porque eu nunca tinha feito uma prova na vida e todos os alunos que estudavam lá já se sentiam familiarizados com a aplicação de provas. Então, eu me assustei um pouco. (Adriana, 22 anos, acadêmica de direito)*

A avaliação escolar foi compreendida por Adriana como assustadora, já que, conforme relatou, ela saiu de uma escola menos tradicional no processo de avaliação dos alunos e se inseriu em um modelo tradicional sem qualquer preparo prévio para isso. A jovem contou que carregou esse trauma de fazer provas por muito tempo. Por conta dessa mudança radical de método, Adriana tirou notas baixas e se sentiu humilhada diante dos colegas. Esse é um exemplo que deixa claro o resultado negativo que a pressão externa e/ou psicológica pode exercer nos sujeitos. No entanto, a despeito de seu “trauma”, de alguma forma Adriana foi se adaptando e, inclusive, conseguiu se destacar nos estudos.

Em relação ao ensino fundamental, a jovem ressaltou que:

*Ah, eu gostei muito da época que eu estudei no colégio Ribeirão. Eu me lembro de praticamente todos os professores. Foi nessa época que eu comecei a ser valorizada pelas minhas notas. A questão da meritocracia. A gente tinha muito isso no ensino fundamental, que é uma forma de incentivo. Lembro-me das olimpíadas lá dentro do próprio colégio. Eu fiquei em segundo lugar na maratona que teve para avaliar o conhecimento do aluno. (Adriana, 22 anos, acadêmica de direito)*

Nessa época, Adriana já estava se sentindo mais realizada nos estudos. Recordar-se muito bem da valorização que tinha no colégio por conta de suas notas.

Tal lembrança, cujos significados são de reconhecimento pelo desempenho nas notas e maratonas em que se destacou, é o reflexo da total adaptação de

Adriana ao método tradicional de avaliação, bem como da superação de suas dificuldades iniciais.

Luciana revelou que o que mais marcou sua trajetória escolar foi sua grande vontade de estudar desde a educação infantil. Segundo a jovem, quando seu irmão mais velho foi para a escola, ela fazia birra porque queria ir junto com ele, mas só começou a frequentar a escola regular quando completou 7 anos.

*Lembro-me da tia Valdete. Ela que me alfabetizou mesmo, no prezinho. Lembro de alguns outros professores, mas mais recentes. Na minha cidade, onde eu fiz até a 8ª série, eu me lembro de alguns. Lembro da Nara, lembro da Kátia... São alguns professores que eu tenho contato até hoje, quando eu vou para lá. A Tia Valdete eu me lembro porque ela alfabetizou meu irmão e eu fui alfabetizada por ela, também. Então, ela era tia. Virou uma tia para a gente. Era muito bom! Eu gostava para caramba tanto da relação de amizade quanto da relação com a escola. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Luciana não destacou qualquer dificuldade na escola nos anos iniciais de seus estudos; ao contrário, evidenciou o bom vínculo estabelecido com os professores e a boa relação com a escola. Isso sugere que Luciana não deve ter tido problemas de adaptação escolar nessa fase.

No entanto, Luciana relatou que, durante o ensino fundamental e médio tudo ficou mais difícil e complicado, porquanto sentia dificuldade nas disciplinas física, química e matemática e precisava estudar bastante, além de construir estratégias diferenciadas para aprender.

*Meu Deus, como é difícil estudar essas disciplinas. Pensei que se eu estudasse mais e tentasse compreender as disciplinas eu conseguiria. Decidi montar um cronograma mais apurado de estudo. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Luciana conseguiu superar esse desafio e afirmou que esse período foi muito divertido e de rica experiência para sua vida estudantil.

Por seu turno, Gabriela lembrou-se muito bem de sua trajetória escolar desde a educação infantil.

*Lembro-me da tia Cleusa, que me alfabetizou. Era uma pessoa muito boa. Tinha uma tranquilidade ao ensinar. Lembro-me da sua amizade. Respeitava todos os alunos. Essa relação foi muito boa, porque aprendi a gostar de estudar. (Gabriela, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Parece que a importância que Gabriela afirma ter dado aos estudos, desde pequena, está relacionada com a boa relação que teve com a professora, com a

tranquilidade que esta demonstrava e, conseqüentemente, com a produção para a aluna de um sentido de escola como sendo um espaço de respeito, de amizade e gratificante. Essa boa relação pode ter sido determinante para a continuidade do interesse de Gabriela pelos estudos posteriormente. Quanto ao ensino fundamental e médio, ela reiterou:

*Nessa época, percebi que estava sendo valorizada pelos professores por ser Caxias demais. Tinha até o apelido de CDF, dado pelos colegas em sala, porque gostava muito de estudar. (Gabriela, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Para Gabriela, as críticas recebidas dos colegas não a faziam sentir-se excluída, pois recebia o reconhecimento dos professores, produzindo um sentido de que estudar é ser valorizada. Com essa produção de sentidos, Gabriela não se importava de ser criticada por alguns colegas dentro da sala de aula, estudava tranquilamente, participava das aulas e conseguia notas boas.

*Eu gosto realmente de estudar, hoje sou a primeira que entra na sala e a última a sair, quero aprender. Tento entregar tudo em dia, não deixo para depois o que posso fazer hoje. Quanto às críticas dos colegas, não importo. (Gabriela, 24 anos, acadêmica de medicina).*

Gabriela compreendeu as críticas dos colegas como sendo tentativas para retirar o foco dos seus estudos, ao que ela respondeu com uma busca constante pelo cumprimento de suas obrigações escolares em tempo hábil e com eficiência.

Juliana relatou que, por ocasião da educação infantil, sua vida acadêmica também foi marcada por uma professora:

*A tia Dorotéia. Uma pessoa muito meiga, educada, que encantava seus alunos. Tudo o que ensinava era com carinho. Isso ficou gravado na minha mente até o momento. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Assim como para Gabriela, a vida escolar de Juliana nos anos iniciais parece não ter sido conflituosa, com boa relação com a professora e sugerindo ausência de dificuldades escolares e boa adaptação ao novo ambiente. Assim, o sentido atribuído à escola por Juliana é o de um lugar bom de estar e aconchegante.

Todavia, Juliana relatou que, durante o ensino fundamental e médio, tudo foi diferente, uma vez que se sentia intimidada:

*Os professores do ensino fundamental e médio foram mais agressivos, perseguidores, prepotentes. Eu tinha medo de fazer perguntas a respeito do conteúdo e de ser agredida com palavras diante dos meus colegas. A falta de limite dos colegas era grande. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Em decorrência da falta de vínculo, a relação com os professores no ensino fundamental e médio era ameaçadora para Juliana, porquanto a garota sentia medo e não tinha coragem de participar das aulas emitindo opiniões ou fazendo perguntas. Seu relato sugere que sua vida escolar já não era tão confortável como nos anos iniciais e que, provavelmente, teve de lançar mão de outras estratégias para sua adaptação na escola, embora não as tenha especificado.

Acerca da educação infantil, Eny traçou a seguinte retrospectiva:

*A primeira vez que eu fui para a escola, eu queria ir embora. Eu chorei muito, mas depois, eu me acostumei muito com o colégio. Eu amava lá. Todos os meus professores também. Eu não me recordo muito bem do Jardim I, nem o nome da escola, mas eu me lembro do rosto da professora, das professoras... Foi muito bom. Elas eram amáveis. Tudo o que elas pediam, os alunos faziam. Só tinha o Marcos, aluno levado, que tirava o sossego de todos na sala [risos]. (Eny, 23 anos, acadêmica de direito)*

Por meio do vínculo positivo com os professores, Eny construiu um sentido de escola como sendo um espaço de alegria, em que faziam muitas festas e no qual tinha muitos amigos. Acrescentou que, muitos dos amigos que ela conheceu lá, até hoje continuam fazendo parte de seu círculo de amizades. Com relação ao ensino fundamental e médio, ela comentou que:

*Foi uma etapa muito boa. Eu me lembro de vários professores, inclusive um, de matemática, que eu gostei muito. Sempre dou presente no aniversário dele. (Eny, 23 anos, acadêmica de direito)*

De acordo com Eny, o professor de matemática era divertido e sabia explicar bem. A jovem afirmou que aprendeu muito sobre essa disciplina por conta da forma empregada pelo professor para ensinar. Mais uma vez, destaca-se neste estudo a importância do vínculo positivo do aluno com o professor na produção de sentidos e significados do espaço escolar e do ato de estudar como sendo algo bom, agradável e que desperta novos interesses.

Eny percebeu que, a partir de uma boa relação com o professor, sentiu mais interesse pela disciplina e, desta forma, aprendeu o que foi proposto por ele.

Ao percorrer toda a sua trajetória escolar, desde a educação infantil, Victor destacou alguma confusão, poucas recordações e o distanciamento em relação aos fatos passados.

*Do primeiro dia de aula, eu não lembro, eu era muito pequeno. Eu tinha 3 anos. Mas eu me lembro da primeira escola que eu estudei, que era o IEN. Me lembro de uma professora, acho que se chamava Vânia, mas eu lembro vagamente. Lembro de alguns coleguinhas, assim, mas minha memória de longa data não é muito boa. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Embora tenha alegado não se recordar bem de fatos passados há muito tempo, ele salientou que nunca se esqueceu da situação que mais marcou sua trajetória escolar. Certa feita, quando seus pais estavam tendo dificuldade financeira, Victor teve de sair da sala de aula para pegar um comunicado de atraso da mensalidade na secretaria. Isso foi um constrangimento muito grande para ele, que foi chamado diante da sala cheia de colegas. Ao ser perguntado como se sentiu naquele momento, respondeu:

*Ah eu senti vergonha, né? Senti um mal-estar muito grande. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Essa lembrança de Victor mostra como o espaço da escola, em todas as fases da vida de uma criança, um adolescente ou um jovem, é carregado de elementos que extrapolam a mera cognição ou a aquisição do conhecimento. A escola é um espaço social em que se manifestam diversas formas de interação humana e em que se constroem sentidos e significados diversos do que é ser aluno, do que é estar na escola, do que é aprender, mas também do que é ser gente. São sentidos e significados que embasam a ação e os desejos de cada sujeito, são vivências em que os conteúdos simbólicos estruturam a emoção e o afeto, os quais são determinados e determinantes da vida de cada um.

Quanto ao ensino fundamental e médio, Victor realçou que estudou em escolas muito boas e foi se adaptando a esta nova fase. Quando entrou na faculdade, encontrou um amigo de um amigo dele da época de adolescência e reavivou em sua memória um fato marcante:

*Foram atritos em relação a... No sentido de confiança. Em relação a algumas atitudes de chegar nos colegas, assim, de conversar demais. [...] O fato de o professor ter errado a somatória da minha prova. Ele errou a somatória da prova e eu contei isso para um amigo meu. Ele foi, pegou minha prova e levou lá para o professor para falar que ele tinha errado a minha somatória. E o professor diminuiu minha nota. Aquilo foi uma falta de camaradagem muito grande. O que isso ia alterar para ele, entendeu? Nossa! E isso o fez ficar queimado comigo demais. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*



Victor relatou que não ficou com raiva do professor porque ele diminuiu sua nota, mas ficou bastante aborrecido com o amigo por fazer algo à sua revelia. Essa revelação pode indicar uma aceitação passiva, por parte do aluno, da autoridade do professor no ambiente escolar, no qual ela é exercida com autoritarismo. Dessa maneira, revela-se um círculo vicioso dentro da escola, porquanto o aluno não tem oportunidade para desenvolver mais do que a mera cognição, para exercer sua capacidade de argumentação e para lutar por seus direitos. Tal modelo de escola era muito comum há algum tempo e ainda hoje está presente. No entanto, como resultado do debate entre os estudiosos da educação, constata-se que o ambiente escolar deve prover ao aluno as possibilidades de pleno desenvolvimento, inclusive das habilidades relacionais e afetivas, o que não ocorreu de forma adequada para Victor. Nessa fase, ele conversava demais na aula, mas não levou nenhuma advertência por isto. Por outro lado, vivenciou uma experiência negativa que o marcou, como se verifica em sua seguinte fala:

*Pois é, eu fiz o ensino médio no ISM, né? O ISM era terrível, assim! Lembro mais do diretor, de várias puxadas de orelha que ele me deu. Inclusive, lá na frente do pátio todinho, assim, ele pegou o microfone e brigou comigo. Nossa! [...] Porque lá tinha a tradição, tem até hoje, de fazer oração todos os dias de manhã, antes de começar as aulas. E uma vez por semana, cantava o hino nacional. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

No terceiro ano, estudando demais para o vestibular, Victor deu uma cochilada na hora do hino nacional. Ele estava usando boné virado para baixo, dormiu e foi repreendido pelo diretor na frente de todos:

*Ele falou assim, “Ah, você não gosta do seu país...” e não sei mais o que, “Então, vai lá pros Estados Unidos! E tira esse boné!” E falou muitas outras coisas. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Victor, que não teve intenção de ser desrespeitoso, não gostou de forma alguma da repreensão pública, sobre a qual completou:

*Nossa, me magoou demais. Aí, no ISM, o que me marcou mesmo foi essa repreensão escolar. Foi lá que eu fiz meus melhores amigos que eu tenho até hoje. Mas o que me marcou do colégio não foi o aprendizado, não foi a alegria de estar ali, não. A imagem que eu tenho de lá é uma imagem meio ruim, meio repressora. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Victor afirmou ter ficado completamente constrangido. Não gostou nem um pouco da exposição. Segundo ele, até hoje, seus colegas lembram daquela ocasião, pois foi um fato bem marcante. O jovem não sentia prazer algum, nem vontade de

assistir as aulas, não se sentia bem na escola por causa da pressão muito forte dos professores em relação aos alunos. A seu ver, era uma pressão maléfica, sentida por ele como terrorismo, como a obrigação de passar no vestibular. Lembrou que o diretor assim os pressionava:

*“Se vocês estão aqui para passar no vestibular, estudem, porque seus pais estão ralando, para manter vocês aqui estudando. Se vocês não passarem, são um bando de vagabundos. Estudem! E nada de festa e nem clube durante esta preparação para o vestibular!”* (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)

Victor recordou que alguns de seus colegas até manifestaram certos transtornos psicológicos por conta disso e a escola enfrenta processo judicial até hoje por causar-lhes esses danos. Vivenciando essa forte pressão, Victor foi reprovado no terceiro ano, transferiu-se para outro colégio e depois foi fazer cursinho.

Para o jovem, sua vida escolar está vinculada a más lembranças, à vivência de pressão psicológica e a constrangimentos associados à impossibilidade do exercício de sua capacidade argumentativa. O constrangimento foi, inclusive, o que mais marcou sua vida acadêmica nos anos iniciais, chegando a se tornar a única lembrança marcante da época. Todas essas informações evidenciam, para este estudo, a importância de se discutir o desenvolvimento escolar de uma criança, tendo como eixo estruturante os direitos humanos da criança e do adolescente, já assegurados na legislação vigente, mas ainda não garantidos em sua plenitude. Principalmente quando no âmbito da educação contemporânea se destaca a priorização da preparação para o mercado competitivo, da necessidade de se inserir no mundo do trabalho, da formação para a produção em detrimento da formação humana de cada sujeito, que deveria ser o objetivo principal da educação, que tem como tarefa formar pessoas críticas e transformadoras da história.

Com essas reflexões, destaca-se que, quando uma criança ou um adolescente é vítima de constrangimento, ou de qualquer outro tipo de pressão ou violência psicológica, é fundamental para o desenvolvimento de suas habilidades sociais que não se naturalize o fato, mas sim que ele seja amplamente discutido e debatido entre importantes atores, tendo, inclusive, a criança, o adolescente ou o jovem como um dos protagonistas do debate. Talvez seja esse o principal caminho para a efetiva garantia dos direitos humanos da criança e do adolescente em nossa

sociedade. Especialmente por existir na atualidade uma disputa de mercado das escolas, porquanto o colégio, para se destacar com maior número de aprovações em vestibulares de ampla concorrência, utiliza-se de estratégias de disciplinamento autoritárias e desrespeitosas com os alunos, que são sujeitos em desenvolvimento e que estão construindo um modo de estar no mundo, significando suas experiências e exercendo a sua subjetividade.

No novo colégio, Victor conseguiu estabelecer bom relacionamento com os outros alunos e com os professores. Isso teve uma influência positiva para a sua aprovação, tanto no colégio quanto posteriormente, uma vez que passou em três vestibulares, sendo um em primeiro lugar. Isso o incentivou a estudar e a buscar o crescimento.

Ratificando o que já foi evidenciado nas falas de outros jovens participantes deste estudo, Victor comentou que, se o aluno não gosta de um professor, isso se reflete na disciplina lecionada por ele, passando o aluno a ter raiva daquela matéria.

Para Davi, a educação infantil foi muito tranquila e marcante, sugerindo adaptação e ausência de conflitos.

*Todos os professores gostavam de mim. Eu era uma pessoa muito tranquila. Eu me lembro do professor Paulo, que era muito afetivo. Todos gostavam dele. Tudo o que ele propunha, a gente fazia, porque gostava dele. (Davi, 24 anos, acadêmico de medicina)*

O período do ensino fundamental e médio, no entanto, foi de muita turbulência para Davi, principalmente na época do vestibular, quando estudava demais. Por outro lado, achava o colégio muito bom, porque sempre promovia festas, seminários, palestras e olimpíadas. Davi relatou que, desde pequeno, sempre gostou de estudar. Para ele, o estudo tem um significado vivo, pois é construído no dia a dia da sua vida.

Levi contou que o período do ensino fundamental e médio foi o que mais marcou sua trajetória escolar. Assim se lembrou daquela fase de sua vida:

*Eu tinha um professor de português que se chamava Manuel. Ele tinha uma maneira diferente de ensinar, mas ele se parecia com um travesti. Os alunos riam muito dele em sala de aula. Mas, ele tinha um carinho, uma educação para ensinar e, acima de tudo, uma grande paciência. Confesso que o conhecimento foi apreendido de forma que eu nunca mais esqueci. Me lembro até dos exercícios, jogos e gincanas realizadas em suas aulas. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Essa maneira diferente de ensinar do professor de português despertou mais interesse na vida estudantil de Levi. Com isso, ele aprendeu a gostar da escola e dos estudos. O sentido dos estudos, para o jovem, é produzido pela mediação do professor.

Ao relatar sua trajetória escolar, os sujeitos da pesquisa trouxeram consigo sentidos positivos e negativos, os quais marcaram suas vidas. Daniela, Luciana, Gabriela, Eny, Joyce, Adriana, Paula, Francisco, Davi e Levi ressaltaram a importância do vínculo com o professor, de como é fundamental se deparar, durante a trajetória escolar, com professores tranquilos para ensinar, amáveis e carinhosos, como os interesses pelos estudos estão relacionados com a relação com o professor em sala de aula e, por outro lado, como uma relação negativa pode ser impeditiva para o conhecimento.

Os estudos de Vygotsky demonstram que o período da infância/adolescência requer atenção adulta. Nessa fase, ocorrem muitas transformações fundamentais para o desenvolvimento do ser humano, que não são apenas biológicas, mas sócio-históricas. “A influência do meio sobre o desenvolvimento do pensamento nunca tem tanto significado como na idade de transição” (VYGOTSKY, 1996, p. 105).

De acordo com os relatos dos participantes deste estudo, entre os 12 sujeitos pesquisados, Victor e Juliana foram os que mais tiveram de lançar mão, em sua trajetória escolar, de estratégias específicas para enfrentar a coerção e o desrespeito ao aluno por parte das instituições de ensino.

Juliana vivenciou a convivência com professores mal educados e o medo de participar da aula no ensino fundamental e médio, muitas vezes deixando de compreender melhor o conteúdo ministrado e de esclarecer suas dúvidas com os professores.

Já Victor, que estudou em um colégio tradicional, relatou a vivência de situações em que se sentiu humilhado pelos educadores. O jovem, inclusive, declarou ter sido vítima de violência física, quando recebeu um puxão de orelha, bem como de violência verbal, quando foi desacatado pelo diretor com palavrões e humilhação diante de vários colegas.

Embora essas sejam situações inaceitáveis em um ambiente escolar na atualidade, haja vista todo o aparato jurídico que defende os direitos humanos da

criança e do adolescente, destaca-se que elas podem ser mais comuns do que se imagina. Neste estudo, que tem 12 sujeitos como participantes, observou-se que houve violência e/ou violação dos direitos em pelo menos três casos. Esses dados, mesmo que não sejam estatisticamente significativos, podem sugerir que, a despeito dos avanços no campo jurídico, ainda existem práticas coercitivas e excludentes que insistem em permear o ambiente escolar, seja em práticas isoladas de um professor ou mesmo no próprio projeto pedagógico da escola.

A realidade vivida por esses jovens em sua trajetória escolar, certamente, foi determinante para seu desenvolvimento. Tanto as lembranças positivas quanto as negativas exerceram papel fundamental na capacidade de cada sujeito apreender o mundo que o rodeia, significar os processos sociais, bem como atribuir sentido aos estudos, ao seu agir e ao estar no mundo.

Certamente, pelo diferencial que compõe a escolha dessas pessoas para a participação nesta pesquisa (que é ser aluno de uma universidade federal em um curso de grande concorrência, medicina ou direito), as experiências negativas relatadas, de um modo ou de outro, foram superadas pelos jovens, se não totalmente, ao menos na transformação necessária para a adaptação e para o desenvolvimento saudável. Ressalta-se que, talvez, os recursos pessoais desses jovens para o enfrentamento das adversidades no ambiente escolar estejam também associados ao seu privilégio socioeconômico e às melhores oportunidades que tiveram.

A despeito disso, faz-se necessário enfatizar que as experiências negativas no ambiente escolar podem comprometer o desenvolvimento saudável da criança, do adolescente e do jovem. Para Vygotsky (1996, p. 105), a atividade criativa e o pensamento por conceitos poderão ser bloqueados, não permitindo ao jovem alcançar a “liberdade interna do pensamento, da ação e do conhecimento”, gerando sofrimento, que poderá transformar-se em doenças psíquicas.

### 3.2 Decisão: a escolha do curso

Quanto à decisão sobre o curso a ser seguido na universidade, as respostas foram diversificadas. Francisco relatou que, há muito, já tinha em mente sua escolha:

*Então, eu nunca me vi em outra profissão a não ser médico. Então, acho que eu prestei mesmo foi por causa do meu pai, porque eu não me via com outra profissão. Cheguei até a prestar vestibular para direito para experimentar, porque não passava para medicina. Mas, eu não me via como advogado e sim como médico. Então, resolvi estudar mais e passei no vestibular para medicina. (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)*

A partir dessa fala, constata-se que o pai de Francisco, que era médico, teve influência em sua opção pelo curso, embora não tenha sido direta, pois faleceu quando o garoto ainda era pequeno. Dessa forma, mesmo sem conseguir explicar sua opção, argumentando que já havia feito essa escolha desde pequeno, Francisco fez associação com o pai, pois afirmou que prestou vestibular para medicina por causa deste e que não se vê em outra profissão. Ser médico, para o jovem, está intimamente relacionado com a ausência do pai em sua vida.

A influência do pai na decisão pelo curso também esteve presente na opção de Daniela. A jovem relatou que, embora anteriormente tivesse pensado em estudar jornalismo, ao chegar o momento do vestibular, já tinha em mente que queria fazer medicina, porque o pai é médico e ela o admira. Daniela afirmou que sempre admirou a profissão do pai, sempre prezou seu jeito de tratar os pacientes e como os pacientes o respeitam.

Daniela foi se interessando pela carreira do pai, até ter certeza de que queria realmente segui-lo na profissão e buscou informações com ele a respeito do curso.

*Então, no terceiro ano no colégio LSF, como eu sabia que eu era boa em química, boa em biologia, que eu gostava da parte de biologia, não dos animais, mas da parte de fisiologia humana, como eram as doenças, de como é o metabolismo, de como é que era a diabetes... Aí, vi que eu gostava mais dessa parte de biológicas. Aí, eu decidi fazer medicina. Só que eu não estava nem um pouco preparada. Eu era muito imatura. Então, não passei de primeira. Tive de fazer dois anos de cursinho. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Como consequência da ampla concorrência para entrar no curso de medicina, mesmo fazendo cursinho, Daniela tentou várias vezes o vestibular e não teve

sucesso. Para ela, esse período de preparação para o vestibular foi também um período de amadurecimento, o que ficou evidente quando afirmou que em seu primeiro vestibular ainda era muito imatura. Dessa forma, o sentido atribuído por Daniela à reprovação no concurso vestibular não foi de fracasso, mas sim de imaturidade. E a preparação para o concurso passou a ser encarada como desenvolvimento, como crescimento e não como frustração. Com isso, sua vontade de enfrentar o desafio do vestibular para medicina aumentou e fez cursinho mais dois anos, até conseguir passar no vestibular e ingressar na universidade.

Para Luciana, a decisão foi realmente tomada por sentir certa afinidade pelo curso de direito. Relatou que não teve interferência de ninguém. Escolheu o curso porque gostava e estudou mais as matérias que têm maior peso no vestibular do curso de direito.

*Lembro de praticamente todos os professores. Porque eles são comediantes, são muito divertidos! As aulas também eram muito boas. Então, comecei a estudar. No primeiro ano, eu estava estudando de verdade. No segundo ano, já teve aquela queda, assim... Já conhecia todo mundo. Foi menos puxado um pouco. Aí, depois, veio o terceiro e eu fiz um ano de cursinho. Foi muito bom, sabe? Eu realmente estudava todas as matérias, principalmente aquelas que eu tinha realmente dificuldade, optando pelo curso de direito. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Em sua fala, Luciana evidenciou que, como sua decisão pela profissão foi uma escolha própria e como tinha afinidade com a área do curso, o percurso para alcançar seu objetivo foi enfrentado sem grandes conflitos. Programou-se, estruturou a metodologia de estudos e se divertiu nessas atividades, conseguindo atingir o seu intento. Essa atitude de Luciana sugere que a construção de um projeto de vida pode ser enfrentada com menos conflitos quando o jovem não sofre pressão externa sobre suas decisões e quando essas não são constituídas de conteúdos ambivalentes, ou seja, quando o jovem sabe reconhecer o que desperta o seu interesse, o que quer para o seu futuro e quando tem liberdade de escolhas.

Adriana relatou que quando foi prestar vestibular, já tinha optado pelo curso de direito, não tendo influência de ninguém, mas se pautando por uma questão de mercado de trabalho. Asseverou que tinha afinidade pelo curso e um objetivo desde pequena: gostaria de ser juíza ou promotora.

*Hoje em dia, é importante você ter uma faculdade para conseguir um lugar de destaque no mercado de trabalho. E quanto ao curso de direito, eu o escolhi porque acho que é um curso que é muito amplo. Ele abre um grande leque de possibilidades. Sem falar que é um curso muito interessante*

*porque você passa a conhecer sua própria lei, o que rege a sociedade, os seus direitos, aprende a lutar por eles. (Adriana, 22 anos, acadêmica de direito)*

Em sua opinião, além da questão do conhecimento que se obtém ao realizar um curso superior, isso também ajuda na vida pessoal, pois, atualmente, quem não tem uma formação acadêmica mais qualificada, dificilmente consegue se destacar no mercado de trabalho. Fazer o curso de direito, para Adriana, significa abrir possibilidades na vida profissional, pessoal e social e, certamente, foi o significado atribuído ao profissional de direito como um conhecedor da lei de seu país, como alguém que tem muitas oportunidades de acesso ao mundo do trabalho o que determinou sua decisão, além de ser esta profissão considerada como status e tendo reconhecimento social.

Para Eny, a decisão acerca do curso superior em direito teve influência da família. A jovem pretende se formar na área para fazer um concurso público, visando a carreira de juíza ou promotora.

*Eu acreditei que seria o que eu iria mais me interessar e também por influência da família, porque a maioria das pessoas da minha família fez direito e são advogados. (Eny, 23 anos, acadêmica de direito)*

Eny deixou transparecer que sua escolha foi influenciada pela família, já que vários membros são bacharéis em direito e advogados. Porém, essa não foi uma opção conflituosa com seus próprios interesses, uma vez que não houve dissonância entre estes e a área do curso escolhido, pois ela afirma que é o campo que mais a interessa.

Davi afirmou que, ao escolher o curso de medicina, não teve influência da família. Tomou sua decisão com base no fato de gostar desta área e de crer que poderia ganhar dinheiro com esta formação. No início, não gostou do curso; todavia, com o passar do tempo, passou a gostar e tenta fazê-lo da melhor forma possível.

Levi afirmou que buscou informações a respeito do curso com os pais, pessoas que admira muito. Além disso, comentou o seguinte:

*Eu escolhi o curso de direito porque me atraiu. Acho que é um curso bom e muito amplo, que abre possibilidades para a pessoa crescer na área. E também pretendo ganhar muito dinheiro. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*



Levi destacou que não foi influenciado pelos pais, apenas trocou ideias com eles antes de prestar o vestibular. No entanto, como o jovem deixou claro em sua fala, sua escolha está associada à perspectiva de que a profissão produzirá grande retorno financeiro. Portanto, a identificação com o curso não foi o fator determinante de sua escolha. Levi revelou que, no início, não tinha muita afinidade com o curso, mas atualmente mudou de opinião, pois, à medida que estudava, foi tendo conhecimento e foi gostando cada dia mais de sua escolha. Assim, declarou que:

*Quando estava no segundo grau, não tinha decidido, qual curso iria fazer. Pensava em direito, mas não tinha certeza. O direito, para mim, é um pouco sedutor, devido ao leque de profissões que ele abre na área. Mas, trocando figurinha com meus pais sobre o curso de direito, resolvi investir na área. Hoje, sou apaixonado pelo curso. Tento aprender tudo o que é proposto na sala de aula. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Já para Joyce, a escolha do curso não ocorreu sem conflitos. De acordo com ela, a decisão

*Foi um processo muito difícil, porque eu tinha muitos interesses, mas eu acho que medicina reunia todos eles. Foi uma questão de crescimento pessoal, principalmente, porque era um curso que ia me promover várias coisas boas. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

A jovem queria ter diploma de um curso superior, obtido em uma universidade pública, porque, para seu pai, isso sempre foi muito importante, e ele sempre falava isso para ela, desde pequena. Assim, ela achava que não poderia deixar de cumprir essa missão, porquanto era uma questão de honra. Como Joyce perdeu o pai na adolescência, atribuiu ao fato de cursar medicina um sentido de cumprir um trato com ele,

*Eu e meu pai éramos muitos amigos. Sempre fazíamos planos juntos para o futuro. Juntos, discutíamos a possibilidade de ser médica. Então, mesmo perdendo meu pai na adolescência, não desisti de ser médica. Então, fui crescendo com esse intuito e me preparando também. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Juliana declarou que, quando fez vestibular, já sentia aptidão para fazer medicina e ninguém interferiu em sua escolha. Após passar no vestibular, comprovou que tem afinidade com o curso e o faz bem feito. Gosta de participar de todas as atividades na universidade.

*Meus pais nunca me influenciaram para fazer medicina. Prestei o vestibular por ter afinidade com o curso. Gostava muito de biológicas no segundo grau. Daí, eu precisava fazer um curso nesta área e sempre gostei da medicina. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Juliana manifestou satisfação com o curso escolhido. Ela quer ser médica e obter todo o conhecimento possível para fazer a diferença, como mostrou na seguinte fala:

*Quero ser uma médica com todas as qualidades e conhecimentos para curar o meu paciente. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Para Juliana, o sentido de ser médica vai além de ter uma profissão, um emprego e estabilidade financeira, pois perpassa pelo desejo de ser reconhecida pelo seu fazer. A medicina, para a jovem, é a possibilidade de transformar a realidade de uma pessoa por meio da cura de suas doenças e Juliana almeja ser o agente desencadeador desta transformação.

Já Paula afirmou que se identificava um pouco com o direito. Seus pais sempre a mantiveram em escolas particulares durante sua trajetória escolar. Contudo, o sonho de Paula era passar no vestibular em uma universidade federal, independentemente do curso. Ao iniciar o curso de direito, entretanto, ela foi surpreendida.

*Eu acho que era isso mesmo que eu queria. Eu nunca falei assim, “Eu tenho certeza”. Mas, eu acho que eu não me veria fazendo outra coisa. Escolhi esse curso. Na verdade, quando a gente sai do ensino médio, não tem muito conhecimento de cada curso. A gente escolhe aquilo mais por afinidade. Igual, minha família inteira é formada em direito. É o que eu tenho mais conhecimento. É o que eu mais conhecia na área. Então, foi meio que... [risos]. Educação é tudo! Estudar é um dos melhores meios de você crescer e não só economicamente, mas também como pessoa. (Paula, 22 anos, acadêmica de direito)*

Na concepção de Paula, sua escolha pelo curso ocorreu por meio de decisões tomadas sem muita segurança e, indiretamente, influenciadas pela família, já que não conhecia bem outras profissões e vários membros de sua família são formados em direito. Estudar apresenta dois sentidos para Paula: ser um crescimento pessoal e possibilitar estabilidade econômica para a pessoa.

Victor, por sua vez, relatou que, embora tenha buscado informações com os pais e familiares a respeito do curso antes de fazer sua escolha, não foi influenciado por eles. Segundo ele, sempre foi firme em suas decisões e tem muita afinidade com o curso; além do mais, para o jovem, se formar em direito amplia suas possibilidades no mercado de trabalho.

*Eu sempre gostei desta área. Por esse motivo, escolhi o curso de direito. Acreditei que seria um curso bom e, na verdade, me surpreendeu. É muito amplo de carreira. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Desde pequena, Gabriela tinha afinidade com medicina e relatou que não foi influenciada pelo pai. Assim como Juliana, Gabriela atribui ao curso de medicina o significado de gerar esperança de cura para os pacientes. Para a jovem, o mais gratificante é estudar e adquirir conhecimento.

*Durante toda a minha vida de estudante, sempre quis fazer medicina. Nem meus pais, nem ninguém da minha família nunca me influenciaram. Só incentivaram meus estudos. Sempre gostei de estudar e fui muito boa, principalmente no segundo grau e cursinho e sou até hoje. Tenho muita afinidade e gosto do curso de medicina. (Gabriela, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Diante das informações obtidas a partir dos relatos dos participantes desta pesquisa, pode-se compreender que a opção pelo curso relacionou-se com: a afinidade de cada um pela área; ou a influência da família (seja direta ou indiretamente); ou o fato de os cursos de medicina e direito serem socialmente reconhecidos como tendo um status maior; ou desses dois cursos significarem, para os jovens participantes, maior possibilidade de inserção no mercado trabalho e de retorno financeiro. Em sua maioria, os participantes não mencionaram o fazer específico de cada profissão. Embora sem detalhar as especificidades do fazer profissional, Daniela, Davi, Luciana, Adriana, Levi, Paula e Victor relataram seu interesse pela profissão por meio da palavra afinidade, pela convivência com profissionais da área, ou pelas possibilidades econômicas que a profissão poderia gerar. Apenas Juliana e Gabriela abordaram o fazer específico da profissão, afirmando desejar poder curar doentes, mesmo que ainda de forma bem idealizada.

Ressalta-se que, independentemente do motivo que gerou a opção de cada jovem pela profissão, a escolha pelo curso e o empenho em atingir o objetivo estão intimamente associados com a capacidade de reconhecer os próprios interesses e de construir um projeto de vida. Quando escolheram seus cursos, esses sujeitos demonstraram que sabiam o que queriam. Embora com sentidos diversificados para cada um, a motivação para entrar na faculdade e ali estudar foi gerada pelo projeto de vida de cada sujeito. Seu interesse foi despertado pela convivência e pelas possibilidades de refletir e discutir com os adultos, os quais, neste estudo, foram aqueles que estiveram no núcleo familiar dos jovens.

Sendo assim, destaca-se o papel da família nas decisões dos jovens quanto ao seu futuro profissional e à maior possibilidade de fazerem escolhas acertadas. Essas são aqui compreendidas como sendo as escolhas que não geram dissonâncias para o jovem, mas que geram sintonia entre o seu pensar, sentir e agir quando este não se sente pressionado e tem oportunidade de refletir sobre os diversos projetos que o curso pode desencadear. Dessa forma, seja por gostar do que faz um médico ou um bacharel em direito, seja pelo reconhecimento que a profissão escolhida tem na sociedade, seja pela possibilidade de retorno financeiro, ou, ainda, por todos esses motivos juntos, a opção feita é compreendida pelo jovem com sendo de sua responsabilidade. Consequentemente, produz um sentido de propriedade da escolha profissional quando o sujeito tem oportunidade de conhecer a profissão, pela proximidade física com pessoas da área ou pela possibilidade de falar sobre ela com alguém que lhe sirva como referência.

### 3.3 Significado de fazer um curso superior

Para Daniela, o curso superior tem um sentido de melhor inserção social. Em sua concepção, a pessoa que estuda tem mais oportunidade de crescimento profissional, mais acesso à cultura e, conseqüentemente, maior interesse pelo conhecimento intelectual, que é uma forma de crescimento.

*Tem um significado muito importante na minha vida estudantil o curso superior. Ah! Para mim, é essencial, É uma grande conquista! Lá em casa, quase todo mundo já está formado. Isso tem um significado, assim... É um passo muito importante, porque você tem um diploma que você pode se acomodar. É muito importante para você ser conhecida na sociedade, para as pessoas te respeitarem, para você até ter acesso a um salário melhor. Para você ter cultura, também, que é o principal, porque em uma faculdade você tem acesso a cultura. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Além da possibilidade de obter mais conhecimentos, para Daniela, o curso superior é uma forma de estar incluída em seu grupo familiar, já que em sua família quase todos são graduados. Também é uma possibilidade de ser reconhecida e respeitada na sociedade, de forma que, para a jovem, o diploma significa melhor inserção social e estabilidade financeira.

Na visão de Daniela, ao fazer um curso superior, o indivíduo acaba ganhando uma visão crítica do mundo. A jovem se refere a uma alegria carregada de emoções

e sensações de estar fazendo um curso superior. Essas emoções são formuladas no discurso acerca do objetivo traçado em sua vida, que lhe trará uma recompensa futura.

*Porque, em uma faculdade, você tem acesso... Por exemplo, aqui na UFG, a gente tem núcleo livre, que a gente é obrigada a estudar em outras disciplinas em outros núcleos. Então, você acaba ganhando a visão crítica das coisas. Então, tendo um curso superior, eu acho que não te atrapalha em nada, só te ajuda. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Embora a fala de Daniela sugira que o sentido que atribui ao curso superior é o de inclusão em um grupo de melhor status social, ela também destacou as possibilidades do conhecimento proporcionado pelo curso e conseguiu vislumbrar um plano de atividades que poderá desenvolver no futuro.

*Adquirir conhecimento na universidade é quando você estuda em um livro bem elaborado. Não tem como você não aprender. Você começa a folhear... Assim, você pode até ter dificuldade nesse andamento, mas que você vai aprender, não tenho dúvida quanto a isso! O seu objetivo é terminar a graduação, depois passar em uma residência, se tornar uma especialista, trazer melhora para os pacientes e ser reconhecida. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Fazer um curso superior bem feito, de acordo com Daniela, lhe traz satisfação e segurança, estabilidade na vida e maior possibilidade para exercer bem a sua cidadania. Conforme seu relato, a pessoa que estuda fica mais esclarecida, sabe se posicionar melhor diante dos fatos da vida cotidiana e tem mais discernimento. São esses significados do curso superior que orientam o empenho da jovem nos estudos e alimentam os seus projetos futuros. Em seu relato, Joyce enfatizou dois aspectos do significado de um curso superior: o econômico e o cognitivo. Para ela, fazer um curso superior significa

*Independência, tanto financeira quanto de conhecimento. Tudo isso me ajuda a crescer e a desenvolver. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Joyce ainda destacou significados semelhantes aos de Daniela para o curso superior; contudo, ao argumentar sobre a independência financeira e de conhecimento, ela não fez referência ao status social do curso, mas sim às possibilidades de crescimento e desenvolvimento pessoal.

Juliana também salientou a maior possibilidade de inserção no mercado de trabalho e a oportunidade de crescimento que o curso superior pode proporcionar.

*Hoje, eu acho que é difícil a pessoa conseguir sobreviver sem um curso superior, sem um bom emprego, sem um bom salário. É possível, mas está*

*cada dia mais difícil, porque as pessoas exigem cada vez mais conhecimentos específicos.* (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)

Levi relatou da seguinte forma o significado que fazer um curso superior tem para ele:

*Os estudos só trazem benefícios e não malefícios para o acadêmico, porque a cidadania é mais bem exercida com um conhecimento maior.* (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)

De acordo com Levi, o conhecimento que o curso superior proporciona possibilita a inserção social com maior participação, o melhor exercício da cidadania. Mais do que a estabilidade econômica de um curso de status social, o jovem salientou a formação crítica e a participação cidadã como resultados da realização de um curso superior.

Para os sujeitos pesquisados, fazer um curso superior tem grande relevância, pois estes buscam conhecimento para construir sua vida profissional. Conforme Victor afirmou, o significado de fazer um curso superior é ter um papel social diferenciado. Assim, quando o indivíduo faz um curso superior bem feito, conseqüentemente, tem uma formação melhor, acaba assumindo uma posição de mais responsabilidade e apresenta maior poder decisório.

Segundo Gabriela, fazer um curso superior é uma oportunidade de crescimento, de ter um futuro melhor:

*Hoje, é difícil a pessoa conseguir sobreviver sem um curso superior, sem um bom emprego, sem um bom salário.* (Gabriela, 24 anos, acadêmica de medicina)

Estudar, na opinião de Gabriela, é seguir uma carreira de que a pessoa gosta. A jovem demonstrou que a afinidade com o curso possibilita um sentido positivo à carreira, de forma que uma boa carreira profissional seria fazer o que se gosta e ser bem remunerado por isto.

Fazer um curso superior, para Adriana, significa obter conhecimento, independentemente de gostar ou não do que escolheu. Para ela, quando o indivíduo estuda e presta atenção nas aulas, acaba assimilando alguma coisa. E isso é muito importante, tanto na experiência individual como na coletiva e influencia nas ações futuras.

*E também para a questão acadêmica. No futuro, quando você for prestar um concurso, aquela aula pode te atender, ter alguma serventia. Aquele*

*livro que você leu, aquele texto de algum autor. E para eu me construir também.* (Adriana, 22 anos, acadêmica de direito)

Adriana afirma que a busca pelo conhecimento é essencial, porque o acadêmico necessita conhecer o que é lhe oferecido pela universidade para ser uma pessoa bem sucedida profissionalmente.

Para Paula, fazer um curso superior é dar o primeiro passo em sua vida,

*Porque a gente vê que é uma minoria que tem essa oportunidade e é uma chance de futuro, sabe? A única coisa que eu quero é continuar a minha vida a partir daqui. Este é o primeiro passo, ou o segundo, terceiro... [risos]* (Paula, 22 anos, acadêmica de direito)

Mesmo sem compreender a importância de sua fala, quando Paula argumentou que o curso superior pode ser “o primeiro passo, ou o segundo, terceiro”, deixou evidente que a sua dúvida quanto à ordem dos passos está relacionada à transformação que o curso superior ocasionará em sua vida. Isso porque, para a jovem, o curso superior é o primeiro passo para a vida adulta, para uma nova inserção social e, ao mesmo tempo, um passo precedido de vários outros, dados na infância, na adolescência, em toda a sua trajetória acadêmica.

Eny declarou que, para ela, é importante fazer um curso superior pelas possibilidades de sucesso no futuro.

*Para conseguir um emprego mais fácil. Ter um diploma é uma garantia maior na vida futura, na vida profissional.* (Eny, 23 anos, acadêmica de direito)

Ela afirmou que começou a ter outra visão depois que iniciou o curso superior e, atualmente, encara as coisas de forma diferente e mais madura. Para Eny, não basta apenas completar um curso superior, mas fazê-lo bem feito para ser bom na profissão, como deixou claro no seguinte relato:

*O mercado é muito competitivo hoje. Tem dia que fico pensando: se você não for a melhor, fica mais difícil de entrar nesse mercado profissional.* (Eny, 23 anos, acadêmica de direito)

Para Francisco, fazer um curso superior significa se destacar na sociedade, mas, ao mesmo tempo, o jovem apresentou um pensamento ambivalente sobre as oportunidades do curso, como ficou evidente em seu relato:

*Meu curso é na área médica. Então, eu nunca me vi em outra profissão sem ser médico. É importante uma pessoa estudar para ressaltar na sociedade. Mas, a gente vê que a maioria do pessoal no Brasil... só 15% das pessoas*

*têm o ensino superior. Então, você vê que não é tão importante, porque eles continuam vivendo do mesmo jeito que a gente.* (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)

Mesmo assim, o jovem declarou ser importante uma pessoa estudar, pois, se não o fizer, talvez fique mais difícil viver na sociedade. Quando Francisco argumentou sobre as pessoas que não têm curso superior e que “continuam vivendo do mesmo jeito”, evidenciou que, para ele, o reconhecimento que o curso superior pode trazer não se dá apenas pelo diploma em si, mas também pelo empenho de cada um, pelas experiências e pela habilidade para colocar em prática o conhecimento adquirido. Assim, constata-se que, para o jovem, o diploma do curso superior por si só não produz sentido algum, pois é a capacidade que cada um tem de utilizar bem o conhecimento apreendido que poderá trazer o reconhecimento profissional. Francisco pretende buscar esse conhecimento acadêmico para conseguir atingir o que espera para a sua vida profissional, que é passar em um concurso.

Davi afirmou que o significado de fazer um curso superior é buscar conhecimento científico para a sua vida profissional.

Luciana defende que é importante uma pessoa ter pelo menos um curso superior. Fica até emocionada quando fala, uma vez que sempre teve isso como um objetivo traçado em sua vida. Jamais se sentiu pressionada na época do vestibular.

Ressaltar a importância de frequentar um curso superior foi unânime entre os sujeitos pesquisados. Embora cada um deles tenha atribuído sentidos e significados peculiares à vida acadêmica, em geral, as oportunidades de estabilidade financeira e profissional, bem como a melhor capacidade de discernimento da realidade que o curso superior pode trazer estiveram presentes em todas as falas.

Luciana sintetizou o que todos os sujeitos afirmaram acerca do significado de fazer um curso superior:

*A possibilidade de ascensão, de subir na vida mesmo, de estar sempre correndo atrás de ter uma qualidade de vida melhor, de dinheiro também. De conquistas, sabe? De não depender de ninguém, ser autossuficiente. Você trabalhar, ter seu dinheiro. Você ter a sua profissão, o seu conhecimento, que ninguém te tira.* (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)

O significado de fazer um curso superior, para os sujeitos desta pesquisa, pode ser compreendido como sendo uma possibilidade de inclusão social, de



pertencimento a um grupo de maior poder, seja pelo conhecimento crítico da realidade, seja pelo fator econômico. Para os jovens participantes deste estudo, a interação social é compreendida como facilitada pelo conhecimento obtido no curso, pelas oportunidades de acesso ao mercado de trabalho, pelas contribuições que o conhecimento pode trazer para a sociedade e pela possibilidade de estabilidade econômica. Enfim, à parte algumas especificidades, a realização de um curso superior, para os sujeitos participantes desta pesquisa, significa, então, ampliar a participação social e incrementar os recursos pessoais para a interação e a possibilidade de reconhecimento social.

### 3.4 Leitura: ampliação do conhecimento

A partir dos relatos dos sujeitos deste estudo, verificou-se que a leitura produz, para todos, um sentido de essencialidade para o conhecimento. Francisco declarou que o hábito de leitura é fundamental em sua família. Segundo ele, em sua casa sempre houve uma biblioteca e o jovem conta com a ajuda da mãe para discutir suas leituras.

*A gente lê muito! No curso, agora que eu entrei, tem de ler, mesmo. Mas, se for assim, sozinho, eu não leio. Só se precisar mesmo. Agora, com a cooperação e incentivo da minha mãe, eu aprendi a gostar de ler e discutir. Penso que aprendo mais. (Francisco, 22 anos, acadêmico de medicina)*

Importante salientar que é dentro do espaço familiar que o jovem aprende a gostar de estudar, ler, fazer tarefas escolares, pesquisar. O depoimento de Francisco foi corroborado pela opinião de Victor quando este explorou a importância de estar no meio de pessoas que gostam de leitura.

*Digamos que, para mim, a leitura é essencial na minha vida estudantil. É conviver com pessoas iguais a mim, que têm praticamente as mesmas opiniões. É muito importante. Agora, conviver com pessoas que não gostam de leitura, que não te incentivam, é barra, né? (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

De acordo com Victor, um elemento fundamental para despertar o interesse pela leitura é a convivência com pessoas que gostam de ler e que têm a leitura como prática habitual. Segundo ele, o contato do aluno com a leitura vai orientar a sua atuação profissional e possibilitar um posicionamento acadêmico e intelectual.

Assim, Victor opinou que as boas leituras, a identificação com certos intelectuais e a definição por uma determinada linha de pensamento são fundamentais para a formação acadêmica, como se pode verificar no relato que se segue:

*A pessoa que estiver nessa fase de formação acadêmica, tem de escolher certos intelectuais, certos estudiosos com os quais ela se identifica e tê-los como parâmetros de pensamentos. Inclusive, quem acabou falando essa ideia para mim foi um professor argentino, que é um dos maiores intelectuais de direito no mundo. Ele falou que é bem interessante, nessa parte da vida, um aluno seguir certos intelectuais, certos pensadores. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Para Victor, a leitura é uma atividade necessária para se informar, participar, ampliar conhecimentos e alcançar uma compreensão melhor da realidade atual.

Daniela argumentou que a leitura é essencial para obter conhecimento e faz parte do cotidiano do estudante. Victor e Daniela compartilham a ideia de que o processo de aquisição de conhecimento acontece desde que o indivíduo nasce. Assim, ao nascer, ele se depara com um mundo previamente estruturado e, então, em função disso, se sente obrigado a apreender o que nele existe para melhor dele apropriar-se e tornar-se um ser humano mais completo, construindo, assim, sua história de vida.

Daniela, assim como Francisco, salientou a importância que a leitura tem para a sua família:

*Meu pai é viciado em informação. Nem tanto livro. Ele assina a Folha, assina o Estadão, aquele jornal Valor, Isto É, Veja. Então, a gente tem acesso a tudo. De tudo um pouco. Eu não gosto muito de jornal. Eu leio mais revista no final de semana. Eu gosto de ler livros literários e compreendo bem, mas mais livros de texto, porque deixa o espírito aberto e relaxa. E minha mãe lê demais também. Meus irmãos leem muito. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Daniela expressou em sua fala a valorização, a partilha, o envolvimento e a necessidade da leitura para a sua vida acadêmica. Dessa forma, sente-se integrada no mundo da leitura e percebe o seu próprio crescimento intelectual.

Para Levi, a leitura é essencial, porquanto, sem ela, o indivíduo ficaria excluído da sociedade. Informando sobre o hábito da leitura em sua família, o jovem reiterou que

*Em minha casa todos gostam de ler. Desde pequeno, sou incentivado a ler, a interpretar a leitura. Hoje, não sinto dificuldade em ler, compreendo bem. O uso de livros novos na biblioteca em casa é constante. Meus pais sempre compram. (Levi 20 anos, acadêmico de direito)*

Levi argumentou que a formação de um hábito de leitura desde a infância é um dos fatores que podem colaborar com a boa capacidade de compreensão de um texto, justificando sua facilidade em lidar com os textos acadêmicos pelos incentivos vivenciados em sua infância. Para o jovem, na sociedade atual, a busca pela informação e pelo conhecimento deve ser contínua.

Paula também relatou que todos gostam de ler na sua casa, mas principalmente seu pai:

*Lá em casa tem uma biblioteca desde quando ele fez o curso de direito. Desde... 70. Eu aprendi mais com ele. Eu não tinha muito isso, mas aprendi. Meu pai tem pós-graduação e minha mãe tem o superior completo. Tanto minha mãe como meu pai vivem fazendo cursos. (Paula, 22 anos, acadêmica de direito)*

Alguns dos jovens pesquisados, cujos pais não frequentaram curso superior, afirmaram que, mesmo que seus pais tenham apenas finalizado o ensino médio, há em suas casas exemplos e incentivo às leituras. Victor relatou o seguinte:

*Lá em casa não tem assinatura de revistas nem jornais. Das seis pessoas que eu te falei, eu gosto de ler bastante, minha mãe lê muito, meu irmão lê muito e uma tia minha lê demais. Inclusive, ela é a pessoa que mais lê livros com quem eu já tive contato. Agora, uma dessas tias minhas e meu pai não leem. Leem jornal, no máximo. Tem biblioteca, sim e muito bacana e boa. Tem muito livro jurídico, mas, em termos de quantidade, tem mais livros literários. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Embora não tenham um curso superior, os pais de Victor influenciaram seu interesse pelos estudos, pois, de acordo com ele, a família o incentiva a fazer leituras diárias para que tenha um crescimento intelectual mais apurado. Dessa maneira, ficou evidente que, mais do que ter a disponibilidade física do material para leitura, na forma de vários livros, revistas, jornais, ou outras fontes de informação, a vivência cotidiana com o ato de ler, o convívio com pessoas que leem e as possibilidades de compartilhar as impressões sobre o texto são essenciais para que se construa o hábito da leitura e para que este possa produzir conhecimento. Já Luciana afirmou que a influência por parte de sua família no hábito de leitura não foi muito significativa, pois, segundo ela,

*Na minha casa, o hábito de leitura é mais ou menos. Não tem significado positivo, porque só eu e meu pai lemos. Todos os tipos são lidos, mas agora a gente lê mais livro da faculdade. Mas, de literatura, desde os best sellers da vida até alguns mais. Na minha casa, existe biblioteca. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Tendo biblioteca em casa e com o exemplo do interesse do pai pela leitura, Luciana superou o desinteresse do restante da família pelo assunto e relatou vivenciar o hábito cotidiano de ler livros técnicos e de literatura. Isso parece sugerir que se referenciou nas atitudes do pai para construir seu modelo de relação com os estudos.

Em seu depoimento, Adriana assim relatou:

*A minha família gosta muito de ler. É o hobby preferido de minha mãe. Em casa, assinam três tipos de revistas: Veja, Época e Exame. Minha mãe sempre me incentivou a ler, desde criança. Já lemos quase todos os clássicos. A leitura sempre ocupou um lugar muito importante na minha casa. (Adriana, 22 anos, acadêmica de direito)*

Talvez pelo exemplo do envolvimento de toda a família com a leitura, Adriana afirmou ter muita curiosidade, sentir desejo de crescer e acredita que se renova e se torna a cada dia mais apta a estar no mundo com suas leituras. Para ela, a leitura significa aprender a interpretar o mundo. De acordo com seu relato, devido às leituras que faz, sente-se capaz de compreender até as entrelinhas daquilo que ouve e vê na realidade em que está inserida.

Na casa de Joyce, embora ninguém tenha feito um curso superior, a família toda gosta bastante de leitura. Joyce sofreu influência positiva por parte da família com relação à formação do hábito de leitura, como se pode observar pelo seguinte relato:

*A minha família lê bastante. Eu, principalmente, gosto muito de livros de ficção. Qualquer gênero, romance... Tem também os científicos. Jornal, revistas semanais, tipo Época, a gente gosta bastante de ler em casa. A leitura tem um significado eficaz na minha vida estudantil. Eu também gosto de ler biografias. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Davi, assim como a maioria dos jovens participantes deste estudo, tem exemplos que auxiliam na atribuição de sentidos e significados positivos à leitura. Segundo o jovem, em sua casa, quase todos gostam de ler e incentivam esta prática.

*Na minha casa, o hábito de leitura é pertinente e tem significado positivo, porque quase todos leem muito. Todos os tipos de livros são lidos. (Davi, 24 anos, acadêmico de medicina)*

Gabriela também recebeu influência positiva da família e possui uma postura crítica sobre a interpretação de cada leitor em relação à compreensão do texto, pois, em sua concepção, toda leitura é única e cada leitor lhe atribui sentido peculiar.

Levi julga que o hábito de leitura é suficientemente cultivado em sua casa, mas principalmente por seu pai, que gosta mais de ler. Para o jovem, a leitura é muito importante e auxilia na capacidade de compreensão e interpretação, habilidades que ele considera fundamentais para o exercício da profissão de advogado ou bacharel em direito.

*Meus pais sempre me incentivaram a ler, desde criança. Já lemos quase todos os clássicos. A leitura sempre ocupou um lugar muito importante na minha casa. No curso de direito, o aluno tem de ler muito, senão, não adquire conhecimentos bons. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

Juliana julga importante o ato de ler para ampliar seu conhecimento e para compreender os colegas no momento das trocas de experiências. Segundo ela, o curso de medicina tem muitos conteúdos e leituras complementares, mas, mesmo assim, a jovem não deixa de ler outros tipos de livros.

Pelos relatos apresentados, pode-se afirmar que, para Francisco, Victor, Daniela, Paula, Adriana, Joyce, Davi, Gabriela, Levi, Juliana e Eny, a leitura tem um sentido de ampliação do conhecimento e, mais do que isto, significa aprender a interpretar e a compreender, além do texto lido, a própria realidade que os cerca. Ressalta-se que todos os participantes deste estudo tiveram experiências positivas com a leitura na socialização primária, tendo a família como promotora da construção do hábito de ler no cotidiano de cada um. Mesmo Luciana, que declarou que em sua casa a leitura “não tem significado positivo”, salientou a influência do pai ao afirmar que ambos leem muito. Dessa forma, pode-se sugerir que, embora a presença e a disponibilidade de livros, revistas e jornais sejam importantes na formação do hábito de leitura dos jovens, é fundamental a existência, no ambiente familiar, de uma prática constante de leitura desde a infância, fazendo com que a criança se familiarize com a leitura, supere eventuais dificuldades de interpretações e adquira posicionamento crítico.

A prática da leitura se fez presente na vida dos sujeitos desde o momento em que começaram a “compreender” o mundo à sua volta. Isso se refletiu na vida acadêmica atual de cada participante, uma vez que demonstraram interesse pela

leitura e desejo de decifrar e interpretar o sentido das coisas que os cercam, de perceber o mundo em diversas perspectivas.

### 3.5 Formação acadêmica: espaço de valorização mediado

Os sentidos e os significados do conhecimento universitário para os jovens participantes deste estudo revelaram a importância da mediação na vida acadêmica e na formação, não apenas profissional, mas também humana. Nessa perspectiva, destacam-se alguns relatos. Davi vê o outro, com suas particularidades, como parâmetro intelectual para obter conhecimento científico durante a sua vida estudantil.

*Eu adquiro muito conhecimento, porque eu começo a pensar mais, raciocinar e perceber algumas coisas que eu não via antes no mundo. Você começa a ter outra visão diante das aulas e ver as coisas de uma forma diferente e tendo uma visão mais madura, também. Eu espero trazer esse conhecimento acadêmico para sempre e também conseguir atingir o que eu espero para a minha vida profissional, que é passar em uma residência. Eu preciso desse conhecimento acadêmico, porque isso dá sentido para a minha vida estudantil e me dá segurança sobre o meu conhecimento intelectual. (Davi, 24 anos, acadêmico de medicina)*

Esse jovem revelou a importância da academia como produzindo uma transformação no aluno, que passa a “pensar mais” e a “perceber coisas que não via antes”. Isso traz para Davi um sentido de conhecimento para o futuro, de capacidade para enfrentar os desafios da profissão e obter segurança quanto ao “conhecimento intelectual”.

Juliana afirmou, a respeito de sua formação acadêmica, que é um espaço de valorização mediada em que constrói a personalidade e em que se formam as ideias.

*Nossa! Acho que essa construção é a base de tudo. Hoje, eu me olho da forma que eu entrei na faculdade, como era meu pensamento, como era a forma de ver muita coisa e, agora, quando eu estou saindo da faculdade, acho que há uma mudança muito grande. Há uma construção realmente na nossa vida. Há uma construção de formação de personalidade, formação de ideias. Acho que essa é a maior importância que a gente tem. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Juliana reiterou que, na busca do conhecimento, muitos acadêmicos enfrentam dificuldades. Para ela, estudar é um pouco difícil e o estudante vive cada

momento do processo, tendo alegrias e experienciando situações difíceis. Segundo a jovem, o enfrentamento dessas dificuldades e o esforço de cada um formam a personalidade, o jeito de ser de cada sujeito. Assim como para Davi, o sentido da vida acadêmica, para Juliana, é de que, pela mediação do outro, ela proporciona uma grande transformação na pessoa. Pelo seu relato, fica evidente que ela reconhece que era uma pessoa diferente antes de ingressar na universidade.

Juliana afirmou que compreende o conhecimento acadêmico de forma integral, pois o considera importante em sua vida. Seu processo de estudo na universidade é muito bom e acredita que é participativa na sala de aula. Ademais, afirmou gostar de frequentar a biblioteca para estudar porque gosta do silêncio.

Para Juliana, o desenvolvimento proporcionado pela academia, quando valorizado pelo aluno, produz a construção de um projeto de vida que pode orientar o jovem tanto em sua trajetória acadêmica quanto profissional.

*Dentro da universidade, preciso ter um desenvolvimento interpessoal para saber aprender e buscar o conhecimento, para me relacionar melhor com as pessoas ao longo desses anos. A questão até de se encontrar no futuro, porque eu realmente quero para o meu futuro. Acho que começou, também, durante a minha formação aqui, juntamente com os professores e colegas na universidade. Foi quando eu realmente me abri. O que eu vou querer fazer? Vou querer só trabalhar? Vou querer voltar para a universidade, seguir carreira como docente? Acho que foi esse o sentido. (Juliana, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Em sua fala, Juliana trouxe o sentido da aquisição de conhecimento durante a sua vida acadêmica e mostrou que está consciente da importância desta experiência para a sua vida presente e futura.

Gabriela relatou que sua vida acadêmica sempre foi excelente, tendo optado por se dedicar aos estudos, pois sempre gostou disto e realmente faz o que gosta.

*Eu costumo brincar em relação ao futuro profissional, em relação à escolha de porque fazer medicina. Sempre foi um sonho de criança. Não sei de onde surgiu, mas eu sempre falei que ia ser médica e nunca mudei de ideia. E aqui estou, no meu último ano. (Gabriela, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Gabriela mencionou, ainda, que tenta ter o máximo de aproveitamento possível em todas as áreas. Sendo a vida universitária um pouco corrida, fica difícil organizar o tempo e o espaço. Apesar disso, Gabriela tem grande envolvimento na universidade, pois, além dos estudos, ela organiza congressos e participa de ligas acadêmicas. Segundo Gabriela, a intensidade com que vivencia a universidade

fez com que deixasse um pouco de lado os compromissos pessoais, mas confirmou que precisa se dedicar com afinco para se aprofundar nos conhecimentos de sua área e se preparar para enfrentar a prova de residência.

Para Daniela, a formação acadêmica é um passo muito importante na sua vida, embora não seja o final.

*Então, tendo um curso superior, não te atrapalha em nada. Você só tem a ganhar. Só te ajuda. E essa vida de estudante é construção de ideias, abertura para o novo, conquista de objetivos. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

A jovem estudante entende que a vida universitária requer dedicação e que este esforço é necessário para se qualificar profissionalmente.

*Quanto mais eu estudo, mais preciso estudar para ser melhor. Se eu não estudar, não atingirei o meu objetivo de ser médica. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Daniela é tão preocupada em ampliar seus conhecimentos que busca participar de programas de iniciação científica.

*Pena que aqui na UFG a pesquisa científica é muito limitada. Tem poucas bolsas. Para você conseguir uma, tem de ficar muito tempo atrás de um professor perguntando se ele está envolvido em alguma pesquisa. A universidade não deveria ser tão fechada quanto a pesquisas como está sendo aqui na UFG. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Assim, para Daniela, a vida acadêmica deve proporcionar maior aprofundamento dos conhecimentos e, em adição a isto, as relações que se constroem na universidade também devem produzir maior conhecimento. Com essa visão, a jovem demonstra atitude crítica com relação aos conteúdos ministrados, às oportunidades que a universidade oferece e à postura de determinados professores. De acordo com ela, tem ótima relação com professores, colegas e amigos. Em sua opinião, os professores estão começando a ser mais dinâmicos.

*Tem algumas aulas, com alguns professores, repetidas vezes. Mas, na maioria das vezes, só tem uma aula com um mesmo professor. Alguns professores têm uma personalidade mais marcante ou eu tenho a oportunidade de ficar mais tempo com ele e a gente vai tendo uma relação melhor. Mas, a gente se dá bem com todos os professores, consegue se comunicar, tudo. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Assim como ficou evidenciada a importância da relação com o professor no relato dos participantes, a respeito de sua trajetória acadêmica na educação infantil, no ensino fundamental e médio, Daniela confirmou que este fator também interfere



na vida universitária. Para a jovem, a boa relação com os professores e com os colegas influencia na busca do conhecimento, pois

*Quando você admira um professor, por exemplo, você gosta de um professor de cardio, você não vai querer que quando ele te pergunte alguma coisa você não saiba. Então, você vai chegar em casa e estudar aquela matéria. Você tem de ter uma relação boa com o professor, porque ele te estimula. Quando você contar alguma coisa e ele reconhecer, eu acho que faz muita diferença no final das contas, para cada disciplina. Como a gente tem pequenas disciplinas, a gente "roda" na pneumologia, na cardiologia... Aquelas disciplinas que os professores são melhores, mais legais, sua nota é maior, seu conhecimento é maior, você apreende mais aquele conhecimento, você não esquece aquilo que você está estudando. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Quanto à influência dos colegas na sala, a jovem comentou que:

*Tem influência quando, por exemplo, há uma pessoa muito chata ou, então, que toma a atenção toda para ela. Acaba inibindo os outros alunos, entendeu? Quando alguém é muito estrelinha, fala muito, acaba que não sobra muita coisa para você participar da aula. Então, é chato! E quando a turma é mais ou menos uniforme, todo mundo tem aquele coleguismo, tem aquele respeito. A coisa flui muito melhor. Você tem mais liberdade para perguntar as coisas para o professor, porque você sabe que, se perguntar uma coisa nada a ver, ninguém vai rir de você, vai te respeitar. (Daniela, 20 anos, acadêmica de medicina)*

Daniela quer ter segurança para atender bem seus pacientes e explicou que a vida acadêmica é cheia de surpresas e boa demais. Para a jovem, a academia é um espaço de grandes aprendizagens e ela tem a sensação de que é o melhor momento de sua vida.

Levi reafirmou que a universidade proporciona formação e é importante em sua vida. Também ressaltou a necessidade de uma formação sólida, pois existem muitos profissionais no mercado e somente terão êxito aqueles que se diferenciarem pela excelência profissional.

*Como há uma grande quantidade de bacharéis no mercado de trabalho, é necessário que você estude, conheça muito. Muitos estudam só pelo dinheiro e não pelo conhecimento ou pela capacidade de compreender o caso que você está estudando. (Levi, 20 anos, acadêmico de direito)*

O importante, para Levi, é o conhecimento que a academia proporciona, pois, em sua opinião, se o indivíduo não adquirir conhecimento, não estará habilitado a exercer sua profissão. Assim sendo, ele busca conhecer bem as condições do direito no Brasil. Esclareceu que precisa compreender o que faz e não ser um mero técnico, um advogado alienado. Para ele, se não tiver conhecimento acerca do objeto do seu trabalho, é necessário estudar, conhecer e se localizar no campo teórico de sua

profissão. Levi está consciente da importância de ter uma formação acadêmica qualificada para o futuro de sua profissão. Para Victor, o conhecimento que a universidade proporciona é importante tanto para a profissão quanto para a vida. Lembrou que, além dos estudos e do conhecimento técnico da área, as informações obtidas por outras fontes são fundamentais.

*Acho que a literatura, tanto científica quanto de romances, muitas vezes ensina muita coisa. Lendo bastante, você tem certo referencial das pessoas. Nos sites de psicologia, de psiquiatria, muitas vezes, se você estudar bastante os pensadores, acho que podem apontar, não diretamente, mas indiretamente, um ensinamento. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Victor afirmou ter bom relacionamento com colegas e professores na faculdade, não apenas dentro da sala de aula, mas também em eventos. Ele considera que a vida acadêmica propicia mais do que a oportunidade de se preparar para o trabalho, mas, principalmente, de adquirir experiência e poder aproveitá-la na vida. Para ele, a universidade possibilita ao aluno experiência e conhecimento que o capacitarão a lidar melhor com situações inesperadas.

*O curso de direito não é fácil. Exige muito, mas para você se formar num curso de direito, não é tão difícil assim. Se você quiser empurrar com a barriga, tanto aqui na UFG quanto em outras universidades públicas que eu já tive contato com estudantes, tem uma mesma realidade: dá para você se formar. Mas, se formar sabendo algo é totalmente diferente. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

O jovem acadêmico ainda completou seu pensamento afirmando que o conhecimento acumulado na universidade não deve servir apenas para conseguir o diploma, mas também para que o sujeito possa saber utilizá-lo em sua vida profissional, pois, do contrário, seria inútil.

*Se você quiser ser um bom profissional, um bom jurista, um bom operador do direito, isso exige muito de você. Tem uma carga de leitura muito grande. O ordenamento jurídico brasileiro não é algo fácil, não é algo apreensível de imediato. Os pontos do direito são dados mais variados, muitas vezes contraditórios. As decisões judiciais, as jurisprudências acabam sendo muito contraditórias. Você tem de saber muito. Muitas vezes, a pessoa se forma em direito, se forma em engenharia, mas acontece de trabalhar em uma profissão totalmente diferente do curso. Muitas vezes, vira empresário, vai trabalhar no banco. Pense bem: fazer cinco anos sabendo que existe um significado muito forte. Cinco anos no mesmo lugar. Ficando de manhã, muitas vezes à tarde e à noite também. Isso tem um significado forte. Para mim, seria muito frustrante você ficar na faculdade, se dedicando tanto e não usar nada daquilo que você se dedicou na sua vida acadêmica para sua vida profissional. Se isso acontecer comigo, eu vou achar muito ruim. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Para Victor, os estudos trazem mais discernimento para o sujeito, tornando-o cidadão, capaz de se posicionar e de se colocar na vida da sociedade. A vida acadêmica, para Victor, é muito boa e possibilita o melhor exercício da cidadania, pois

*A pessoa que estuda fica mais esclarecida, sabe se posicionar melhor diante dos fatos da vida cotidiana, tem discernimento melhor das coisas. O nível de sucesso dela, em várias empreitadas da vida, é maior, porque ela tem conhecimento de causa e a cidadania é mais bem exercida se o conhecimento é maior. (Victor, 22 anos, acadêmico de direito)*

Embora Victor tenha enfatizado a importância dos estudos para a vida profissional, não deixou de mencionar em seu relato como o ensino superior proporciona mais do que o saber técnico, também ampliando o poder de argumentação, a participação social, a cidadania. Acredita que as pessoas que estiverem nessa fase de formação acadêmica devem escolher autores com os quais se identificam e tê-los como parâmetro de pensamentos. Para ele, esses intelectuais são importantes por conta de suas valiosas contribuições, tanto para a vida acadêmica quanto para a pessoal. Victor afirmou que participa do que pode na universidade. Na verdade, começou a participar de um projeto e já tem um enfoque de pesquisa sobre a utilização do espaço público por particulares e planeja produzir um artigo sobre o que é de interesse público nesta questão.

Já Eny deixou evidente em seu relato que seu foco com relação ao conhecimento apreendido na universidade é adquirir recursos para o trabalho, de modo a conseguir atingir o que ela espera para a sua vida profissional, que é passar em um concurso. As atividades acadêmicas extrapolam o estudo técnico e o envolvimento em atividades artísticas passa a fazer parte da vida cotidiana no aluno, mesmo que seja difícil conciliar essas ações. Para a jovem, sua trajetória dentro da universidade está sendo exitosa.

*Mas, mesmo assim, eu sempre consegui me sair bem nas provas. Tenho uma média boa, tenho notas boas. Mas, a universidade carece desse rigor das aulas, porque, esse ano, até que melhorou, mas no ano passado, realmente era bem difícil. E eu participo da bateria da universidade, a Mafiosa. É muito legal! (Eny, 23 anos, acadêmica de direito)*

Eny ainda informou que também participa de um grupo de estudo e um grupo de extensão em que o professor passa filmes e depois faz uma discussão filosófica sobre eles. Desse modo, ficou evidente a intensidade da vida acadêmica para a aluna, de forma a proporcionar mais do que o conhecimento técnico para o trabalho,

pois igualmente importantes têm sido as oportunidades de participar de outros projetos em que exercita a reflexão, a arte e a criatividade.

Com relação à interação com os professores, Eny reafirmou a influência, já destacada neste estudo, do vínculo construído com o professor no processo de aprendizagem. Segundo ela, mantém boa relação com seus professores e isso a influencia na busca de seu aprimoramento.

*Se você tem confiança no professor, se você dá credibilidade a ele, você procura estudar mais e fazer valer o que ele acha de você para você superar as expectativas dele e as suas também. (Eny, 23 anos, acadêmica de direito)*

Afirma que seu processo de estudo na universidade é produtivo e que frequenta mais a biblioteca para pegar livros e não para estudar naquele ambiente, porque gosta mais de estudar em casa. Procura participar de eventos científicos, seminários, palestras. Quando tem dúvidas, sempre procura algum professor, ou mesmo se tiver um problema, alguma dificuldade em relação à matéria, procura também os familiares, porque eles entendem sobre o assunto, uma vez que são da área.

Juliana afirmou manter bom relacionamento com os colegas e os professores. Acredita que seu processo de estudo na universidade seja muito bom e participativo. Ela tem o hábito de frequentar a biblioteca.

Por seu turno, Paula fez questão de enfatizar que o sentido do curso universitário para ela é diferente do de seus colegas, pois seu objetivo é utilizar o conhecimento apreendido para produzir impacto social com seu trabalho e não apenas obter retorno financeiro, como bem argumentou:

*A maioria das pessoas pretende passar em um concurso público para ter estabilidade, ter uma vida boa e tal. Eu quero muito poder ajudar, poder fazer alguma diferença, basicamente isso. (Paula, 22 anos, acadêmica de direito)*

Quanto à sua trajetória na universidade, a aluna revelou que não participa de pesquisas, uma vez que essas não são divulgadas para os alunos. Segundo a jovem, quem quiser fazer parte de um grupo de pesquisa tem de ir buscar as informações, porque ninguém as divulga. Pelos relatos de Paula, parece que a vida universitária, que exige mais autonomia do aluno, lhe produziu um impacto que, em

vez de transformar sua atitude, a afastou de algumas oportunidades para intensificar a sua formação, como o envolvimento com pesquisas.

Na relação com os professores, Paula evidenciou a característica do ensino superior de maior distanciamento dos professores e comentou acerca do impacto negativo desta interação. De acordo com ela, no ensino médio, ela era amiga dos professores, conhecia todos, enquanto na universidade é cada um por si.

*Então, aqui é bem diferente. Eu levei um choque quando cheguei à faculdade, porque os professores são diferentes. Chegou a hora de crescer, de andar sozinho. Então, os professores estão ali apenas para te dar uma orientação. Eles não estão te ensinando. Eles não estão querendo... Lógico que tem as exceções. Mas, a maioria, chega, dá uns minutos de aula, vai embora e acabou. (Paula, 22 anos, acadêmica de direito)*

Na perspectiva de Paula, a obtenção do conhecimento na universidade, de certa maneira, depende muito do aluno, porquanto o professor faz o papel dele, que é orientar, e o aluno igualmente faz a sua parte, que é estudar. Paula contou que sempre frequenta a biblioteca, mas prefere estudar em casa.

Luciana explicou que, em sua casa, os estudos sempre foram uma prioridade. Jamais passou por sua mente a possibilidade de não fazer faculdade:

*Ainda que eu não passasse na pública, eu poderia estar fazendo uma particular. Eu nunca pensei na possibilidade de não ter isso na minha vida. Eu acho que, se um dia eu falar lá em casa que eu não quero fazer faculdade, desmorona tudo. Sempre fui encaminhada, desde pequena. Quando eu mudei para cá, foi para focar no vestibular. Aí, apenas o curso eu decidi no terceiro ano. Eu queria realmente direito. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Luciana, assim como Victor, mencionou a importância do ensino superior tanto para o que o exercício profissional como também para a vida.

*Tudo o que você estuda, você está... alguma coisa você absorve. Tanto para a vida acadêmica quanto para a profissão, ou para a vida prática. Tudo o que você estuda, tudo o que você lê, todas as aulas que você assiste, que o professor te fala alguma coisa que te marca, te absorve para a vida toda. Esse conhecimento vai ser aplicado, de alguma forma, no seu futuro, no seu presente. Vai ser relevante. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Até mesmo quando argumentou sobre os seus objetivos a respeito de sua formação no ensino superior, Luciana apontou não apenas o conhecimento para o trabalho, mas a oportunidade de se posicionar criticamente em relação aos fatos e de ser sujeito, reconhecendo seu potencial para mudar a história.

*Você deve entender como é regulada a sociedade em que você está inserido. Entender, na vida prática, quais são seus direitos e quais são os seus deveres; como você pode mudar aquilo que você acha que não é certo. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Com relação aos professores, Luciana argumentou que, embora sejam profissionais de destaque na área, falta-lhes conhecimento da prática de ensino e de didática. A jovem considera que tem bom relacionamento com seus professores.

*Eu acho que alguns professores aqui na faculdade deixam a desejar em alguns sentidos. São professores que têm um currículo muito bom, mas, dentro da sala de aula, não sabem transmitir conhecimento. Mas eu nunca tive problema pessoal com nenhum dos professores. Ah, tipo... eu tive a melhor relação possível entre um professor e um aluno. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Uma boa relação com o professor é fundamental para que o aluno tome gosto pela matéria, de acordo com a jovem acadêmica:

*Eu acho que influencia muito o professor ser bom e você começar a gostar da matéria. Assistir as aulas, começar a frequentar mais as aulas, influencia, sim. Uma boa relação com o professor, no meio acadêmico, influencia você a buscar mais, a ter mais intimidade de questionar a aula, de perguntar, de questionar. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Em seu processo de estudo, Luciana sempre frequenta a biblioteca, mas também gosta de ter livros em casa. Também costuma participar de eventos científicos, seminários e congressos.

*Seminários, os professores estão sempre passando. Evento científico de direito eu não posso falar que tem tanto. Tem mais palestras. (Luciana, 23 anos, acadêmica de direito)*

Quando tem dificuldades de aprendizagem, a jovem recorre primeiramente aos professores, porque, segundo ela, eles são os mais aptos para tirar as dúvidas, para responder as questões.

Adriana, assim como Luciana, questionou a atuação didática dos professores, argumentando que eles são um pouco fracos e que alguns não são comprometidos:

*Então, eu senti um baque, porque eu esperava outra coisa da faculdade, ainda mais federal. Porque eu estava acostumada com o ensino médio, em que os professores são dedicados. Na faculdade não é assim. Tem professor que, apesar de estar na sala de aula, não sabe transmitir conhecimento ou, então, faz pouco caso, sabe? E também não tem a pressão. É muito boa para treinar sua dependência. Não tem aquela pressão do ensino médio e eu senti falta, porque eu funciono sob pressão. Então, eu estava meio relaxada no ano passado. Eu não estudava tanto. Deixava para estudar um dia antes da prova. Aí, acumulava aquele tanto de matéria. Minhas notas caíram. Mas, esse ano eu melhorei. Corri atrás! Até*

*mesmo porque meus colegas me incentivaram a isso. Porque você percebe que aqui todo mundo estuda, porque é federal. E eu me senti estimulada a correr atrás para tentar acompanhar a minha turma. (Adriana, 22 anos, acadêmica de direito)*

Para a jovem, a universidade exige que o aluno tenha um programa mais autônomo de estudos, o que, de acordo com ela, é muito diferente do ensino médio. Entretanto, em sua fala, Adriana não pareceu perceber que o modelo de ensino em que o professor informa e o aluno reproduz possui um aspecto negativo, pois é pouco reflexivo e não estimulante para o aluno. Quando argumentou que “funciona sob pressão”, evidenciou sua postura desestimulada pelo conhecimento no ensino médio e uma motivação focada para o desempenho (obtenção da nota) e não para o conhecimento em si. Esse fato pode ser representativo da realidade de muitos jovens que estão atualmente se preparando para o vestibular, porquanto as escolas ensinam os conteúdos para passar no vestibular e a aprendizagem perde o sentido, de forma que o conhecimento fica vinculado apenas às possibilidades de aumentar as oportunidades, como obter melhores salários, acesso ao mercado de trabalho, status social, entre outras.

O relato de Adriana evidenciou a importância de outras mediações na universidade, como a dos colegas, que a incentivaram a se esforçar mais nos estudos, uma vez que o grupo se constituía pelos objetivos comuns de obter maior conhecimento e, para isto, estudava muito.

Ao abordar a sua relação com os professores, a estudante relatou que sempre teve um relacionamento mais distante com eles. Conforme a jovem, nunca foi daquele tipo de aluna que tenta conversar com o professor a todo momento, mas sempre que precisa, recorre a eles, que são disponíveis e acessíveis aos alunos.

*Mas, os professores são abertos e dão essa possibilidade para conversar com eles. Eles passam e-mail para poder tirar alguma dúvida. Eles conversam, sabe? Não tem aquela distância. (Adriana, 22 anos, acadêmica de direito)*

Com relação às atividades além do currículo do curso, Adriana relatou que há pouco tempo começou a participar de um grupo de estudo que analisa filmes e os relaciona com o ordenamento jurídico. A atividade é interessante, de acordo com ela, porquanto as aulas ficam muito nas teorias e, com o grupo de estudos, é possível compreender o ordenamento jurídico de forma mais prática.

Os objetivos de Joyce a respeito da aquisição do conhecimento acadêmico ficaram bastante claros nesta fala:

*Em primeiro lugar, trabalho. Em segundo lugar, porque meu curso exige que eu continue adquirindo conhecimento. Então, eu tenho que continuar a estudar. Quero dar sentido às minhas experiências e (re)significá-las no futuro. E eu acho que academicamente também.* (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)

Ao avaliar seu desempenho nesse processo de busca de conhecimentos, Joyce relatou que se esforça muito. Em algumas disciplinas, tem mais dificuldade do que em outras, mas se esforça bastante e, geralmente, tem desempenho bom, muito bom em algumas e mediano em outras. Ela argumentou que tem mais afinidade com algumas disciplinas do que com outras.

Com relação às demais atividades que a academia proporciona, Joyce salientou que participa de um grupo de estudos na faculdade denominado liga acadêmica, que se reúne para fazer estudos temáticos. Ela pertence à liga de epilepsia. Em seu relato, a jovem deixou claro o reconhecimento de que seu envolvimento nas atividades extracurriculares poderia ser maior. Ela admitiu participar muito pouco de pesquisa científica, argumentando não gostar de ter muitas atividades simultâneas. Afirmou, também, que sua relação com os colegas normalmente é muito boa, de forma que o ambiente da universidade proporciona a ela uma interação social rica:

*Tenho amigos desde o início da faculdade. Meu namorado é da faculdade e namoramos desde o segundo ano de faculdade. Então, meu relacionamento com os colegas é muito bom.* (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)

Joyce também ressaltou a importância da interação social colaborativa na universidade, argumentando que ambientes da área da saúde requerem cooperação.

*Porque isso não faz sentido. Me sinto mal em um ambiente competitivo. Eu acho que a gente tem de se ajudar, principalmente em medicina. Principalmente na área da saúde, a gente tem de se agrupar. Por isso, tudo é multidisciplinar. Eu acho que é isso!* (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)

Embora a relação com os professores seja, em geral, muito boa, Joyce revelou que se identifica mais com alguns em função da didática e do conhecimento prático.



*Com certeza, alguns são mais próximos e você vê que, após tanto tempo, valeu a pena, porque eles sabem muito. Eles sabem ensinar e eles sabem passar o que é importante para a gente, tanto de conduta quanto de conhecimento. (Joyce, 24 anos, acadêmica de medicina)*

Com relação à utilização do espaço da universidade pela jovem, Joyce afirmou que gosta tanto de estudar em casa quanto na biblioteca, pois, para ela, ambos os ambientes são favoráveis ao estudo. Também afirmou que costuma participar de eventos científicos, como seminários e congressos.

Quando sente dificuldade na execução das atividades acadêmicas, recorre inicialmente aos professores e amigos da faculdade, que têm a noção de como funciona a situação que enfrenta de dificuldade, depois ao namorado e à mãe.

Pelos relatos apresentados, destaca-se que o espaço da universidade proporciona um tipo de formação acadêmica aos estudantes em que os jovens apreendem o conhecimento, principalmente, pela mediação dos professores. De maneira complementar, isso também pode ocorrer pela mediação dos colegas, que têm o diferencial de pertencer a um grupo com objetivos semelhantes e cujas exigências acadêmicas são as mesmas.

Destaca-se que alguns dos jovens participantes deste estudo evidenciaram que reconhecem a formação universitária como produtora de um conhecimento maior do que o preparatório para o trabalho, incluindo também o conhecimento para a vida, para o exercício de uma atividade profissional mais crítica e não meramente reprodutora de práticas ou técnicas, aí ressaltando o diferencial de cada aluno.

Este estudo evidenciou que ocorre uma grande transformação com o jovem quando sai do ensino médio, que algumas vezes é meramente preparatório para o vestibular, e entra na universidade. Adicionalmente, ainda demonstrou que as mediações construídas na universidade são diferentes das outras fases escolares, pois o aluno tem a oportunidade de exercer sua autonomia e maiores possibilidades de escolhas sobre as atividades extracurriculares.

Embora algumas vezes essas mudanças tenham sido impactantes para o aluno e produzido alguma insatisfação inicial, ficou claro que os jovens participantes desta pesquisa são protagonistas na produção de seu conhecimento. Inseriram-se na universidade por serem alunos que aproveitam as oportunidades e, apesar da especificidade de cada um, vivenciam a academia em suas diversas nuances, como

salas de aula, atividades de extensão, grupos de estudo, congressos, seminários e até mesmo lazer, tendo os professores como principais mediadores deste processo.

Nessa perspectiva, embora devam ser feitos alguns destaques com relação à trajetória escolar de cada participante, como o impacto negativo da pressão psicológica para o aluno, a necessidade de garantir a todas as crianças e adolescentes o respeito à sua subjetividade e aos direitos humanos, os sujeitos deste estudo compreendem o seu papel social como alguém que, pelo conhecimento, deve colaborar com a transformação da sociedade. Se reconhecem como sujeitos produtores de cultura, constituídos e constituintes do conhecimento, que possuem capacidades plenas para dar sentido às suas experiências e (re)significá-las em seu futuro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi realizado com 12 jovens estudantes de classe média e média alta de 18 a 24 anos, dos cursos de medicina e direito da UFG, residentes em Goiânia. Esta tese permitiu apreender os sentidos e os significados atribuídos por esses estudantes à sua formação universitária.

Esta pesquisa foi desenvolvida com base na psicologia sócio-histórica, que compreende o sujeito contextualizado em uma dada sociedade e em um determinado período histórico (AGUIAR; OZELLA, 2006).

A pesquisa empírica foi realizada por meio de questionários, entrevistas e grupos focais. Todo esse material foi sistematizado e analisado à luz da psicologia socio-histórica. Buscaram-se os sentidos e os significados que os participantes atribuem à sua formação acadêmica, partindo-se da compreensão de que a subjetividade é construída e constituída cotidianamente por meio das relações sociais.

Neste estudo, a juventude é vista sob o enfoque da psicologia sócio-histórica, que significa o homem em processo por sua relação/interação indivíduo–sociedade, ou seja, em sua relação social (VYGOTSKY, 1996). Nessa perspectiva, ao internalizar os significados culturais-coletivos, o sujeito configura sua subjetividade (GONZÁLEZ REY, 1997). A partir dessa visão de homem, procurou-se discutir a juventude como fenômeno histórico que se constitui como significado na cultura e na linguagem presentes nos diferentes segmentos sociais.

Na primeira parte desta tese, apresentam-se os resultados da pesquisa realizada com os jovens universitários, dando-se ênfase às dimensões socioeconômicas familiares e aos cenários culturais. Dessa maneira, foi possível produzir a contextualização das famílias dos sujeitos pesquisados, identificar o perfil dos jovens, compreender seu percurso acadêmico e ter acesso à sua vida universitária e às suas dimensões subjetivas.

Sendo assim, alguns dados possibilitaram traçar o perfil dos estudantes universitários e de suas famílias de origem. Como se tratam de jovens que estão matriculados nos cursos de direito e medicina, temos um recorte de classe bem explícito, visto que as famílias possuem casas próprias (medicina 85,9% e direito

83,5%), renda familiar diferenciada (19,3% das famílias dos acadêmicos de medicina e 21,2% das famílias dos acadêmicos de direito possuem renda de mais de 20 salários mínimos mensais), exercem profissões liberais ou públicas de destaque social (16% dos pais dos estudantes de medicina são médicos e 18,7% das mães, funcionárias públicas, enquanto no curso de direito 13,2% dos pais são advogados e 19,4% das mães, funcionárias públicas), a maioria dos pais trabalha. Quanto a escolarização, 63,6% dos pais e 74,4% das mães dos estudantes de medicina e 50% dos pais e 49,7% das mães dos estudantes de direito possuem o curso superior. Percebe-se, por esses dados, que os indicadores de escolarização dos pais dos estudantes de medicina são um pouco superiores aos dos pais dos estudantes de direito.

Os estudantes pesquisados estão, majoritariamente, na faixa etária de 18 a 25 anos (93,5% dos estudantes de medicina e 86,9% de direito). Entre os estudantes de medicina pesquisados, 50,9% são do sexo masculino e 49,1% são do sexo feminino, ao passo que 64,3% dos estudantes de direito são do sexo feminino e 35,7% do sexo masculino. De forma geral, percebe-se forte presença de mulheres se formando em profissões até bem pouco tempo caracterizadas como masculinas. Certamente, essa mudança produzirá alterações expressivas nesses campos profissionais.

Com relação ao estado civil: 100% dos estudantes de medicina são solteiros, ao passo que, no curso de direito, 92% são solteiros, 4,5% são casados e 2,3% são separados. Quanto à realização de trabalho remunerado, 7,7% dos estudantes de medicina afirmam que trabalham enquanto 51,5% dos estudantes de direito dizem trabalhar. Nesses quesitos, observam-se diferenciações entre os dois grupos: os estudantes de medicina são mais novos, solteiros e não trabalham, enquanto 4,5% os estudantes do curso de direito são casados ou tiveram uma experiência de casamento e mais da metade trabalha.

Dada a concorrência no vestibular para entrar nesses dois cursos, 9,9% dos estudantes de medicina frequentaram pelo menos um semestre de cursinho, 33% frequentaram um ano e 57,1%, mais de um ano. Entre os estudantes de direito, 9,9% frequentaram menos um semestre de cursinho, 66,7% frequentaram um ano e 23,5%, mais de um ano.

Entre os motivos da escolha dos respectivos cursos, 66,5% dos estudantes de medicina afirmaram ter afinidade com o curso, 28,3% escolheram o curso em função do mercado de trabalho e 5,2% apontaram a facilidade de passar no vestibular; já em relação aos estudantes de direito, 59,2% afirmaram que têm afinidade com o curso, 40,2% têm a expectativa de obter emprego melhor e 0,6% apontaram a facilidade de passar no vestibular.

A segunda parte da tese contempla a discussão referente aos significados atribuídos à sociedade e à família, caracterizada por eles como espaços de poder e mediação do conhecimento. Também oportuniza a apresentação das particularidades dos sentidos que os jovens pesquisados atribuem às suas respectivas famílias.

O material empírico possibilitou identificar que, em decorrência das cobranças e imposições feitas pelas famílias com relação ao sucesso na escolarização, os jovens se sentem na obrigação de responder a estas expectativas familiares. Os jovens desejam a autonomia (mundo adulto), mas querem e ainda necessitam de proteção e cuidados dos pais, para que possam construir as suas carreiras profissionais. O apoio familiar apresenta um conjunto complexo das relações entre seus membros, com atritos e brigas; contudo, também há afeto, solidariedade e amor. De acordo com Hartmann (1981), a família é dual e contraditória, uma vez que, ao mesmo tempo em que nela existe o conflito, há também interdependência e unidade entre seus membros, que buscam preservar este espaço de relativa autonomia e decisão.

A afetividade também foi uma importante mediação, demonstrando que, na relação entre a família, a cooperação, o companheirismo e a amizade são dimensões relacionais/afetivas relevantes para a construção do conhecimento que eles atribuem à formação de sua subjetividade.

As mães ocupam lugar de destaque na vida dos filhos e na formação de suas subjetividades. Igualmente, os filhos demonstraram que têm maior proximidade afetiva com elas, diferentemente do relacionamento que mantêm com os pais, que foram mencionados como mais distantes e menos participativos.

Em relação aos sentidos e significados que os jovens pesquisados atribuem à família, notou-se que há, entre os membros da família, união, cooperação,

corresponsabilidade, amor e afeto. Também se observou, pelas falas dos jovens, que eles mostram reconhecimento pelo que seus pais já fizeram e ainda fazem por eles, considerando a família uma importante referência.

Na terceira parte, são apresentados o percurso acadêmico e a importância do conhecimento atribuído pelos sujeitos à sua formação. Os jovens relataram sua trajetória acadêmica desde a educação infantil até a realização dos respectivos cursos.

A importância desses conhecimentos foi significada pelos sujeitos de diferentes modos, o que demonstra que as mediações construídas na universidade são diferentes das outras fases escolares, pois o aluno tem a oportunidade de exercer sua autonomia e maior possibilidade de escolhas das atividades extracurriculares. Ademais, busca o conhecimento pela responsabilidade de ter uma carreira profissional.

Observou-se que, para eles, a trajetória acadêmica é marcada por responsabilidades, cobranças e obrigações, pois estão exatamente em um tempo de preparação para seus projetos futuros, vinculado a um momento de crescimento e de novas obrigações. Buscam a liberdade, associando-a à aquisição de um futuro.

Na tentativa de síntese, é possível identificar as seguintes contribuições que este estudo produz:

- Contribui para o campo dos estudos sobre juventude, visto que pesquisas sobre jovens universitários não são muito usuais e, menos ainda, sobre jovens universitários. Sendo assim, esta pesquisa soma-se a outras realizadas com esses sujeitos sociais;
- Contribui para a ampliação dos estudos sobre juventude à luz da psicologia socio-histórica;
- Demarca a compreensão dos sujeitos pesquisados como sujeitos socio-históricos que, ao mesmo tempo, expressam as suas singularidades e representam tantos outros jovens “iguais” no lugar social e nos significados produzidos sobre escolarização, família, escola, conhecimento;

- Desvela a família significada como instituição central em seus processos de socialização, pois possibilita aos jovens condições socioeconômicas e também emocionais para a sua preparação para o ingresso e permanência na universidade;

- Apresenta o estudo significado como importante no contexto familiar, uma vez que foi valorizado em todo o processo de socialização desses jovens (da educação infantil até o ensino superior).

O ingresso na universidade produz grande transformação no jovem que sai do ensino médio, o qual, algumas vezes é meramente preparatório para o vestibular. Nessa perspectiva, apesar de alguns destaques que devem ser feitos com relação à trajetória escolar de cada participante, como o impacto negativo da pressão psicológica para o aluno, os sujeitos deste estudo compreendem o seu papel social como alguém que, pelo conhecimento, deve colaborar com a transformação da sociedade, se reconhecem como sujeitos produtores de cultura, constituídos e constituintes do conhecimento, que possuem capacidades plenas para dar sentido à sua formação.

A importância que estes jovens atribuem às suas experiências formativas no ensino superior nos faz pensar na necessidade de inclusão social dos jovens brasileiros no ensino superior. Hoje, somente 17% dos jovens de 18 a 24 anos estão matriculados no ensino superior, ou seja, 83% estão impedidos de ter acesso a esta experiência formativa e de vida, pois não têm condições financeiras e nem oportunidades de entrar em uma universidade pública, tendo de ajudar na composição da renda familiar.

Os jovens também dão bastante destaque às experiências que tiveram com o “bom” professor e como essas experiências foram decisivas em seus processos formativos. O bom professor é caracterizado como aquele que é afetivo, carinhoso, possui conhecimento e, por isto, sabe explicar e também é alegre, amável e tranquilo.

Entretanto, as escolas, como instituição, não são caracterizadas com os aspectos positivos acima mencionados. Elas são apresentadas como autoritárias, repressivas, exercendo pressão psicológica sobre os alunos, constringendo-os e não lhes dando espaço para expressão.

Nesta tese, foram estudados jovens individuais, concretos e únicos, mas que revelam a universalidade contida em cada um. Também é relevante enfatizar que não houve a intenção de esgotar a temática da juventude como fenômeno social de alta complexidade. Pretendeu-se levantar algumas questões para o debate sobre a juventude na perspectiva teórica adotada, reforçando-se que a juventude não foi o objeto central de investigação, mas sim os sentidos e os significados que os jovens atribuem à sua formação acadêmica universitária.

Espera-se que esta pesquisa tenha contribuído para melhor refletir sobre os jovens, acerca do conhecimento atribuído por eles à sua formação universitária, de modo a destacar uma juventude que tem compromisso e responsabilidade com a sociedade e esperança de um futuro promissor, bem como para ampliar os estudos sobre juventude na perspectiva da psicologia sócio-histórica. Também se deseja que este trabalho possa estimular outros pesquisadores a se interessar por esta temática.



## REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97–125, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v38n133/a05v38n133.pdf>>. Acesso em: 18 set. 2011.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 26, n. 2, p. 222–245, 2006. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S1414-98932006000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1414-98932006000200006&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt)>. Acesso em: 20 maio 2011.

ALVES, C. P. **Quem sou eu?** O processo de identidade de uma jovem adolescente. 1990. 126 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social)—Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1990.

ANDRADE, V. N. G. **O lugar do pai nas famílias de camadas populares**. Projeto de pesquisa (Iniciação científica)—Departamento de Psicologia Núcleo da Infância, Adolescência e Família, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2008. Trabalho não publicado.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

ASSIS, S. G. **Traçando caminhos em uma sociedade violenta**: a vida de jovens infratores e de seus irmãos não-infratores. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 1999.

BERGER, P.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução Floriano de Souza Fernandes. 23 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOCK, A. M. B. **Aventuras do Barão de Münchhausen na psicologia**. São Paulo: EDUC, 1999.

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. **Psicologia sócio-histórica**: uma perspectiva crítica em psicologia. São Paulo: Cortez, 2001.

BOCK, A. M. B.; LIEBESNY, B. Quem eu quero ser quando crescer: um estudo sobre o projeto de vida de jovens em São Paulo. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas**: a visão da psicologia sócio-histórica. São Paulo: Cortez, 2003. p. 203–222.

BRASIL. Emenda Constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 14 jul. 2010. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/emendas/emc/emc65.htm)>. Acesso em: 3 abr. 2012.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 20 dez. 1996.

Disponível em:

<<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2012.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB 17/2001 – HOMOLOGADO. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 17 ago. 2001. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017\\_2001.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB017_2001.pdf)>. Acesso em: 3 abr. 2012.

BUENO, F. S. **Dicionário escolar da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: FAE, 1996.

CARLINI-COTRIM, B. Potencialidades da técnica qualitativa grupo focal em investigações sobre abuso de substâncias. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 285–293, 1996.

CHARLOT, B. **Da relação com o saber**: elementos para uma teoria. Tradução Bruno Magne. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, B. **Relação com o saber, formação de professores e globalização**: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CHAUÍ, M. S. **Cultura e democracia**: o discurso competente e outras falas. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, SP, n. 24, p. 40–52, 2003.

DRANKA, R. A. P. Linguagem como mediação entre a vontade do eu e do outro. **Linguagem em (Dis)curso**, Palhoça, v. 1, n. 2, 2001. Disponível em: <<http://www3.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/0102/05.htm>>. Acesso em: 12 dez. 2011.

ESTEVES, L. C. G.; ABRAMOVAY, M. Juventude, juventudes: pelos outros e por elas mesmas. In: ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. (Org.). **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007. p. 19–54.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 21–39, 2002.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, M W.; GASKELL, G (Org.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Tradução Pedrinho A. Guareschi. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 64–89.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

- GONÇALVES, M. G. M. Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 41–62.
- GONÇALVES, M. G. M. O método de pesquisa materialista histórico e dialético. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F. (Org.). **Método histórico-social na psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 86–104.
- GONZÁLEZ REY, F. **Epistemología cualitativa y subjetividad**. São Paulo: EDUC, 1997.
- GUARESCHI, P. A. Pressupostos psicossociais da exclusão: competitividade e culpabilização. In: SAWAIA, B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis: Vozes, 1999. p. 141–156.
- HARTMANN, H. I. The family as the locus of gender, class, and political struggle: the example of housework. **Signs**, Chicago, v. 6, n. 3, p. 366–394, 1981.
- HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Tradução Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 7. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2004.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. W. **Temas básicos da sociologia**. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix/EUSP, 1973.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo 2010**. Rio de Janeiro, 2010a. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/censo2010/>>. Acesso em: 29 dez. 2010.
- IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades@**. Goiás. Goiânia. Histórico. Rio de Janeiro, 2010b. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 17 set. 2010.
- KAHHALE, E. M. S. P. Gravidez na adolescência: orientação materna no pré-natal. In: OZELLA, S. (Org.) **Adolescências construídas: a visão da psicologia sóciohistórica**. São Paulo: Cortez, 2003. v. 1. p. 91–104.
- KLIKSBERG, B. O contexto da juventude na América Latina e no Caribe: as grandes interrogações. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, nº 5, p. 909–942, 2006.
- LANE, S. T. M. A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. In: LANE, S. T.; SAWAIA, B. B. (Org.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, Educ, 1995. p. 55–63.
- LEÓN, O. D. Biografías y trayectorias juveniles. **Última Década**, Viña del Mar, no. 17, p. 97–116, 2002. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/195/19501704.pdf>>. Acesso em: 11 nov. 2011.
- LEÓN, O. D. Uma revisão das categorias de adolescência e juventude. In: In: GUIMARÃES, M. T. C.; SOUSA, S. M. G. (Org.). **Juventude e contemporaneidade: desafios e perspectivas**. Brasília, DF: Secretaria Especial dos Direitos Humanos;

Goiânia: Editora da Universidade Federal de Goiás, Cãnone Editorial, 2009. p. 47–76.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986. (Coleção Temas Básicos de Educação de Ensino).

MINAYO, M. C. S.; SOUZA, E. R.; CONSTANTINO, P.; SANTOS, N. C. Métodos, técnicas e relações de triangulação. In: MINAYO, M. C. S.; ASSIS, S. G.; SOUZA, E. R. (Org.). **Avaliação por triangulação de métodos**: abordagem de programas sociais. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2005. p. 71–103.

MORGAN, D. L. **Focus groups as qualitative research**. 2. ed. London: Sage Publications, 1997.

NOGUEIRA, M. A. A construção da excelência escolar: um estudo de trajetórias feito com estudantes universitários provenientes das camadas médias intelectualizadas. In: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Org.). **Família e escola**: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000. p. 125–154.

NOVAES, R. Juventude, percepções e comportamentos: a religião faz diferença? In: ABRAMO, H. W.; BRANCO, P. P. M. (Org.). **Retratos da juventude brasileira**: análises de uma pesquisa nacional. São Paulo: Instituto Cidadania; Fundação Perseu Abramo, 2005. p. 263–290.

OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A. A.; SILVA, N. R.; MARTINS, S. T. F. **Método histórico-social na psicologia social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005. p. 25–51.

ORSI, M. J. S. Família: reflexos da contemporaneidade na aprendizagem escolar. In: ENCONTRO PARANAENSE DE PSICOPEDAGOGIA, 1., ENCONTRO DE PSICOPEDAGOGIA DE MARINGÁ, 2., 2003, Maringá. **Anais...** Maringá: Associação Brasileira de Psicopedagogia, 2003. p. 67–74. Disponível em: <<http://www.abpp.com.br/abppprnorte/pdf/a08Orsi03.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2011.

PERALVA, A. O jovem como modelo cultural. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n. 5/6, p. 15–24, 1997.

PERES, V. L. A. Desenhos de família. In: SOUSA, S. M. G.; RIZZINI, I. (Coord.). **Desenhos de família**: criando os filhos: a família goianiense e os elos parentais. Goiânia: Cãnone Editorial, 2001. p. 73–93.

PERES, V. L. A. **Famílias de crianças em situação de rua**: modos de vida, relacionamento familiar e práticas educativas. 1997. 171 f. Dissertação (Mestrado em Educação Escolar Brasileira)—Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

PERES, V. L. A.; SOUSA, S. M. G. Famílias de camadas populares: um lugar legítimo para a educação/formação dos filhos. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 7, p. 63–74, 2002.

- POSTER, M. **Teoria crítica da família**. Tradução Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- QUEIROZ, E. M. O. **Mediação familiar em processo na constituição de jovens**. 2008. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2008.
- REGO, T. C. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.
- ROSA, E. Z. Da rua para a cidadania: a construção de sentidos na construção da travessia. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 167–200.
- SAWAIA, B. Introdução: exclusão ou inclusão perversa. In: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão: análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 7–13.
- TEIXEIRA, L. C. Sentido subjetivo da exploração sexual para uma adolescente prostituída. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 105–136.
- VYGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem**. 2. ed. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- VYGOTSKI, L. S. **Obras escogidas: problemas del desarrollo**. Tomo III. Tradução Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1995.
- VYGOTSKY, L. S. **Obras escogidas: psicología infantil**. Tomo IV. Tradução Lydia Kuper. Madrid: Visor, 1996.
- VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução Jefferson Luis Camargo. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- VYGOTSKY, L. S. **Psicologia da arte**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. Vygotsky: manuscrito de 1929. **Educação e Sociedade**, Campinas, SP, v. 21, n. 71, p. 21–44, 2000.

## **APÊNDICES**

## **Apêndice A. Termo de consentimento livre e esclarecido**

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Você está sendo convidado/a para participar, como voluntário/a, em uma pesquisa do curso de pós-graduação em Psicologia Social da Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás), em nível de doutorado, pela qual se pretende analisar os sentidos e os significados da vida acadêmica universitária. Todas as suas respostas serão confidenciais e não poderão ser utilizadas contra ou a seu favor.

Meu nome é **Ivoni de Souza Fernandes**, sou a pesquisadora responsável e minha área de atuação é Psicologia Social. Após ler com atenção este documento e ficar devidamente esclarecido/a sobre as informações a seguir, caso aceite fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é da pesquisadora responsável. Em caso de dúvida sobre o estudo, você poderá entrar em contato com a orientadora da pesquisa, Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa, pelos telefones (62) 9973-3272 e (62) 3946-1061. Em caso de dúvida sobre os seus direitos como participante desta pesquisa, você poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, pelos telefones: (62) 3269-8338 e (62) 3269-8426.

#### **INFORMAÇÕES IMPORTANTES QUE VOCÊ PRECISA TER SOBRE A PESQUISA:**

**Título da pesquisa:** Sentidos e significados que estudantes de medicina e direito atribuem à sua formação acadêmica universitária.

**Pesquisadora responsável:** Ivoni de Souza Fernandes, Mestre, Professora universitária. Telefones para contato: (62) 8162-5406 e (62) 3223-8105.

**Objetivos da pesquisa:** Investigar, compreender e revelar os sentidos e os significados produzidos pelos estudantes dos cursos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás (UFG) acerca de sua formação acadêmica e a implicação da formação acadêmica neste processo.

**Detalhamento dos procedimentos:** A metodologia usada nesta pesquisa observará atentamente as orientações quanto aos aspectos éticos em pesquisa com jovens, como o termo de consentimento livre e esclarecido e o consentimento da participação da pessoa como sujeito, de acordo com a resolução nº 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Esta pesquisa contará com a aplicação de um questionário dentro de sala de aula, com todos os alunos que foram aprovados em 2005, 2006 e 2007, para que a pesquisadora possa selecionar seis sujeitos de cada um dos cursos escolhidos, para dar prosseguimento à pesquisa com as entrevistas e os grupos focais. Tudo dependerá de suas respostas. Por isso, contamos com sua colaboração e com a veracidade de suas respostas. É importante ressaltar que todas as entrevistas serão gravadas e transcritas para análise.

**Forma de acompanhamento:** Faz-se importante ressaltar que durante todos os procedimentos aplicados na pesquisa, a realização deste estudo estará a cargo da pesquisadora responsável, Ivoni de Souza Fernandes, sob a orientação da Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa.

**Especificação dos riscos, prejuízos, desconforto, lesões que podem ser provocados pela pesquisa:** Avaliação do risco da pesquisa (probabilidade de que o indivíduo sofra algum dano como consequência imediata ou tardia do estudo):

- ( ) Sem risco      ( X ) risco mínimo      ( ) risco médio  
( ) risco baixo      ( ) risco alto

Sua participação não lhe trará nenhum risco em termos jurídicos ou médicos. Entretanto, existe a previsão de riscos mínimos, como, por exemplo, um pequeno constrangimento em relação a determinadas perguntas. Caso se sinta desconfortável durante a sua participação, você pode interrompê-la sem quaisquer prejuízos. Você tem todo o direito de pleitear indenização em caso de danos decorrentes de sua participação na pesquisa, bem como de ressarcimento de despesas pela sua participação. A sua participação é voluntária. Lembre-se que, durante e depois da pesquisa, não haverá nenhum tipo de pagamento ou gratificação financeira por sua participação.



**Descrição dos benefícios decorrentes da participação na pesquisa:**

- Sua participação neste estudo é de muita utilidade, pois possibilitará conhecer um pouco mais sobre os sentidos e os significados que você, estudante universitário/a, atribui à sua formação acadêmica com relação ao saber, bem como acerca da implicação da sua formação acadêmica neste processo;

- Colaborar para a ampliação de estudos da juventude em relação ao saber acadêmico de acordo com a perspectiva da teoria sócio-histórica de Vygotsky;

- Apreender as trajetórias de vida pessoal para um desenvolvimento eficaz e o quanto o jovem é importante para ele, para a família e para a sociedade.

**As intervenções** não alterarão o objeto pesquisado, pelo uso de métodos alternativos existentes, que é demonstrar a verdade com prudência, disciplina e direção, que é o meio mais eficaz para atingir a meta da pesquisa e demonstrar a verdade.

**Esclarecimento sobre o período de participação e término:** O período de sua participação na pesquisa será de, no máximo, três encontros previamente marcados e informados, provavelmente entre junho e agosto de 2009.

**Garantia de sigilo:** Todas as suas respostas serão confidenciais. Ressalta-se que você terá a garantia de sigilo e seu nome não será vinculado às informações prestadas.

**Apresentar a garantia expressa de liberdade de não aceitação:** Você terá o direito de retirar seu consentimento a qualquer tempo, sem qualquer prejuízo da continuidade do acompanhamento/tratamento usual, interrompendo, assim, sua participação, caso não queira mais participar da pesquisa.

**Garantia dos dados coletados:** Todas as suas respostas coletadas serão utilizadas apenas para esta pesquisa e não serão armazenadas para estudos futuros. Ademais, são confidenciais e não poderão ser utilizadas contra ou a seu favor.

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Nome da pesquisadora: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

**CONSENTIMENTO DA PARTICIPAÇÃO DA PESSOA COMO SUJEITO DA  
PESQUISA**

Eu, \_\_\_\_\_,

RG \_\_\_\_\_, CPF \_\_\_\_\_,

com o número de matrícula \_\_\_\_\_, abaixo assinado/a, concordo em participar, como sujeito voluntário, do estudo intitulado “Sentidos e significados que estudantes de medicina e direito atribuem à sua formação acadêmica universitária”, sob a orientação da Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa. Fui devidamente informado/a e esclarecido/a pela pesquisadora Ivoni de Souza Fernandes sobre a pesquisa, os procedimentos nela envolvidos, assim como os possíveis riscos e benefícios decorrentes de minha participação. Obtive a garantia de que posso retirar este consentimento a qualquer tempo, sem qualquer prejuízo da continuidade do acompanhamento/tratamento usual, interrompendo, assim, minha participação, caso não queira mais participar da pesquisa.

Local: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Nome do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do sujeito ou responsável: \_\_\_\_\_

Nome da pesquisadora: \_\_\_\_\_

Assinatura da pesquisadora: \_\_\_\_\_

Presenciamos a solicitação de consentimento, o fornecimento de esclarecimentos sobre a pesquisa e o aceite do sujeito em dela participar.

**Testemunhas (não ligadas à equipe de pesquisadores):**

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Observações complementares: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

**Apêndice B. Roteiro para o questionário semiestruturado****ROTEIRO DO QUESTIONÁRIO**

**Pesquisadora:** Me. Ivoni de Souza Fernandes

**Instituição:** Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás)

**Local da Pesquisa:** Universidade Federal de Goiás (UFG)

**Finalidade:** Tese de doutorado

**Título da tese:** Sentidos e significados que estudantes de medicina e direito atribuem à sua formação acadêmica universitária

**Orientadora:** Profa. Dra. Sônia Margarida Gomes Sousa

Contato: ivonifernandes@hotmail.com

CARO JOVEM,

Abaixo estão relacionadas algumas frases sobre diversos temas. Gostaríamos de saber sua opinião a respeito delas, com o objetivo de verificar como os jovens, de um modo geral, se posicionam diante de algumas situações. Suas respostas são pessoais e seu anonimato será resguardado.

Pedimos a você que:

- a) Leia atentamente as instruções e cada questão antes de respondê-la;
- b) Responda a todas as questões;
- c) Responda as questões de acordo com seus sentimentos, lembrando que não existem respostas certas ou erradas;
- d) Procure não rasurar suas respostas;
- e) Não comente as frases ou suas respostas com outras pessoas durante a aplicação.

## 1 IDENTIFICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

1.1 nº do questionário ..... Data da aplicação / / 2009

1.2 Nome do aplicador \_\_\_\_\_

## 2 IDENTIFICAÇÃO DO/A ENTREVISTADO/A

2.1 Nome: \_\_\_\_\_

2.2 Data de nascimento: / / Idade \_\_\_\_\_ IDADE | | | |

2.3 Sexo: (1) masculino (2) feminino SEXO | |

2.4 Cor: (1) Branco (2) Preto (3) Pardo (4) Índio (5) Amarelo COR | |

2.5 Curso: \_\_\_\_\_ Série que cursa: \_\_\_\_\_ Turno: \_\_\_\_\_

2.6 Endereço para contato: \_\_\_\_\_

Bairro: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_

Telefones: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

2.7 Estado civil: ESTACIVIL | |

(1) Solteiro/a (2) Casado/a (3) Separado/a/divorciado/a

(4) União estável (5) Outro

2.8 Tem filhos (1) sim (2) não TEMFILHO | |

**(caso a resposta seja SIM)**

Quantos: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ sexo: \_\_\_\_\_

2.9 Com quem seu/ua filho/a mora atualmente? \_\_\_\_\_

Naturalidade: Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_

- 2.10** Há quanto tempo? TEMPMOR   
 (1) menos de 1 ano (2) de 1 a 2 anos (3) mais de 10 anos  
 (4) de 2 a 5 anos (5) de 5 a 10 anos (6) não se aplica
- 2.11** Nacionalidade NASCIO   
 (1) Brasileira (2) Outra. Qual? \_\_\_\_\_
- 2.12** Com quem você mora? MORA   
 (1) sozinho/a (2) com pais/padrasto (3) apenas com a mãe (4) apenas com o pai  
 (5) com esposa ou marido (6) com filhos (7) com outros parentes  
 (8) com amigos (9) com colegas estudantes  
 (10) com outros. Quem? \_\_\_\_\_
- 2.13** Que modalidade de ensino médio você concluiu? ENSMEDIO   
 (1) técnico (magistério, agrícola, contabilidade, etc.)  
 (2) seriado (3 anos)  
 (3) supletivo
- 2.14** Quando você concluiu o ensino médio? CONCLUMED   
 (1) 2007 (2) 2006 (3) 2005 (4) 2004 (5) 2003 (6) entre 1995 e 2002
- 2.15** Você fez cursinho pré-vestibular? CURSPREVEST   
 (1) não (2) sim, menos de um semestre  
 (3) sim, mais de um ano (4) sim, um ano
- 2.16** Quantas vezes você prestou vestibular? PRESTVEST   
 (1) uma vez (2) duas vezes (3) três vezes (4) quatro vezes ou mais
- 2.17** O que levou você a escolher seu curso? ESCOLCUR   
 (1) afinidade (2) expectativa de emprego (3) facilidade de passar
- 2.18** Qual o ano escolar que você cursa na universidade? ANOESC   
 (1) quinto (2) quarto (3) terceiro (4) segundo (5) primeiro

**2.19** Você está satisfeito com seu curso? SATICURSO

(1) sim (2) mais ou menos (3) não (4) às vezes

**2.20** No decorrer do curso, sempre acontece aprendizagem significativa? APSIG

(1) sim (2) mais ou menos (3) não (4) às vezes

**2.21** O curso que você faz tem sentido na sua vida? SENTVID

(1) sim (2) mais ou menos (3) não (4) às vezes

**2.22** Como tem sido a sua apreensão do conteúdo teórico do seu curso?

COMPRELHUM

(1) muito boa (2) boa (3) razoável (4) ruim

**2.23** As aulas são interessantes e os/as professores/as criam situações de aprendizagem do saber intelectual, possibilitando uma visão ampla e crítica a sociedade? POSVISCRIT

(1) sim (2) mais ou menos (3) não (4) às vezes

### 3 DADOS SOBRE A FAMÍLIA

**3.1** Pai: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

**3.2** Mãe: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_ Escolaridade: \_\_\_\_\_ Profissão: \_\_\_\_\_

**3.3** Pais PAIS I  I

(1) pais casados (2) pais separados (3) pai recasado (4) pai viúvo

(5) mãe recasada (6) mãe viúva (7) mãe solteira (8) pai solteiro

**3.4** Irmãos:

Quantos: \_\_\_\_\_ Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_ Estado Civil: \_\_\_\_\_

**3.5 Renda familiar aproximada** (valor de referência salário mínimo vigente de R\$ 465,00). RENDFAM I\_I

- (1) 1 a 5 salários mínimos
- (2) 6 a 10 salários mínimos
- (3) 11 a 15 salários mínimos
- (4) 16 a 20 salários mínimos
- (5) mais de 20 salários mínimos

#### **4 Moradia**

**4.1 Tipo de moradia** MORD I\_I

(1) própria (2) alugada (3) outros \_\_\_\_\_

Quantos cômodos tem sua casa? \_\_\_\_\_ COMOD I\_I

Você divide seu quarto com alguém? DIVQUAR I\_I

(1) Sim Quem? \_\_\_\_\_ (2) Não

No seu quarto há:

(1) cama de solteiro (2) cama de casal QUAR 1 I\_I

armário: (1) sim (2) não QUAR 2 I\_I

mesa de estudo: (1) sim (2) não QUAR 3 I\_I

computador: (1) sim (2) não QUAR 4 I\_I

televisão: (1) sim (2) não QUAR 5 I\_I

telefone: (1) sim (2) não QUAR 6 I\_I

#### **5 Renda e despesas**

**5.1 Você trabalha atualmente?** (1) sim (2) não TRABATUALMT I\_I

**5.2** Seu trabalho tem relação com o seu curso de graduação? RELGRAD I\_I

(1) sim (2) não (3) não se aplica

**5.3** Remuneração

Faz estágio: (1) sim (1) não FAZEST I\_I

Remunerado: (1) sim (2) não REM I\_I

Valor da remuneração: \_\_\_\_\_

Recebe mesada: (1) sim (2) não MESAD I\_I

Quem dá? Pai ( ) Mãe ( ) Pai e Mãe ( ) Outros \_\_\_\_\_

Quanto? \_\_\_\_\_

**5.4** Com que você gasta o seu dinheiro? Cite três exemplos em ordem de importância

1 \_\_\_\_\_

2 \_\_\_\_\_

3 \_\_\_\_\_

**5.5** Você tem caderneta de poupança? (1) sim (2) não CADPOUP I\_I

**5.6** Você pensa em utilizar os recursos da poupança para:

---



---

**5.7** Você tem bolsa de estudos? (1) não (2) sim (3) total (4) parcial BOEST I\_I

**5.8** Você utiliza algum tipo de crédito (crédito educativo/bancário) para custear seus estudos? CREDEDUC I\_I

(1) não (2) sim

**6** Dados sobre saúde

**6.1** Você tem plano de saúde? PLASAUD I\_I

(1) sim (2) não



**6.2** Quem paga? \_\_\_\_\_

**6.3** Você vai ao médico regularmente? MEDREG I\_ I

(1) sim (2) não

**6.4** Você tem algum problema de saúde?

(1) não (2) sim Qual? \_\_\_\_\_

**6.5** Já foi hospitalizado? HOSP I\_ I

(1) sim (2) não

**6.6** Motivo \_\_\_\_\_

**6.7** Acompanhante \_\_\_\_\_

**6.8** Que idade tinha? \_\_\_\_\_

## **7 Experiências afetivo-sexuais**

**7.1** Namora atualmente? NAMATUAL I\_ I

(1) sim (2) não

**7.2** Quanto tempo de namoro? \_\_\_\_\_

**7.3** Quantos anos você tinha quando teve o/a primeiro/a namorado/a? \_\_\_\_\_

**7.4** Você já teve relação sexual? RELSEX I\_ I

(1) sim (2) não

**7.5** Qual a sua idade quando teve sua primeira relação sexual? \_\_\_\_\_

**7.6** Você utiliza métodos contraceptivos? METCONT I\_ I

(1) não (2) sim Quais? \_\_\_\_\_

**7.7.** Você utiliza métodos de prevenção de DST e AIDS? METPREV I\_ I

(1) não (2) sim Quais? \_\_\_\_\_

**7.8** Seu/sua namorado/a mora com os pais? NAMMOPAIS I\_ I

(1) sim (2) não

**Em caso positivo:**

**7.9** Você frequenta a casa do(a) seu(sua) namorado(a)? FRCANAM I\_I

(1) sim (2) não

**7.10** Vocês dormem juntos na casa dele/dela? DORJUNT I\_I

(1) sim (2) não

**Caso o entrevistado more com os pais:**

**7.11** Seu/ua namorado/a frequenta a sua casa? FREQCAS I\_I

(1) sim (2) não

**7.12** Você leva amigos em casa? LEVAMICASA I\_I

(1) sim (2) não

**7.13** Você viaja com amigos? VIAAMIG I\_I

(1) sim (2) não

**7.14** Você viaja com seu/ua namorado/a? VINAM I\_I

(1) sim (2) não

**7.15** Vocês dormem juntos na sua casa? DORJUNT I\_I

(1) sim (2) não

**8 Opções de lazer, cultura e de acesso a informação**

**8.1** Você vai ao cinema? VOCCINEM I\_I

(1) uma vez por semana (2) uma vez por mês (3) raramente (4) nunca

**8.2** Qual o seu gênero preferido de filme? GENPREFFIL I\_I

(1) filme de arte (2) policial/guerra (3) ficção (4) comédia (5) drama (6) romance

**8.3** Você vai ao teatro? VOCTEAT I\_I

(1) uma vez por semana (2) uma vez por mês (3) raramente (4) nunca

**8.4** Você vai a shows? VOCSHOW I\_I

(1) uma vez por semana (2) uma vez por mês (3) raramente (4) nunca

**8.5** Você vai a danceteria e boates? DANBOAT I\_I

(1) uma vez por semana (2) uma vez por mês (3) raramente (4) nunca

**8.6** Você vai a bares? VOBAR I\_I

(1) uma vez por semana (2) uma vez por mês (3) raramente (4) nunca

**8.7** Onde você busca informações? BUSCINFORM I\_I

(1) Internet (2) TV aberta (3) TV a cabo (4) jornal (5) revista (6) outros

**8.8** Você usa a Internet para USAINTER I\_I

(1) estudar (2) entrar em sites de amizade (3) jogar

(4) entrar em sites de namoro (5) buscar informação

**8.9** Você lê livros de literatura? LELIV I\_I

(1) frequentemente (2) raramente (3) nunca

**8.10** Você viaja frequentemente? VIAGFREQ I\_I

(1) com amigos (2) com namorado/a (3) com a família

**8.11** Você já realizou viagens internacionais? VIAGINTER I\_I

(1) com amigos (2) com namorado/a (3) com a família (4) intercâmbio estudantil

(5) sozinho/a (6) não

## **9 Formação extracurricular**

**9.1** Você faz cursos extracurriculares? ( ) Não ( ) Sim

Quais?

---

---

**9.2** O pagamento dos cursos extracurriculares é feito integralmente      PAGEXTR I\_I

(1) pelo próprio aluno (2) pelo pai (3) pela mãe (4) pelos pais  
(5) não se aplica (6) outro. Quem? \_\_\_\_\_

**9.3** Utiliza seu conhecimento de línguas estrangeiras para estudar? ( ) sim ( ) não

## 10 RELACIONAMENTO FAMILIAR

**10.1** Como é o seu relacionamento com seu pai?      RELFAMÍL I\_I

(1) ótimo (2) bom (3) regular (4) ruim (5) péssimo

**10.2** Como é o seu relacionamento com sua mãe?      RELMAE I\_I

(1) ótimo (2) bom (3) regular (4) ruim (5) péssimo

**10.3** Como é o seu relacionamento com seus irmãos?      RELIRM I\_I

(1) ótimo (2) bom (3) regular (4) ruim (5) péssimo

## 11 MORAR COM OS PAIS E MORAR SEM OS PAIS

**11.1** Já morou sozinho alguma vez?      MORSOZ I\_I

(1) sim (2) não

**11.2** Quantos anos você tinha? \_\_\_\_\_

**11.3** Onde? \_\_\_\_\_

**11.4** Motivo principal \_\_\_\_\_

**11.5** Voltou a morar com os pais?      MORPAIS I\_I

(1) sim (2) não

**11.6** Motivo principal \_\_\_\_\_

**11.7** Tem amigos que moram sozinhos (sem os pais e sem a sustentação financeira da família)?      AMIG I\_I

(1) sim (2) não

**11.8** Qual a idade deles? \_\_\_\_\_

**11.9** Qual o sexo predominante de seus amigos? SEXPRED

(1) feminino (2) Masculino

## **12 PLANOS PARA O FUTURO**

**12.1** Após a formatura no curso de graduação, você pretende continuar seus estudos no Brasil? CURGRAD

(1) sim (2) não

**Em caso positivo, pretende fazer**

(1) especialização (2) residência (3) mestrado (4) doutorado (5) todas as opções

**12.2** Com quais pessoas você, costuma buscar informações quando tem problemas? AJUDA

(1) pais (2) amigos (3) irmãos (4) Parentes (5) Outros

**12.3** Há mais alguma informação sobre seu estilo de vida e seu futuro que você gostaria de fornecer?

---

---

**12.4** Escolha quatro qualidades que você pensa possuir

(1) estudioso/a (2) responsável (3) sincero/a (4) verdadeiro/a (5) assíduo/a

(6) amigo/a (7) amável (8) respeitador/a (9) carinhoso/a

QUAPES1

QUAPES2

QUAPES3

QUAPES4

**12.5** Quem se responsabilizaria financeiramente para que você continuasse os seus estudos? FINESTUD I\_I

(1) pai (2) mãe (3) pai e mãe (4) você próprio (5) bolsa

(6) outros. Quem? \_\_\_\_\_

### **13 APÓS A GRADUAÇÃO**

**13.1** Após sua formatura de graduação, você pretende trabalhar PRETTRAB I\_I

(1) exclusivamente na sua área de formação, independentemente do tempo que demore para arrumar trabalho

(2) em qualquer atividade, após 2 anos de busca de trabalho na área

(3) em qualquer atividade

**13.2** Você pretende se casar? PRETCAS I\_I

(1) antes da formatura (2) depois da formatura

**13.3** Você pretende ser pai/mãe? PRETSPAIMAE I\_I

(1) não (2) sim. Quando (tempo em anos)? \_\_\_\_\_

**13.4** Em quais circunstâncias você sairia da casa dos seus pais? SACASPAIS I\_I

(1) apenas casado/a

(2) para estudar em outra cidade, estado ou país

(3) para trabalhar em outra cidade, estado ou país

(4) para morar sozinho/a na mesma cidade

(5) para morar sozinho/a em outra cidade, estado ou país

(6) Não sairia em nenhuma circunstância

**AUTORIZAÇÃO**

Autorizo a utilização das informações contidas neste questionário para fins científicos, desde que seja restrita à tese e aos seus produtos decorrentes e previstos.

Goiânia, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2009

Nome: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

**Apêndice C. Roteiro para a entrevista semiestruturada individual****ROTEIRO DE ENTREVISTA INDIVIDUAL****Dados de identificação:**

Data da entrevista: \_\_\_\_/\_\_\_\_/2009

Nome: \_\_\_\_\_

Data de nascimento:     /     /     Cidade \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Estado civil: \_\_\_\_\_

Endereço: \_\_\_\_\_

Telefones para contato: \_\_\_\_\_

E-mail: \_\_\_\_\_

Nome da Pesquisadora: Ivoni de Souza Fernandes

**ESTRUTURA DA ENTREVISTA****1 SOBRE FAMÍLIA, ESCOLA E RELIGIÃO (PASSADO)**

1 Fale sobre sua família (como é composta, com quem mora, como se relacionam...)  
(resgatar a escolaridade dos pais e investigar a importância disso na formação do jovem)

2 Sua família tem religião? E você? Se tiver: o que significa a religião para você?



3 Fale sobre a sua trajetória escolar.

Qual a contribuição do ensino fundamental (1º ao 9º ano) e médio na definição do processo acadêmico? Sua participação e interação (colegas, professores e pais).

4 O que mais marcou sua vida na escola?

5 Como a sua família contribuiu na sua formação, em especial na escola? (ver família ampla...)

## **2 CONHECIMENTO E VIDA ACADÊMICA (PRESENTE)**

6 Por quais motivos fez vestibular? Por que escolheu este curso?

7 Você acha importante uma pessoa estudar ? Por quê? (Explorar sobre o que é conhecimento, significado de fazer curso superior).

8 Fale de sua trajetória na universidade (desempenho nas disciplinas, grupos de pertença na universidade, relações com professores...)

9 Como é seu processo de estudo? Frequenta a biblioteca?

Costuma participar de eventos científicos (seminários, congressos, etc.)? Participa de grupos de estudo ou de pesquisa?

10 Quando sente dificuldades no mundo acadêmico, a quem você recorre primeiro? Por quê?

11 Você trabalha? (carga horária diária) O curso que você faz tem relação com seu trabalho?

12 Sei que este curso exige muito estudo. Como você concilia as exigências do curso com o trabalho?

13 O que gosta de fazer como lazer? Participa de grupos? Costuma sair com amigos/as, namorado/a? É possível conciliar o estudo e o lazer? Qual deles você privilegia?

### **3 SOBRE O TRABALHO (FUTURO)**

14 O que pretende fazer quando terminar seu curso? Tem intenção de continuar os estudos? Por quê?

15 Como avalia sua formação profissional? Sente que está se preparando adequadamente para ser um/a bom/oa profissional?

16 Que expectativas você tem sobre sua vida futura, em especial quanto ao trabalho?

17 Qual contribuição você gostaria de dar para a sociedade?

18 Você gostaria de dizer mais alguma coisa que não foi perguntado por mim?

## Apêndice D. Guia para a condução do grupo focal

### ESTRUTURA DA ENTREVISTA – ROTEIRO DO GRUPO FOCAL

BLOCO TEMÁTICO	PERGUNTA	OBJETIVO
<b>SOCIEDADE</b>	<p>*O que pensa a respeito da sociedade? É importante? Por quê?</p> <p>* Vocês mudariam alguma coisa na sociedade?</p> <p>* Qual contribuição você poderia dar para a sociedade?</p> <p>* Que valores estão presentes na sociedade de hoje? Em quais valores a educação do jovem é baseada?</p>	Compreender a importância da sociedade para o sujeito pesquisado
<b>FAMÍLIA</b>	<p>* O que significa para vocês ter uma família?</p> <p>* Poderiam falar um pouco da sua relação com seus pais e irmãos?</p> <p>* Qual a contribuição da sua família no seu processo formativo?</p> <p>* Vocês acham que são compreendidos pelos seus pais? Existe diálogo entre vocês? Seus pais</p>	Compreender a importância da família para o sujeito pesquisado

	<p>orientam vocês de alguma forma?</p> <p>* Vocês pretendem construir uma família?</p>	
<b>JUVENTUDE</b>	<p>* O que é ser jovem para vocês?</p> <p>* Os jovens são aceitos na sociedade? Como?</p> <p>* Para vocês, o que a sociedade atual entende por juventude? Ela aceita os jovens?</p>	<p>Conhecer, analisar e detectar os sentidos e os significados da juventude atribuídos por estes jovens pesquisados</p>
<b>VIDA ACADÊMICA</b>	<p>O conhecimento é importante na sua vida? Por quê?</p> <p>* Como vocês interagem e se organizam no contexto universitário?</p> <p>* Gostaria que falassem um pouco sobre o seu curso.</p> <p>* O que significa fazer um curso superior para vocês?</p> <p>* O conhecimento é importante na sua vida? Por quê?</p> <p>* Quais os sentidos e os significados que vocês atribuem à sua formação acadêmica?</p>	<p>Conhecer, analisar e detectar os sentidos e os significados construídos por estes estudantes e investigar a importância do conhecimento para sua vida acadêmica</p>

<b>VIDA FUTURA</b>	<ul style="list-style-type: none"><li>* Como vocês veem seu futuro, depois que terminarem a graduação?</li><li>* Vocês acham que estão apreendendo conhecimento sólido na universidade?</li><li>* Isso é um poder para o seu futuro?</li><li>* Poderiam falar um pouco dos projetos que têm para seu futuro?</li></ul>	Conhecer as projeções futuras em relação à profissão
--------------------	--	--

## Apêndice E. Tabelas

**Tabela 1.** Tipos de moradia dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Tipo de moradia</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Própria	201	83,8	85,9
Alugada	27	11,3	11,5
Outros	6	2,5	2,6
Total	234	97,5	100,0
Não computado	6	2,5	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Própria	142	78,9	83,5
Alugada	24	13,3	14,1
Outros	4	2,2	2,4
Total	170	94,4	100,0
Não computado	10	5,6	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 2.** Renda familiar dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Renda familiar (salário mínimo)</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
1 a 5	11	4,6	4,9
6 a 10	91	37,9	40,8
11 a 15	52	21,7	23,3
16 a 20	26	10,8	11,7
Mais de 20	43	17,9	19,3
Total	223	92,9	100,0
Não computado	17	7,1	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
1 a 5	24	13,3	14,5
6 a 10	47	26,1	28,5
11 a 15	41	22,8	24,8
16 a 20	18	10,0	10,9
Mais de 20	35	19,4	21,2
Total	165	91,7	100,0
Não computado	15	8,3	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 3.** Profissão dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Profissão</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Pais dos acadêmicos de medicina</b>			
Advogado	10	4,2	5,6
Agente de turismo	4	1,7	2,3
Agricultor	2	0,8	1,1
Agrônomo	4	1,7	2,3
Aposentado	2	0,8	1,1
Autônomo	2	0,8	1,1
Chefe de oficina	2	0,8	1,1
Comerciante	27	11,3	15,3
Contador	4	1,7	2,3
Corretor	4	1,7	2,3
Delegado	5	2,1	2,8
Economista	2	0,8	1,1
Empresário	14	5,8	7,9
Engenheiro civil	14	5,8	7,9
Engenheiro elétrico	2	0,8	1,1
Escrivão	4	1,7	2,3
Funcionário público	8	3,3	4,5
Geógrafo	2	0,8	1,1
Geólogo	1	0,4	0,6
Jornalista	4	1,7	2,3
Lavrador	4	1,7	2,3
Mecânico	3	1,3	1,7

Continua



Continuação

**Tabela 3.** Profissão dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Profissão</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Pais dos acadêmicos de medicina</b>			
Médico	29	12,1	16,4
Odontólogo	3	1,3	1,7
Oficial de justiça	2	0,8	1,1
Pecuarista	2	0,8	1,1
Professor	5	2,1	2,8
Publicitário	4	1,7	2,3
Representante comercial	7	2,9	4,0
Vendedor	1	0,4	0,6
Total	177	73,8	100,0
Não computado	63	26,3	
<b>Total</b>	<b>240</b>	<b>100,0</b>	
<b>Mães dos acadêmicos de medicina</b>			
Administradora	7	2,9	3,7
Advogada	8	3,3	4,3
Agente de viagem	2	0,8	1,1
Arquiteta	5	2,1	2,7
Auditora fiscal	2	0,8	1,1
Bancária	4	1,7	2,1
Comerciante	9	3,8	4,8
Designer de interiores	4	1,7	2,1

Continua

Continuação

**Tabela 3.** Profissão dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Profissão</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Mães dos acadêmicos de medicina</b>			
Do lar	17	7,1	9,1
Empresária	4	1,7	2,1
Enfermeira	4	1,7	2,1
Engenheira civil	4	1,7	2,1
Farmacêutica	4	1,7	2,1
Funcionária pública	35	14,6	18,7
Médica	17	7,1	9,1
Odontóloga	7	2,9	3,7
Pedagoga	8	3,3	4,3
Professora	29	12,1	15,5
Psicóloga	7	2,9	3,7
Publicitária	4	1,7	2,1
Secretária	4	1,7	2,1
Telefonista	2	0,8	1,1
Total	187	77,9	100,0
Não computado	53	22,1	
Total	240	100,0	
<b>Pais dos acadêmicos de direito</b>			
Administrador	10	5,6	8,3
Advogado	16	8,9	13,2
Agricultor	1	0,6	0,8
Agrônomo	2	1,1	1,7

Continua

Continuação

**Tabela 3.** Profissão dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Profissão</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Pais dos acadêmicos de direito</b>			
Agropecuarista	4	2,2	3,3
Aposentado	3	1,7	2,5
Auditor fiscal	1	0,6	0,8
Autônomo	4	2,2	3,3
Bancário	3	1,7	2,5
Comerciante	5	2,8	4,1
Contador	2	1,1	1,7
Corretor	7	3,9	5,8
Desembargador	2	1,1	1,7
Economista	1	0,6	0,8
Empresário	7	3,9	5,8
Engenheiro civil	1	0,6	0,8
Engenheiro químico	2	1,1	1,7
Funcionário público	8	4,4	6,6
Funcionário público federal	5	2,8	4,1
Jornalista	3	1,7	2,5
Médico	2	1,1	1,7
Odontólogo	1	0,6	0,8
Peão de fazenda	1	0,6	0,8
Pecuarista	1	0,6	0,8
Pedreiro	4	2,2	3,3

Continua

Continuação

**Tabela 3.** Profissão dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Profissão</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Pais dos acadêmicos de direito</b>			
Policial	1	0,6	0,8
Professor	10	5,6	8,3
Representante comercial	11	6,1	9,1
Técnico	1	0,6	0,8
Veterinário	2	1,1	1,7
Total	121	67,2	100,0
Não computado	59	32,8	
Total	180	100,0	
<b>Mães dos acadêmicos de direito</b>			
Advogada	3	1,7	2,2
Aposentada	8	4,4	6,0
Assistente social	3	1,7	2,0
Autônoma	1	0,6	0,7
Comerciante	3	1,7	2,2
Comerciária	3	1,7	2,2
Coordenadora pedagógica	1	0,6	0,7
Cozinheira	2	1,1	1,5
Decoradora de interiores	2	1,1	1,5
Desempregada	1	0,6	0,7

Continua

Conclusão

**Tabela 3.** Profissão dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Profissão</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Mães dos acadêmicos de direito</b>			
Do lar	34	18,9	25,4
Empresária	2	1,1	1,5
Enfermeira	2	1,1	1,5
Engenheira civil	1	0,6	0,7
Estudante	2	1,1	1,5
Farmacêutica	2	1,1	1,5
Funcionária pública	26	14,4	19,4
Funcionária pública municipal	2	1,1	1,5
Jornalista	3	1,7	2,2
Médica	5	2,8	3,7
Odontóloga	1	0,6	0,7
Pedagoga	1	0,6	0,7
Pensionista	3	1,7	2,2
Professora	18	10,0	13,4
Socióloga	2	1,1	1,5
Técnica em segurança do trabalho	1	0,6	0,7
Turismóloga	2	1,1	1,5
Total	134	74,4	100,0
Não computado	46	25,6	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 4.** Nível de escolaridade dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Nível de escolaridade</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Pais dos acadêmicos de medicina</b>			
Alfabetização	9	3,8	4,9
Educação básica	17	7,1	9,2
Ensino médio	29	12,1	15,8
Curso técnico	12	5,0	6,5
Ensino superior	82	34,2	44,6
Especialização	24	10,0	13,0
Mestrado	7	2,9	3,8
Doutorado	4	1,7	2,2
Total	184	76,7	100,0
Não computado	56	23,3	
Total	240	100,0	
<b>Mães dos acadêmicos de medicina</b>			
Alfabetização	12	5,0	6,0
Educação básica	19	7,9	9,5
Ensino médio	19	7,9	9,5
Curso técnico	1	0,4	0,5
Ensino superior	113	47,1	56,8
Especialização	29	12,1	14,6
Mestrado	1	0,4	0,5
Doutorado	5	2,1	2,5
Total	199	82,9	100,0
Não computado	41	17,1	
Total	240	100,0	

Continua

Continuação

**Tabela 4.** Nível de escolaridade dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Nível de escolaridade</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Pais dos acadêmicos de direito</b>			
Alfabetização	9	5,0	6,5
Educação básica	21	11,6	15,2
Ensino médio	35	19,4	25,4
Curso técnico	4	2,2	2,9
Ensino superior	53	29,4	38,4
Especialização	7	3,9	5,1
Mestrado	5	2,8	3,6
Doutorado	4	2,2	2,9
Total	138	76,7	100,0
Não computado	42	23,3	
Total	180	100,0	
<b>Mães dos acadêmicos de direito</b>			
Alfabetização	19	10,6	13,3
Educação básica	23	12,8	16,1
Ensino médio	24	13,3	16,8
Curso técnico	6	3,3	4,2
Ensino superior	55	30,6	38,5
Especialização	6	3,3	4,2
Mestrado	8	4,4	5,6
Doutorado	2	1,1	1,4

Continua

Conclusão

**Tabela 4.** Nível de escolaridade dos pais e das mães dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Nível de escolaridade</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Mães dos acadêmicos de direito</b>			
Total	143	79,4	100,0
Não computado	37	20,6	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.



**Tabela 5.** Distribuição por sexo dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Sexo</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Masculino	119	49,6	50,9
Feminino	115	47,9	49,1
Total	234	97,5	100,0
Não computado	6	2,5	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Masculino	64	35,6	35,8
Feminino	115	63,9	64,2
Total	179	99,4	100,0
Não computado	1	0,6	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 6.** Distribuição por faixa etária dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Faixa etária (anos)</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Menos de 20	23	9,6	10,0
De 20 a 25	192	80,0	83,5
De 25 a 30	12	5,0	5,2
De 30 a 35	3	1,3	1,3
De 35 a 40	0	0,0	0,0
Acima de 40	0	0,0	0,0
Total	230	95,8	100,0
Não computado	10	4,2	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Menos de 20	8	4,4	4,5
De 20 a 25	145	80,6	82,4
De 25 a 30	15	8,3	8,5
De 30 a 35	2	1,1	1,1
De 35 a 40	3	1,7	1,7
Acima de 40	3	1,7	1,7
Total	176	97,8	100,0
Não computado	4	2,2	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 7.** Estado civil dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Estado civil</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Solteiro	215	89,6	100,0
Casado	0	0,0	0,0
Separado/divorciado	0	0,0	0,0
União estável	0	0,0	0,0
Outros	0	0,0	0,0
Total	215	89,6	100,0
Não computado	25	10,4	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Solteiro	162	90,0	92,0
Casado	8	4,4	4,5
Separado/divorciado	4	2,2	2,3
União estável	2	1,1	1,1
Outros	0	0,0	0,0
Total	176	97,8	100,0
Não computado	4	2,2	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 8.** Ano escolar que cursam os acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Ano escolar que cursa</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Quinto	31	12,9	13,2
Quarto	99	41,3	42,3
Terceiro	104	43,3	44,4
Total	234	97,5	100,0
Não computado	6	2,5	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Quinto	39	21,7	21,7
Quarto	83	46,1	46,1
Terceiro	58	32,2	32,2
Total	180	100,0	100,0
Não computado	0	0,0	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 9.** Trabalho dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Trabalha atualmente</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Sim	18	7,5	7,7
Não	216	90,0	92,3
Total	234	97,5	100,0
Não computado	6	2,5	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Sim	88	48,9	51,5
Não	83	46,1	48,5
Total	171	95,0	100,0
Não computado	9	5,0	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 10.** Ano de conclusão do ensino médio dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Ano de conclusão do ensino médio</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Entre 1995 a 2002	29	12,1	15,2
2003	32	13,3	16,8
2004	38	15,8	19,9
2005	38	15,8	19,9
2006	49	20,4	25,7
2007	5	2,1	2,6
Total	191	79,6	100,0
Não computado	49	20,4	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Entre 1995 a 2002	16	8,9	9,1
2003	24	13,3	13,6
2004	28	15,6	15,9
2005	73	40,6	41,5
2006	31	17,2	17,6
2007	4	2,2	2,3
Total	176	97,8	100,0
Não computado	4	2,2	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 11.** Tempo de estudo no cursinho pré-vestibular dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Tempo de estudo no cursinho pré-vestibular</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Menos de um semestre	19	7,9	9,9
Um ano	63	26,3	33,0
Mais de um ano	109	45,4	57,1
Total	191	79,6	100,0
Não computado	49	20,4	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Menos de um semestre	8	4,4	9,9
Um ano	54	30,0	66,7
Mais de um ano	19	10,6	23,5
Total	81	45,0	100,0
Não computado	99	55,0	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 12.** Número de vezes que os acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa prestaram vestibular.

<b>Número de vezes que prestou vestibular</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Uma	6	2,5	3,2
Duas	61	25,4	32,3
Três	18	7,5	9,5
Quatro ou mais	104	43,3	55,0
Total	189	78,8	100,0
Não computado	51	21,3	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Uma	8	4,4	9,9
Duas	54	30,0	66,7
Três	16	8,9	19,8
Quatro ou mais	3	1,7	3,7
Total	81	45,0	100,0
Não computado	99	55,0	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.



**Tabela 13.** Motivo de escolha do curso relatado pelos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Motivo de escolha do curso</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Afinidade	153	63,8	66,5
Expectativa de emprego	65	27,1	28,3
Facilidade de passar	12	5,0	5,2
Total	230	95,8	100,0
Não computado	10	4,2	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Afinidade	106	58,9	59,2
Expectativa de emprego	72	40,0	40,2
Facilidade de passar	1	0,6	0,6
Total	179	99,4	100,0
Não computado	1	0,6	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 14.** Sentido do curso na vida dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Sentido do curso na vida</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Sim	201	83,8	85,9
Mais ou menos	21	8,8	9,0
Não	0	0,0	0,0
Às vezes	12	5,0	5,1
Total	234	97,5	100,0
Não computado	6	2,5	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Sim	145	80,6	80,6
Mais ou menos	31	17,2	17,2
Não	0	0,0	0,0
Às vezes	4	2,2	2,2
Total	180	100,0	100,0
Não computado	0	0,0	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 15.** Nível de satisfação com a escolha do curso dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Satisfação com a escolha do curso</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Sim	182	75,8	78,4
Mais ou menos	28	11,7	12,1
Não	10	4,2	4,3
Às vezes	12	5,0	5,2
Total	232	96,7	100,0
Não computado	8	3,3	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Sim	98	54,4	54,4
Mais ou menos	60	33,3	33,3
Não	14	7,8	7,8
Às vezes	8	4,4	4,4
Total	180	100,0	100,0
Não computado	0	0,0	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 16.** Acesso a informações dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Acesso a informações</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Internet	186	77,5	80,9
TV aberta	34	14,2	14,8
TV a cabo	10	4,2	4,3
Jornal	0	0,0	0,0
Revista	0	0,0	0,0
Outros	0	0,0	0,0
Total	230	95,8	100,0
Não computado	10	4,2	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Internet	132	73,3	80,5
TV aberta	15	8,3	9,1
TV a cabo	3	1,7	1,8
Jornal	3	1,7	1,8
Revista	8	4,4	4,9
Outros	3	1,7	1,8
Total	164	91,1	100,0
Não computado	16	8,9	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 17.** Participação em atividades extracurriculares dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Participação em atividades extracurriculares</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Sim	141	58,8	67,5
Não	68	28,3	32,5
Total	209	87,1	100,0
Não computado	31	12,9	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Sim	74	41,1	56,5
Não	57	31,7	43,5
Total	131	72,8	100,0
Não computado	49	27,2	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 18.** Relacionamento com pais, mães e irmãos dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Relacionamento</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Com o pai			
Ótimo	149	62,1	68,0
Bom	55	22,9	25,2
Regular	6	2,5	2,7
Ruim	9	3,8	4,1
Péssimo	0	0,0	0,0
Total	219	91,3	100,0
Não computado	21	8,8	
Total	240	100,0	
Com a mãe			
Ótimo	154	64,2	65,7
Bom	75	31,3	32,1
Regular	3	1,3	1,3
Ruim	2	0,8	0,9
Péssimo	0	0,0	0,0
Total	234	97,5	100,0
Não computado	6	2,5	
Total	240	100,0	
Com os irmãos			
Ótimo	119	49,6	65,4
Bom	50	20,8	27,5
Regular	0	0,0	0,0

Continua

Continuação

**Tabela 18.** Relacionamento com pais, mães e irmãos dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Relacionamento</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Com os irmãos			
Ruim	11	4,6	6,0
Péssimo	2	0,8	1,1
Total	182	75,8	100,0
Não computado	58	24,2	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Com o pai			
Ótimo	113	62,8	70,6
Bom	35	19,4	21,9
Regular	5	2,8	3,1
Ruim	4	2,2	2,5
Péssimo	3	1,7	1,9
Total	160	88,9	100,0
Não computado	20	11,1	
Total	180	100,0	
Com a mãe			
Ótimo	100	55,6	58,1
Bom	71	39,4	41,3
Regular	0	0,0	0,0
Ruim	1	0,6	0,6
Péssimo	0	0,0	0,0

Continua

Conclusão

**Tabela 18.** Relacionamento com pais, mães e irmãos dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Relacionamento</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de direito</b>			
<b>Com a mãe</b>			
Total	172	95,6	100,0
Não computado	8	4,4	
Total	180	100,0	
<b>Com os irmãos</b>			
Ótimo	65	36,1	45,5
Bom	62	34,4	43,4
Regular	3	1,7	2,1
Ruim	12	6,7	8,4
Péssimo	1	0,6	0,7
Total	143	79,4	100,0
Não computado	37	20,6	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.



**Tabela 19.** Opções de lazer e cultura dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Opção de lazer e cultura</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
<b>Cinema</b>			
Uma vez por mês	92	38,3	39,7
Uma vez por semana	104	43,3	44,8
Raramente	34	14,2	14,7
Nunca	2	0,8	0,9
Total	232	96,7	100,0
Não computado	8	3,3	
Total	240	100,0	
<b>Teatro</b>			
Uma vez por mês	34	14,2	14,7
Uma vez por semana	0	0,0	0,0
Raramente	141	58,8	61,0
Nunca	56	23,3	24,2
Total	231	96,3	100,0
Não computado	9	3,8	
Total	240	100,0	
<b>Show</b>			
Uma vez por mês	48	20,0	21,8
Uma vez por semana	16	6,7	7,3
Raramente	118	49,2	53,6
Nunca	38	15,8	17,3
Total	220	91,7	100,0

Continua

Continuação

**Tabela 19.** Opções de lazer e cultura dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Opção de lazer e cultura</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Show			
Não computado	20	8,3	
Total	240	100,0	
Boate e danceteria			
Uma vez por mês	23	9,6	10,7
Uma vez por semana	70	29,2	32,7
Raramente	100	41,7	46,7
Nunca	21	8,8	9,8
Total	214	89,2	100,0
Não computado	26	10,8	
Total	240	100,0	
Barzinho			
Uma vez por mês	18	7,5	8,8
Uma vez por semana	133	55,4	65,2
Raramente	48	20,0	23,5
Nunca	5	2,1	2,5
Total	204	85,0	100,0
Não computado	36	15,0	
Total	240	100,0	

Continua

Continuação

**Tabela 19.** Opções de lazer e cultura dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Opção de lazer e cultura</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de direito</b>			
<b>Cinema</b>			
Uma vez por mês	88	48,9	59,1
Uma vez por semana	37	20,6	24,8
Raramente	21	11,7	14,1
Nunca	3	1,7	2,0
Total	149	82,8	100,0
Não computado	31	17,2	
Total	180	100,0	
<b>Teatro</b>			
Uma vez por mês	19	10,6	11,7
Uma vez por semana	8	4,4	4,9
Raramente	113	62,8	69,8
Nunca	22	12,2	13,6
Total	162	90,0	100,0
Não computado	18	10,0	
Total	180	100,0	
<b>Show</b>			
Uma vez por mês	33	18,3	22,0
Uma vez por semana	12	6,7	8,0
Raramente	98	54,4	65,3
Nunca	7	3,9	4,7
Total	150	83,3	100,0

Continua

Conclusão

**Tabela 19.** Opções de lazer e cultura dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Opção de lazer e cultura</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de direito</b>			
<b>Show</b>			
Não computado	30	16,7	
Total	180	100,0	
<b>Boate e danceteria</b>			
Uma vez por mês	21	11,7	14,7
Uma vez por semana	32	17,8	22,4
Raramente	67	37,2	46,9
Nunca	23	12,8	16,1
Total	143	79,4	100,0
Não computado	37	20,6	
Total	180	100,0	
<b>Barzinho</b>			
Uma vez por mês	20	11,1	12,9
Uma vez por semana	92	51,1	59,4
Raramente	33	18,3	21,3
Nunca	10	5,6	6,5
Total	155	86,1	100,0
Não computado	25	13,9	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 20.** Qualidades autoatribuídas pelos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Qualidade autoatribuída</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Estudioso	51	21,3	22,0
Responsável	52	21,7	22,4
Sincero	24	10,0	10,3
Verdadeiro	15	6,3	6,5
Assíduo	18	7,5	7,8
Amigo	54	22,5	23,3
Amável	2	0,8	0,9
Respeitador	12	5,0	5,2
Carinhoso	4	1,7	1,7
Total	232	96,7	100,0
Não computado	8	3,3	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Estudioso	61	33,9	40,7
Responsável	45	25,0	30,0
Sincero	9	5,0	6,0
Verdadeiro	2	1,1	1,3
Assíduo	2	1,1	1,3
Amigo	16	8,9	10,7
Amavel	3	1,7	2,0
Respeitador	1	0,6	0,7
Carinhoso	11	6,1	7,3
Total	150	83,3	100,0
Não computado	30	16,7	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**Tabela 21.** Amigos e experiências sexual-afetivas dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Amigos e experiências sexual-afetivas</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Faixa etária do amigo (anos)			
Até 20	71	29,6	38,8
De 20 a 30	99	41,3	54,1
De 30 a 40	9	3,8	4,9
Acima de 40	4	1,7	2,2
Total	183	76,3	100,0
Não computado	57	23,8	
Total	240	100,0	
Sexo predominante dos amigos			
Feminino	98	40,8	53,0
Masculino	87	36,3	47,0
Total	185	77,1	100,0
Não computado	55	22,9	
Total	240	100,0	
Leva amigos em casa			
Sim	143	59,6	88,3
Não	19	7,9	11,7
Total	162	67,5	100,0
Não computado	78	32,5	
Total	240	100,0	

Continua

Continuação

**Tabela 21.** Amigos e experiências sexual-afetivas dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Amigos e experiências sexual-afetivas</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
Idade em que manteve a primeira relação sexual (anos)			
Menos de 15	15	6,3	8,2
De 15 a 20	165	68,8	89,7
De 20 a 25	4	1,7	2,2
Acima de 25	0	0,0	0,0
Total	184	76,7	100,0
Não computado	56	23,3	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Faixa etária do amigo (anos)			
Até 20	36	20,0	34,3
De 20 a 30	64	35,6	61,0
De 30 a 40	3	1,7	2,9
Acima de 40	2	1,1	1,9
Total	105	58,3	100,0
Não computado	75	41,7	
Total	180	100,0	
Sexo predominante dos amigos			
Feminino	76	42,2	57,6
Masculino	56	31,1	42,4
Total	132	73,3	100,0

Continua

Conclusão

**Tabela 21.** Amigos e experiências sexual-afetivas dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Amigos e experiências sexual-afetivas</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de direito</b>			
Sexo predominante dos amigos			
Não computado	48	26,7	
Total	180	100,0	
Leva amigos em casa			
Sim	100	55,6	87,0
Não	15	8,3	13,0
Total	115	63,9	100,0
Não computado	65	36,1	
Total	180	100,0	
Idade em que manteve a primeira relação sexual (anos)			
Menos de 15	22	12,2	19,3
De 15 a 20	88	48,9	77,2
De 20 a 25	2	1,1	1,8
Acima de 25	2	1,1	1,8
Total	114	63,3	100,0
Não computado	66	36,7	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.




**Tabela 22.** Projetos para o futuro dos acadêmicos de medicina e direito da Universidade Federal de Goiás participantes da pesquisa.

<b>Pretende fazer pós-graduação</b>	<b>Frequência</b>	<b>%</b>	<b>% válida</b>
<b>Acadêmicos de medicina</b>			
No Brasil	151	62,9	67,4
Fora do Brasil	73	30,4	32,6
Total	224	93,3	100,0
Não computado	16	6,7	
Total	240	100,0	
<b>Acadêmicos de direito</b>			
No Brasil	139	77,2	92,7
Fora do Brasil	11	6,1	7,3
Total	150	83,3	100,0
Não computado	30	16,7	
Total	180	100,0	

**Fonte:** Elaborada pela autora com base em questionário aplicado durante a pesquisa empírica, em 2009.

**ANEXOS**

**Anexo A. Declaração de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa Médica Humana e Animal do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás**

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE  
 UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
 HOSPITAL DAS CLÍNICAS  
 COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA MÉDICA HUMANA E ANIMAL

**PROTOCOLO CEPMHA/HC/UFG N° 062409**
Goiânia, 15/06/2009

**INVESTIGADOR (A) RESPONSÁVEL (IES):** Profª Ivoni de Souza Fernandes

**TÍTULO:** "Sentidos e significados que estudantes de medicina e direito atribuem à sua formação acadêmica universitária."

**Área Temática:** Grupo III

**Área de Conhecimento:** Ciências Humanas/Psicologia


**Local de Realização:** Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Goiás; Universidade Católica de Goiás – Programa de Pós-graduação Stricto – Sensu em Psicologia (PSSP) e Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiás

Senhora Pesquisadora,

Informamos que o Comitê de Ética em Pesquisa Médica Humana e Animal do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Goiás, após análise das adequações solicitadas, aprova o projeto de acima referido, e o mesmo foi considerado em acordo com os princípios éticos vigentes.

- Não há necessidade de aguardar o parecer da CONEP- Comissão Nacional de Ética em Pesquisa para iniciar a pesquisa.
- Após início da pesquisa, o pesquisador responsável deverá encaminhar ao CEPMHA/HC/UFG, relatórios semestrais do andamento da pesquisa, data de encerramento, conclusão(ões) e publicação(ões).

O CEPMHA/HC/UFG pode, a qualquer momento, fazer escolha aleatória de estudo em desenvolvimento para avaliação e verificação do cumprimento das normas da Resolução 196/96 (*Manual Operacional Para Comitês de Ética em Pesquisa – Item 13*).

  
**Farm. José Mário Coelho Moraes**  
 Coordenador do CEPMHA/HC/UFG

P. AVENIDA LESTE, SÍTIO UNIVERSITÁRIO - CEP: 74.605-900 - FONES: 3299.8100 - FAX: 3249.8420  
 GOIÂNIA - GOIÁS

**Anexo B. Texto para leitura no grupo focal**

## SER JOVEM

(Artur da Távola)

Ser jovem.

Quem não gosta de permanecer jovem?

Ser jovem é amar a vida, cantar a vida, abraçar a vida, perdendo até as pedradas que a vida nos joga no rosto.

Ser jovem é ter altos e baixos, entusiasmos e desânimos. É vibrar com os momentos bons e passar por cima do que nos machuca, com um sorriso apagando os percalços.

Ser jovem é copiar poesias de amor e remetê-las ao namorado, namorada, com assinatura própria.

Ser jovem é ter os olhos molhados de esperança e adormecer com problemas, na certeza de que a solução madrugará no dia seguinte.

Ser jovem é transmitir otimismo, emocionar-se com filmes de ternura e simpatizar secretamente com "alguém" que a gente viu só de passagem.

Ser jovem é aquele desejo de fazer parar o relógio, quando o encontro é feliz, quando a companhia é agradável e a felicidade toma conta do nosso ser.

Ser jovem é caminhar firme no chão, à luz dalguma estrela distante.

Ser jovem é permanecer descobrindo, amando, servindo, sem nunca fazer distinção das pessoas.

Ser jovem é olhar a vida de frente, bem nos olhos, saudando cada novo dia, como presente de Deus.

Ser jovem é realimentar o entusiasmo, o sorriso, a esperança, a alegria, a cada amanhecer.

Ser jovem é amar a simplicidade, o vento, o perfume das flores, o canto dos pássaros. Ter alegria ao dramático, ao solene. E duvidar das palavras.